1129
2665

FELIX PACHECO

O Publicista da Regencia

Monographia Historica publicada nas columnas de honra do *Jornal do Commercio* no dia do Centenario do nascimento de Evaristo Ferreira da Veiga

RIO DE JANEIRO
TYP. DO "JORNAL DO COMMERCIO" DE RODRIGUES & COMP.
1899

A' Bibliotheca do Senado
off.
Felip Pacheco

FELIX PACHECO

O PUBLICISTA DA REGENCIA

Monographia Historica publicada nas columnas de honra do
Jornal do Commercio no dia do Centenario
do nascimento de Evaristo
Ferreira da Veiga

RIO DE JANEIRO
TYP. DO "JORNAL DO COMMERCIO" DE RODRIGUES & COMP.
1899

A
923.281
V426p
1899

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL
Este volume acha-se registrado
sob o numero 9.234
do ano de 1946

Evaristo Ferreira da Veiga

Technigraphie e Zincographie
E. Bernardon & C.

O PUBLICISTA DA REGENCIA

I

SUMMARIO — A influencia que Evaristo exerceu sobre os homens de seu tempo, demonstrada por um episodio interessante e real—O Centenario—Psychologia da Imprensa— O « Correio Braziliense » e « A Aurora Fluminense » — A nossa historia e os nossos historiographos — Reminiscencias collegiaes.

O famoso Duque de Bragança, dissolvendo, arbitraria e prepotentemente, a Constituinte, em 1823, pouco tempo depois enveredára pela trilho perigoso da corrupção e do absolutismo. A feição mais ou menos liberal e honesta, que o elemento andradino imprimira á politica nacional, fôra substituida pelo desbragamento da mais infrene dictadura. A' sombra do cezarismo crescera a anarchia, avolumára-se a ambição dos aventureiros, imperára o arbitrio e florescera o crime. A reacção, porém, viera, impetuosa, tenaz, ás vezes desregrada e violenta; e, batidos os absolutistas em todos os terrenos, o Monarcha, impotente em face do movimento popular, abdicára na pessoa de seu filho.

Iniciára-se uma nova época.

Um jornalista salvára, com sua penna de ouro, a honra de sua geração perante a Historia, e os seus esforços foram, com galhardia e firmeza, secundados por grande numero de patricios que commungavam no mesmo nobre credo politico.

Fôra elle o Messias de cujos labios jorraram incessantemente as palavras de fé, inspiradas e sãs, os ensinamentos, as doutrinas fecundas, os conselhos patrioticos, em summa fôra elle a alma do movimento que reivindicára os brios postergados da Nação e restabelecera a ordem constitucional.

A geração que surgia para as pugnas gurdava com carinho, como uma lição grandiosa, todas as palavras daquelle que «concorrera poderosa mas indirecta e involuntariamente para a revolução, e concorrera poderosamente mas directa e voluntariamente para que a Monarchia Constitucional não se perdesse nos abysmos da dissotução social». (1)

Evaristo Ferreira da Veiga sahiu um dia do edificio da Cadêa Velha, onde já então funccionava a Camara temporaria, em companhia de um joven estudante, o Sr. Luiz da Cunha Feijó, depois Visconde de Santa Izabel. Um mulato, pobremente vestido, um plebeu, acompanhou os de longe O jornalista, voltando-se para traz, notou que era seguido e que seu pagem desconhecido tinha as mãos cruzadas sobre as costas. Quem era elle e porque occultava assim tão cautelosamente as mãos? Já um inconsciente, cujo braço alheio espirito impulsionara, quizera assassinar Evaristo O jornalista communicou suas suspeitas ao joven que o acompanhava, ambos apressaram o passo, e, no momento em que entravam em uma loja de livros, que era como o jardim de Academus, onde, na legendaria e sabia Athenas, Platão doutrinava, o homem do povo, que vinha á curta distancia, approximou-se ligeiro.

As mãos do pobre plebeu, cruzadas sobre as costas, não empunhavam armas: seguravam apenas uma pequena e tosca corôa de louros, que foi, n'um movimento rapido e brusco, deposta sobre a cabeça do grande jornalista.

Evaristo voltou-se para traz, attonito e surpreso, e o joven estudante, correndo até ao meio da rua, poude ver ainda o desconhecido plebeu desapparecer na esquina proxima. (2)

Se quizessemos synthetisar em um unico facto toda a vida de Evaristo Ferreira da Veiga, o curioso episodio que deixamos narrado proclamaria bem alto o extraordinario valor moral do conspicuo jornalista e a influencia decisiva que exerceu sobre os homens de seu tempo. Vale pelo melhor dos panegyricos aquelle acto expontaneo e imprevisto, aquella coroação original, em plena rua, á luz meridiana. Fôra o povo que viera, velado e cauto para que o não surprehendessem e o não vissem, obscuro e anonymo na sua justiça, glorificar aquelle que houvera sido sempre o estrenuo defensor dos seus direitos e dos seus brios.

Os annos passaram, lentos e longos, arrastando comsigo, para o esquecimento, o nome do notavel Brazileiro. Apenas, de quando em quando, um parente, o Sr. Dr. Luiz Francisco da Veiga, cioso das glorias de sua familia, vinha lembrar ao publico os feitos grandiosos e as acções abnegadas e fecundas, dormindo esquecidos nas paginas dos chronistas do tempo, ou vivendo apenas no espirito de algum estudioso. (3)

Em 1887, o jornalismo desta Capital, que alquem despertara em tempo, celebrou modesta mas dignamente o jubileu da morte do eminente Redactor d'A Aurora Fluminense.

D. Edeltrudes Maria da Ascenção, viuva de Evaristo, pôde ainda testemunhar a merecida apotheose.

No dia 12 de Maio daquelle anno quasi todos os diarios do Rio consagraram um artigo á memoria do grande jornalista.

O *Diario Illustrado*, emmoldurando o retrato de Evaristo com um bello artigo escripto pelo saudoso Felix Ferreira, disse, no dia do Jubileu:

« Em Outubro de 1899, isto é, d'aqui a doze annos, será o centenario do seu nascimento; oxalá então seja tão grato acontecimento celebrado mais condignamente do que é hoje o cincoentenario do seu passamento.» (4)

No dia 12 de Maio do anno corrente escrevemos um longo artigo e levantámos a idéa da commemoração do centenario, idéa esta cuja prioridade cabe entretanto, como vimos, ao *Diario Illustrado*. Adheriram ao nosso appello *A Noticia*, *A Tribuna*, a *Gazeta de Noticias*, *O Paiz*, a *Folha do Norte*, a *Cidade do Rio*, o *Diario de Minas*, a *Gazeta Fluminense*, e outros jornaes dos Estados.

E' de crêr, pois, que, hoje, a imprensa, dando treguas ás dissenções, se una para prestar homenagem a Evaristo Ferreira da Veiga.

Todas as nossas classes sociaes guardam com carinho o nome dos que, no passado, souberam respectivamente honra-las. Os homens do Direito transformaram o nome de Teixeira de Freitas um um verdadeiro symbolo. A Engenharia consagra a André Rebouças, Honorio Bicalho e Villa Nova toda a veneração que merecem. Em todos os departamentos da Arte e da Litteratura existem idolos. A Medicina recorda sempre com o mais profundo respeito e a maior admiração o nome illustre do Barão de Petropolis e as glorias profissionaes do grande Torres Homem. O Clero vota o apreço merecido á memoria de S. Carlos, Mont'Alverne e outros.

Os politicos lembram frequentemente aquelles que com maior lustre deixaram seu nome

identificado com certos periodos da vida nacional. A Marinha considera uma reliquia preciosa e zela com grande amor e carinho a memoria de Tamandaré, Barroso e outros bravos marujos, que lhe deram o brilho de que tanto se ufana. O Exercito, sempre que se lhe offerece ensejo, rende homenagem aos que souberam dignificar a nobre carreira das armas. Ozorio, o indomavel gaúcho, cuja lança era como o raio e cuja coragem desregrada e impetuosa mais parecia loucura, está já perpetuado no bronze. Caxias, o politico habil e cauto, o soldado reflectido e calmo, o nosso Turenne, teve ha bem pouco tempo identica e merecida sagração. O Exercito não olvida o nome daquelles que lá ficaram sepultados em terra estranha, aonde os levára o cumprimento do dever.

Todos têm os seus idolos. E' da propria natureza humana semelhante sentimento.

A imprensa, talvez pelo caracter multiforme, complexo e dispersivo da instituição, não tem querido— ella só —honrar a memoria daquelles que, como Evaristo Ferreira da Veiga e Hypolito José da Costa Pereira, souberam colloca-la no mais alto nivel.

O facto tem a sua razão psychologica. Divaguemos um pouco.

A experiencia propria nos tem demonstrado que a Imprensa, tal qual ella é hoje em dia ou tal qual os tempos exigem que ella seja, constitue para os que se collocam ao seu serviço uma fonte de interminaveis desgostos. Não ha profissão mais ingrata nem mais difficil. O menos que o jornalista militante soffre ao cabo de algum tempo de contacto ininterrupto e diario com a sociedade, que para elle não tem reservas nem hypocrisias, e se mostra sem véos, desnuda, grande nas suas virtudes e nas suas bellezas, monstruosa nos seus vicios, nos seus preconceitos e nos seus crimes, o menos

que soffre é a perda fatal das suas illusões. Breve o que ficará, como a essencia do seu caracter, será uma descrença mortificante e profunda, um scepticismo amargo e doloroso ; e, afinal, a individualidade se anniquilará, e o jornalista será então somente o reflexo da sociedade em que vive. Fará glorificações e apotheoses, ao som de hymnos de triumpho ; derrocará os idolos, ao clamor de anathemas e blasphemias; pregará a concordia ou a luta, mas fará tudo isso obedecendo ás correntes exteriores da opinião, sujeitando-se á inconsciencia das turbas, ás paixões do populacho, á orientação caprichosa dos grupos e das facções. Em these, a verdade é esta. Não cogitamos das excepções, que não podem constituir regra.

Morta no jornalista a energia da iniciativa individual, restar-lhe-ha somente a descrença que atrophia, a desconfiança que enfraquece, a indifferença que paralysa, avilta e corrompe.

Entretanto, o canto da sereia continua a attrahir os incautos visionarios que acreditam na grandeza de sua propria fé, como se tudo quanto é humano não estivesse destinado a mutações interminaveis e constantes.

« Les journaux sortent de terre comme des champignons et cependant la France est pleine d'honnêtes citoyens dévorés du désir d'écrire dans les journaux et qui n'y écrivent point. Il s'en recontre partout, de ces aspirants journalistes, et lorsqu'une place, fût-ce la plus modeste, se trouve vacante, c'est par milliers qu'il faut compter ceux dont le rêve serait de l'occuper » (5)

Infelizmente, quando a desillusão chega, já o formidavel polvo nos tem acorrentado com seus tentaculos de ferro, e toda reacção será inutil...

Não desmoralisamos a instituição com o nosso juizo, que isso importaria na nossa propria des-

moralisação. Filhos da Imprensa, amamo-la e procuramos honra-la sempre. Seria porém, ridiculo e pueril, para esconder os seus vicios e defeitos, abdicar do nosso direito de critica e de analyse.

« Pourquoi la presse échapperait-elle á l'enquête moderne, qui s'est portée sur tous les mondes, toutes les professions ? On a étudié le magistrat, le prêtre, le soldat, l'ouvrier, le paysan, le bourgeois, l'homme politique, pourquoi n'étudierait-on pas le journaliste ? La presse, qui dénonce, attaque, flétrit, se donne le droit de relever les abus et les torts de chacun, ne peut prétendre demeurer invulnérable, se soustraire à toute critique. Car elle exercerait un despotisme inacceptable en notre temps et contre lequel un écrivain libre aurait le devoir de s'élever. Elle a, d'ailleurs, bec et ongle pour se défendre, tandis que ses victimes n'ont contre elle que de récours illusoires. Son silence seul peut être mortel. » (6)

Não vemos motivo que nos inhiba a enunciação de uma verdade que ninguem ignora. Nem a Imprensa pode querer oppôr impecilios aos que, de um ponto de vista geral e superior, se proponham examina-la em seu intimo.

« Elle est, du reste, ce que notre société l'a faite: elle est l'âme même de notre temps, elle en réprésente l'état d'ésprit, le caratère et les aspirations, car elle obéit à l'opinion publique, la reflète, en marque l'évolution. Notre époque, enfin, n'a que la presse qu'elle merite » (7)

Que mal existe na enunciação desta verdade banalissima, clara como a luz e conhecida de todos ?

« O jornal—diz Léon Bérnard Dérosne — é uma tribuna, um simples palanque erguido na praça publica, com accesso franco a qualquer pessôa, que a elle póde subir e expressar os grandiosos pensamentos que tumultuam em seu coração de patriota, suas esperanças, suas lamurias,

suas aspirações de cidadão, suas locubrações de pensador, ou fazer os seus tregeitos de garôto » (8)

Mas quem ousará por isso só provar que elle é máo em absoluto, e ataca-lo na sua mais solida garantia, que é a liberdade que as leis lhe outorgam ? Que representam os seus erros e os seus desvios em face da sua utilidade ?

« La presse — diz um sectario do naturalismo em carta aberta dirigida ao Sr. Emilio Zola, Summo Pontifice da mesma escola litteraria — fait plus de bien que de mal, est plus utile que nuisible : elle aide au progrès, dénonce et prévient des abus. Il faut l'accepter malgré ses vices, et c'est lui rendre service que de les signaler. »

Estendemo-nos mais do que pretendiamos. O que ahi fica documentado com transcripções basta para deixar bem nitidamente firmado o caracter da instituição hoje em dia.

O jornalismo brazileiro, inimizado e dividido, consagra o mais triste desprezo ás suas glorias e ás suas tradições. Os jornalistas preferem a obscuridade commoda do anonymato em que vivem mergulhados. O publico ignora a maioria dos nomes dos nossos homens de imprensa.

Porque tudo isso ? Por ventura a profissão deshonra e avilta ? Será um crime ser jornalista ? A sociedade verá com máos olhos os que se consagram a tal carreira ? O grande Cavour, ao qual a Italia deve o mesmo que ao Rei Galante e ao impetuoso Garibaldi, isto é, a grande obra da unificação dos estados da peninsula, Cavour lembrava sempre com orgulho o tempo em que militára no jornalismo. Guindado ás alturas, vio bem que, se não fôra jornalista, lá não houvera chegado, talvez. Tambem o restaurador da arte christã, o glorioso autor dos *Martyres*, Chateaubriand, não se pejava de ser jorna-

lista e dava mais valor a este tituto do que ás honrarias officiaes que lhe foram concedidas.

Armand Carrel e Prévost Paradol consideraram sempre o qualificativo de jornalistas como a conquista mais presada e mais honrosa. Como estes, outros muitos nomes poderiamos citar ainda, se não receiassemos fatigar a attenção do leitor.

E' lamentavel que a imprensa brazileira tenha deixado cahir no olvido o nome daquelles que, no inicio de nossa existencia politica, tanto souberam honrar e dignificar a instituição.

E' tempo de reparar a injustiça e a ingratidão de tantos annos. O nosso passado não nos envergonha ; pelo contrario, nos eleva e nos ennobrece. A Imprensa Brazileira póde com orgulho revêr a sua historia, que nella encontrará novos alentos e novas energias. Bem sabemos que, como disse o grande Alighieri — *nessun maggior dolore che ricordarsi del tempo felice nella miseria*... Ha dores que delicião, e a evocação do passado, a lembrança piedosa dos que se foram, punge, mas encanta. Oxalá possa e queira a nossa imprensa pagar a grande divida,erguendo a Evaristo e a Hypolito os monumentos que merecem.

Sejam elles os nossos patronos.

Hypolito, com o Correio Braziliense e Evaristo, com A Aurora Fluminense, o primeiro no Exterior, em Londres, e o segundo no Interior, no Rio de Janeiro, um concorrendo para a obra grandiosa de 7 de Setembro e outro fazendo o 7 de Abril, foram realmente os precursores dessa imprensa, que, a despeito de seus erros e de seus vicios, pugnou sempre pelas causas mais alevantadas e justas, e conseguio, quasi que por si só, levar a effeito a obra generosa da libertação de uma raça, humana como as outras, como todas capaz e digna, raça infeliz e proscripta, que vivia, ha seculos, jungida ao tronco, gemendo sob o azorrague impiedoso do eitor, lançando sobre a nossa civilisação uma

nodoa aviltante e constituindo a causa primordial de todos os nossos males, a começar pela dissolução do nosso caracter.

O centenario que hoje commemoramos é verdadeiramente o centenario da imprensa brazileira.

Juntando o nome de Hypolito ao de Evaristo e glorificando-os, teremos provado, embora tarde, que nos orgulhamos do nosso passado e sabemos honrar a memoria dos que nos precederam n'este posto de honra e de sacrificios.

Dissemos em 17 de Maio do anno corrente :

— Para aquelles que labutam nessa afanosa e ingrata vida do jornalismo e que vivem immersos na grande noite do anonymato, empenhados com ardor n'uma cruzada nobilissima em que as glorias não compensam nunca os sacrificios, o nome de Evaristo Ferreira da Veiga deve constituir um exemplo a imitar, um modelo a seguir, porque ninguem antes delle e ninguem melhor do que elle soube, no Brazil, comprehender a elevada missão da Imprensa.

Evaristo desempenhou no Brazil, nas lutas que se travaram no periodo tumultuoso da Abdicação, o mesmo papel altamente nobilitante e patriotico que o glorioso Hipolyto José da Costa Pereira representou no Exterior, propagando, de lá, as idéas de separação e de independencia nacional.

O Correio Brasiliense, que vio a luz do outro lado do Atlantico, nessa Inglaterra liberal e culta, onde os direitos não se conculcam nunca e onde as liberdades publicas se impõem com a força e o caracter indiscutiveis de um dogma, inviolaveis e sagradas, o Correio Brasiliense, em cujas columnas Hippolyto com tanta galhardia batalhou pela proclamação da Independencia; e A Aurora Fluminense, tribuna augusta e nobre, de onde Evaristo doutrinou, com inexcedivel elevação de vistas, durante os tempos

da violenta agitação partidaria que acompanhou os primeiros passos do Brazil na phase do seu desenvolvimento autonomico, no inicio de sua existencia politica, são dous marcos luminosos e refulgentes na historia do jornalismo patrio.

Arrancar estes dous nomes do esquecimento em que jazem, graças ao abastardamento civico do nosso povo, é um dever que se impõe a nós outros, que fazemos do jornal o vehiculo das nossas idéas e transformamos em pulpito, consumindo os annos nessa predica diaria, infecunda muitas vezes, porque não raro nos recusão justiça nos julgamentos, mas sempre elevada e nobre para aquelles que têm consciencia de que não polluem os altares, isto é, de que só se servem da Imprensa com honestidade e civismo, nunca como instrumento de suas paixões ou de seus interesses. —

Isto diziamos ha pouco tempo, e hoje podemos repetir, com a mesma sinceridade e com toda a satisfação que se póde ter no cumprimento de um dever civico:

— E' muito nossa, queremos dizer é muito da Imprensa, a data que assignala o centenario do nascimento do glorioso jornalista, que, com tanto talento e tanto civismo, redigiu A AURORA FLUMINENSE. (9)

Um povo que não sabe honrar o seu passado é moralmente um povo morto; faltar-lhe-ha, sem duvida, o animo preciso para arrostar com as difficuldades do presente, toda a confiança no futuro ficará desfeita, mortas serão todas as energias nacionaes, e, aos olhos do estrangeiro mais ou menos avido, parecerá uma realidade este enfraquecimento, e as consequencias de tal juizo não tardarão em se fazer sentir. —

Corroborando o que dissemos em 12 de Maio e que ahi fica transcripto, acrescentaremos que não sómente á Imprensa cabe a responsabilidade

do olvido mais ou menos accentuado em que a memoria de Evaristo tem vivido até hoje.

Elle não foi só um jornalista : foi tambem o brazileiro illustre que vingou, por meios humanos, a nossa dignidade, e impedio que o paiz se fraccionasse.

O nome do modesto livreiro, longe de figurar apenas, graças aos esforços de um parente, (10) nas esquinas de uma rua, deveria viver gravado, indelevelmente, em todos os corações patricios, e ser repetido, como o mais fecundo e nobre dos ensinamentos, á juventude das escolas.

Infelizmente, o povo, o grande anonymo, ignora-lhe o nome e os actos, e não incorreria, talvez, em erro quem dissesse que, mesmo nas classes de mediana cultura, difficilmente se encontrarão algumas pessoas que comprehendam o alto valor historico do eminente brazileiro e da geração vigorosa e pura de 1831.

A razão é simples : o Brazil não teve ainda o seu grande historiador. (11) O que se tem feito até hoje é accumular material. Abram-se os livros historicos que possuimos, e, pagina por pagina, analysando-os, chegaremos á conclusão tristissima, mas infelizmente inconcussa e real, de que lhes falta a intuição, o methodo, o espirito philosophico e o senso critico indispensaveis. E' audaciosa a affirmativa, mas é sincera. A Historia foi sempre a companheira das nossas vigilias. Desde os bancos collegiaes nos acostumamos a amar a austera e nobre Clio. Era sempre com interesse que ouviamos a palavra inspirada do nosso sabio mestre, um ancião respeitavel que ainda vive e cuja cegueira quasi completa é como a cegueira de Milton—abre-lhe os olhos d'alma, mais profundos, mais penetrantes, mais bellos olhos do que esses que o mundo exterior impressiona.

O meio contrariava as nossas tendencias. Dir-se-hia que um céo de chumbo pesava

sobre os nossos expontaneos anhelos e as nossas sinceras aspirações.

Guardamos ainda bem viva a impressão desse periodo de nossa vida. A evocação é necessaria como justificativa do fundamento da opinião que externamos e que espiritos suspeitosos poderão levar á conta de furor iconoclasta. Além disto, o caso não é individual e isolado: stereotypa fielmente um periodo interessante da vida nacional.

Inscreveramos o nosso nome no livro de matricula de um instituto de ensino militar.

Uma aversão natural e profunda a semelhante regimen escolastico nos obrigava a viver em rebeldia constante contra o meio. A farda oppunha á expansão dos nossos ideaes uma formidavel barreira. A liberdade de pensamento n'aquelle centro acanhado era asphyxiada pela manopla brutal da disciplina. Não nos assistia o direito de contradizer a opinião dos mestres, que deviam ser acceitas como dogmas, sem reluctancia e sem discussão. Se tentavamos alçar mais longe o vôo, as prescripções regulamentares cortavam-nos as azas. O nosso espirito se atrophiava dia a dia, jungido ao poste dos preconceitos absurdos e risiveis. Alguns lentes aferrados á orthodoxia positivista impunham-nos as suas doutrinas. Davam-nos o veneno e impediam que procurassemos o antidoto. Era o regimen da dictadura scientifica e religiosa...

Podemos recordar, entre outros muitos, o seguinte curioso episodio comnosco succedido:

Depois de tres ou quatro prelecções obscuras, o joven official que regia a cadeira de geometria marcou uma sabbatina. Tinhamos que determinar o logar da geometria na hierarchia scientifica, fixar qual o posto de honra de Euclydes. Aprenderamos a classificação de Comte. Pedimos a Herbert Spencer o auxilio de que

careciamos para contradizer o que ouviramos dos labios do mestre, e caro nos custou, bem caro, esse movimento de nobre rebeldia espiritual. Em todo caso, não nos puzeram algemas na intelligencia nas idéas.

Lamartine, em algumas paginas admiraveis sobre os destinos da poesia, descreveu, no prefacio das *Meditações*, quadro semelhante ao que estamos esboçando. Suppra o grande lyrico, com calor de sua phrase imaginosa e brilhante, a fraqueza do nosso verbo. O quadro vale, em synthese, por um decennio da historia politica da França.

« Je me souviens — diz o amante de Elvira — qu' à mon entrée dans de monde il n' y avait qu'une voix sur l' irremédiable décadence, sur la mort accomplie et dejá froide de cette mysterieuse faculté de l'ésprit humain.

C'était l'époque de l'empire, c'était l'heure de l'incarnation de la philosophie materialiste du dix-huitième siècle dans le gouvernement et dans les mœurs. Tous ces hommes géometriques qui seuls avaient alors la parole et qui nous écrasaient, nous autres jeunes hommes, sous l'insolente tyrannie de leur triomphe, croyaient avoir desséché pour toujours en nous ce qu'ils étaient parvenus en effet à fletrir et à tuer en eux, toute la partie morale, divine, mélodieuse de la pensée humaine. »

Não ha exaggero no quadro que nos descreve o autor de Graziella.

Eram, então, de facto, duas as dictaduras que opprimiam a França— a da espada e a da algebra. A força e o numero estavam de posse das posições.

« Calcul et force, chiffre et sabre, tout est lá. Nous ne croyons que ce qui se prouve, nous ne sentons que ce qui touche. »

Completemos a téla. Napoleão receiava a reacção contra o seu despotismo, e como esta reacção poderia nascer nos espiritos superiores e

independentes com mais facilidade do que no no animo do povo, o grande cabo de guerra comprehendeu que era preciso amordaçar os tribunos, quebrar a pena aos escriptores, opprimir os philosophos e os poetas, todas as almas nobres e generosas que achincalhava com a denominação de ideologos. Laplace teve então homenagens e honrarias, tributadas igualmente aos outros luminares da mathematica. A gloriosa Staël, a mais varonil de todas as damas, *génie mâle dans un corps de femme*, vio-se obrigada a transpôr o Rheno, buscando na Alemanha a tranquillidade de espirito que já não podia conservar na patria terra. Chateaubriand, em cuja fronte scysmadora a Fama gravara o *noli me tangere* que tempos depois o phantasista do *Le Monde Marche* divisou na de Lamartine, não obstante soffreu iguaes agruras.

« Le chiffre seul était permis honoré, protégé payé. Comme le chiffre ne raisonne pas, comme c'est un merveilleux instrument passif de tyrannie, qui ne demande jamais à quoi on l'emploie, qui n'éxamine nullement si on le fait servir à l'oppression du genre humain ou à sa délivrance, au meurtre de l'ésprit ou à son émancipation, le chef militaire de cette époque ne voulait pas d'autre missionaire, pas d'autre séide, et ce séide le servait bien. »

O simile que invocamos é, como se vê, perfeitissimo. Tambem o Brazil teve identico periodo. Nas escolas o livre exame era um crime : o alumno era obrigado a praticar uma especie de estellionato intellectual, endossando lettras falsas. Assim obravam porque sabiam que, quasi sempre, a juventude ama a reacção e a revolta. Fóra tambem assim em França :

« Par un sûr et prophétique instinct de leur destinée, ils tremblaient qu'elle ne ressuscitât dans le monde avec la liberté ; ils en jétaient au

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

vent les moindres racines à mesure qu'il en germait sous leurs pas, dans leurs écoles, dans leurs lycées, dans leurs gymnases, surtout dans leurs noviciats militaires et polytéchniques. »

Em tempo igual, no nosso paiz, tinhamos na propria escola um lenitivo e um antidoto. O estudo da historia ia revigorando o nosso caracter, tonificando-nos a alma. Meditando sobre a evolução das sociedades atravéz dos tempos, reflectindo sobre os grande movimentos sociaes, e especialmente muito lendo as nossas chronicas, conservamos o nosso espirito livre da dictadura scientifica e religiosa que nos impunham á força, e impedimos que se alterasse a essencia de nossos sentimentos, até o dia em que pudemos exclamar com Lamartine :

« Les mathématiques étaient les chaines de la pensée humanine. Je respire : elles sont brisées ! »

Data desta época a nossa aversão pela mathematica e o nosso amor pela Historia. Naquelles mezes angustiosos os historiadores classicos eram a nossa delicia: valiam pelo consolo de uma sombra em meio do areal deserto e esbraseado...

Foi então que lemos, um por um, todos os nossos chronistas.

Já deste estudo nos ficou a convicção de que, se possuimos algumas monographias de valor, não temôs entretanto um trabalho completo e digno do nosso passado. As fontes estrangeiras são, talvez, ainda hoje, as melhores.

Confessamos a tristeza que sentimos quando, por exemplo, pômos em confronto a sizudez, a clareza e o criterio de Armitage, com a desordem, a obscuridade e o strabismo do Sr. Pereira da Silva.

Não temos—permittam-nos a repetição desta verdade que tanto humilha os nossos fóros de nação culta — não temos, como a Inglaterra, um Macaulay, um Carlyle, um Buckle, ou, como a Suissa, um Müller, ou, como a Allemanha, um Zeller, ou, como a França, um Taine, um Mezaray, um Henri Martin, um Michelet, um Guizot, um Chateaubriand ou um Thiers.

O nosso passado anda por ahi disperso, sem que até hoje houvesse surgido um espirito superior que se consagrasse a estuda-lo, segundo um plano racional, traçado com clareza e elevação de vistas, para a confecção de uma obra reformadora, uniforme, digna de nossas tradições.

O esforço que nos custou a elaboração do modesto trabalho que agora publicamos e que nada mais representa do que o esboço de um outro mais amplo em que estamos trabalhando, corroborou a convicção que tinhamos de que em historia patria somos de uma pobreza lamentavel de escriptores de merito. O que existe representa um trabalho quasi material.

Oxalá possa dentro em breve uma intelligencia predestinada construir com este material, a semelhança do que Alexandre Herculano e Oliveira Martins fizeram em Portugal, um monumento solido, artistico, grandioso, eterno e digno do nosso passado e das nossas aspirações.

Parodiando as palavras que o Dr. De Simoni pronunciou na Sociedade Amante da Instrucção em 12 de Agosto de 1837 (12), diremos que o nosso egoismo jornalistico não fará com que olvidemos as outras faces da individualidade de Evaristo Ferreira da Veiga.

Procuraremos esboçar, ainda que incompletamente, todos os aspectos de seu complexo caracter, descrevendo tambem, em traços rapidos e ligeiros, o periodo agitado em que viveu o grande jornalista, pois somos da opinião do

Visconde de Araguaya: «uma biographia exacta deste nome deve ser a historia do Brazil, desde 1828 até o fatal dia 12 de Maio de 1837, em que a Providencia o chamou a si» (13), «tanto se distingue por seus productos e acções, tanto se eleva na nossa Patria, tanto liga a sua existencia e actividade aos interesses della, tanto com ella as confunde» (14).

II

SUMMARIO :—Arvore genealogica—O Pae e os Irmãos de Evaristo—A infancia de Evaristo—Curso de Humanidades—Os attestados dos mestres—Um documento inedito.

Nascido em Lisboa no dia 30 de Novembro de 1771, treze annos depois embarcou para o Brazil Francisco Luiz Saturnino da Veiga, que, vivendo no Rio de Janeiro até 1788, seguio nessa época com destino a Villa Rica, a legendaria povoação mineira, onde primeiro se cuidou positiva e seriamente da independencia do nosso paiz. Saturnino da Veiga só em 1789 voltou de novo ao Rio.

Em Villa Rica, onde viveu de Setembro de 1788 até fins de 1789, o joven Saturnino foi contemporaneo de alguns Brazileiros illustres envolvidos depois na Inconfidencia Mineira. (15). E' natural que houvesse então revigorado a instrucção elementar que possuia.

Sabe-se que, já nessa época, Saturnino leccionava latim, arithmetica e grammatica, ganhando assim o sufficiente para viver. Chegando ao Rio, veio a casar-se mais tarde com a fluminense D. Francisca Xavier de Barros da Veiga. Deste consorcio resultaram quatro filhos, que são, na ordem da idade: João Pedro da Veiga (16), Evaristo Ferreira da Veiga, Bernardo Jacintho da Veiga (17) e Lourenço Xavier da Veiga (18): — « foram as preciosas vergonteas daquelle annoso tronco » (19).

O segundo dos citados filhos, Evaristo Ferreira da Veiga e Barros, que assim primitivamente se assignava, foi mais tarde o grande publicista da Regencia e constitue hoje o objecto das nossas merecidas honrarias.

Ha 100 annos, no dia de hoje—em 8 Outubro de 1799 por conseguinte, — nasceu no Rio de Janeiro Evaristo Ferreira da Veiga e Barros, que estava destinado a ser mais tarde o mais eminente dos homens do seu paiz, e a levar a effeito, de modo alevantado e nobre, a obra da regeneração do caracter nacional, que em outra cousa não consistio o glorioso movimento de 7 de Abril, o mais digno, o mais puro, o mais patriotico dos movimentos populares que o Brazil tem presenciado.

Saturnino, vindo de Minas, abrio uma aula de primeiras letras na rua do Ouvidor.

Evaristo com seu proprio progenitor iniciou-se no estudo da lingua materna, revelando desde então decidido aferro aos livros e ao estudo.

Um espirito observador que houvesse visto aquella criança preferir empregar as horas de recreio em preparar melhor as suas lições, e houvesse surprendido nella, em germen, a mais natural e sabia austeridade, poderia com segurança prophetisar-lhe o mais rutilante futuro.

Saturnino « era jubilado em cousas da igreja» (20), recebera uma solida educação religiosa e sabia transmitir intacto aos seus filhos este legado precioso—a Fé, que tanto revigora as almas, refréa os desvios, e moralisa os costumes.

Evaristo, aprendendo a lêr com seu pai, delle recebeu tambem o ensinamento religioso e moral, de effeito tão salutar na formação de caracter.

« Francisco Luiz Saturnino era profundamente catholico, de rigidos costumes, e educava os filhos com severidade como que carrancuda, que muitas vezes levava á exageração, mas sempre no empenho do culto zeloso do dever.» (21)

Como bem disse o Dr. De Simoni no *Elogio* que pronunciou em 12 de Agosto de 1837 na Sociedade Amante da Instrucção, Evaristo «teve, até á idade de 12 annos, na casa paterna a sua primeira escola e no seu progenitor o seu primeiro mestre. (22) Ao mesmo tempo, no mesmo lugar, e pelo mesmo instituidor, recebeu lições de ensino primario, optimos preceitos e exemplos de moral christã, que sua docilidade e boa inclinação felizmente aproveitaram.»

Assignale-se desde já que Evaristo nunca abjurou as suas crenças: educado como christão, como chistão morreu, tendo sempre, em nome dos Evangelhos, guerreado o clericalismo absorvente e impuro.

Concluidos os seus estudos de primeiras lettras, o joven Evaristo, como se vê de um requerimento que, no dia do anniversario natalicio da Princeza da Beira, dirigio a D. Pedro, solicitando um emprego (23), recebeu ainda de seu pai as primeiras noções da lingua franceza, em que foi posteriormente examinado por Luiz Carlos Franche.

Na Secção de Manuscriptos da Bibliotheca Nacional existe o attestado que deste exame passou o Professor referido.

Ei-lo, textualmente copiado :

«Eu abaixo assignado Professor Regio de lingoa franceza nesta Côrte.

Attesto que Evaristo Ferreira da Veiga e Barros tendo-me rogado que o examinasse sobre a lingoa Franceza, eu o achei com muita intelligencia da d.ª lingua escrita, e o julgo capaz de traduzir fielmente qualquer livro Francez no Idioma Portuguez, em fé do que Escrevi e assignei a presente attestação. Rio de Janeiro, 10 de Fevereiro de 1819.—*Luiz Carlos Franche.*—Reconheço verdadeiro o signal supra. Rio de Janeiro, 17 de Fevereiro de 1819. — *Joaquim José de Castro.*»

Esta instrucção, porém, não bastava ao moço sequioso de saber. Evaristo passou então a es-

tudar o Latim com o Professor Manoel Marques. Sobre o brilhantismo com que fez os seus estudos latinos falla o attestado de seu Professor. Publicamos a seguir uma cópia deste documento, cujo autographo está tambem guardado zelosamente na Secção de Manuscriptos da Bibliotheca Nacional:

«Manoel Marques, Cavalleiro Proffesso na Ordem de Christo e Professor Regio da Lingua Latina nesta Côrte por Sua Mag.de. El-Rei Nosso Senhor, que Ds. Gde. etc.

Attesto que tive por discipulo Evaristo Ferreira da Veiga, o qual entrou para a minha Aula em 8 de Março de mil oitocentos e quatorze, e a frequentou até ao fim do anno de mil oitocentos e dezaseis com excessiva applicação, distinguindo-se muito entre os outros em todas as suas liçoens, pelo que conheci nelle grande talento, e habilidade para os estudos, louvando muito os bons costumes, que sempre mostrou; e por tudo o referido ser verdade, passei a presente por me ser pedida. Rio de Janeiro, 29 de Janeiro de 1819. —*Manoel Marques.*—Reconheço verdadeiro o signal supra. Rio de Janeiro, 18 de Fevereiro de 1819. — *Joaquim José de Castro.*»

Feitos, em dous annos, os seus estudos latinos, Evaristo, que lera e traduzira Cicero e Horacio e se acostumara desde então a apreciar a eloquencia e as musas, quiz aprender a Rhetorica e a Poetica e matriculou-se na aula do Professor João José Vahia.

O attestado passado por este mestre é uma prova cabal do talento e da applicação do jovem estudante.

Do autographo guardado na Bibliotheca Nacional (Secção de Manuscriptos) tiramos a seguinte fidelissima cópia:

«Como professor da aula de Rhetorica e Poetica desta cidade por S Mag.e que Ds. Gde. etc., etc.:

Attesto que Evaristo Ferreira da Veiga, filho de Francisco Luiz Saturnino e natural desta

cidade frequentou a minha aula por todo o anno de 1817 sem faltar nem hum só dia, alem de ser o primeiro que sempre pontualmente á hora entrava na classe ; que ajuntava á esta pontual exemplar frequencia aplicação igoal para compreender como com effeito compreendeo perfeitam.e todas as doctrinas respectivas, concorrendo para sobremaneira se distinguir a aptidão natural, extraordinaria de que he dotado ; dando p.r isso não equivocas provas em todos os exercicios p.a que fora sorteado, e encarregado p.r mim, como o fez em diversas sabatinas defendendo ou arguindo, nas quaes saltára e explicara todas as duvidas, que obviam.e suscitadas poderião embaraçar a verdad.a intelligencia dos preceitos, e explicára com a verdad.a percepção a intelligencia dos preceitos e athé mesmo descutindo com desenvolvimento as m.to boas ideas de gosto algumas questoenz interessantes de filologia em que bem vezes sahindo da regular tarefa o fazia entrar ; que da mesma sorte se assignalára na construcção de quatro discursos, cujos assumptos lhe subministrei : dous para o exercicio do genero laudativo, e dous p.a o concional ; dos primeiros foi o elogio de Colombo e da polvora nos quaes alem de praticar os preceitos adquiridos, mostrou com originalidade a maior fertilidade, e viveza de imaginação, e gosto pela correção, e pureza da lingoagem ; dos segundos foi a accuzação de Coriolano, e a deffeza de Manlio Torquato cujo desempenho não fora de inferior successo; que sobretudo mostrára pela sua conducta ser de muito boa indole e louvavel morigeração ; aqui p.r ser verdade, e esta me ser pedida o attesto sendo necessar.o debaxo do juram.to do meo gráo.— Rio de Janeiro 12 de Fevereiro de 1819.—*João José Vahya.*— Reconheço verdadeiro o signal supra.—Rio de Janeiro 17 de Fevereiro de 1819.—Joaquim José de Castro.»

Em 1818 Evaristo consagrou-se ao estudo da lingua ingleza. O seu professor passou-lhe este attestado, cujo autographo existe tambem na Bibliotheca Nacional (Secção de Manuscriptos) :

«João Joyce Professor Regio da Lingua Ingleza nesta Côrte etc. Attesto que Evaristo Ferreira da Veiga e Barros, filho de Francisco Luiz Satur-

nino Veiga, frequentou com muita assiduidade a minha Aula de Lingua Ingleza durante o anno de 1818, dando provas de grande comprehensão e talento; distinguindo-se notavelmente pela facilidade, rapidez e perfeição com q.e chegou a traduzir este idioma, ajudado de outros conhecimentos por elle adquiridos nas differentes Aulas, q.e tem corsado, unindo a todo isto ser dotado de boa indole, e sãos costumes; e por ser verdade o conteudo, e esta me ser pedida, a fiz e assignei. Rio de Janeiro, 14 de Feb.º de 1819. Professor *João Joyce*. Reconheco verdadeiro o signal supra. Rio de Janeiro, 17 de Fevereiro de 1819— *Joaquim José de Castro*.»

Neste mesmo anno de 1818, Evaristo, que comsigo mesmo já se iniciara no estudo do italiano, entrou para o Seminario de S. José e matriculou-se na aula de Philosophia Racional e Moral, a cargo do Padre Marcelino Pinto Ribeiro, depois Conego. Na Secção de Manuscriptos da Bibliotheca Nacional existe um requerimento de Evaristo ao Padre Eça, Reitor do Seminario, pedindo um attestado deste exame. Eis o requerimento, favoravelmente despachado pelo Reitor, e o attestado escripto no verso:

«Illm. e Revm. Sr. Reitor — Diz Evaristo Ferreira da Veiga, que necessita que o Reverendo Padre Vice-Reitor lhe passe a certidão do seu exame feito neste Seminario; e como este o não pode fazer sem licença de V. S. — P. a V. S. queira assim o mandar. E. R. M.»

Nas costas deste requerimento lê-se o attestado que em seguida publicamos:

«Padre Antonio Ignacio de Moraes Pimentel, Vice-Reitor e Secretario dos Estudos neste Seminario de São José desta Côrte do Rio de Janeiro, por Provizão do Ex. e Revmo. Senhor Bispo Capellão Mór etc. — Attesto que vendo o livro dos Exames publicos deste Seminario de São José desta Côrte do Rio de Janeiro, nelle, a folhas oitenta e quatro achei o termo de Exame achei o termo digo exame da fórma seguinte:

Ao primeiro dia do mez de Dezembro do anno de mil oito centos e dezoito, neste Semi-

nario de São José desta Côrte do Rio de Janeiro, fez Exame publico de Philosophia Racional Evaristo Ferreira da Veiga, natural desta Côrte do Rio de Janeiro, matriculado no primeiro anno, e aberto o Escrutinio se achou approvado *optime cum Laude*; e para constar fiz este termo, Eu Padre Antonio Joaquim de Moraes Pimentel, Vice-Reitor e Secretario dos Estudos neste Seminario, que o escrevi — Ecca (*sic*) Reitor — Padre Custodio de Faria — Bueno Leitão.

Nada mais continha o dito termo que aqui copiei do proprio livro a que me reporto, e para que conste faço este no Seminario de São José desta Côrte do Rio de Janeiro, aos 9 de Dezembro; e Eu Padre Antonio Joaquim de Moraes Pimentel, Vice-Reitor, e Secretario dos Estudos que o Escrevi o asignei.— Padre *Antonio Joaqm. de Mes. Pimentel* V. R.»

A firma está reconhecida pelo tabellião Joaquim José de Castro, com declaração do pagamento de 80 réis de sello e data de 18 de Fevereiro de 1819.

Mais valor do que aquelle attestado redigido no laconico e emperrado estylo official, tem o seguinte, que está tambem guardado na Secção de Manuscriptos da Bibliotheca Nacional:

« Fr. Marcellino de Santa Mathildes Bueno pr. Graça de Sua Real Magestade, Proto Notario Apostolico de S. Santidade, Examinador da Mesa da Consciencia, e Ordens Militares, Theologo da Nunciatura Apostolica, Lente Jubilado, Lente de Theologia Dogmatica, e Philosophia Racional e Moral no Seminario Episcopal de São José desta Côrte e ex-Provincial da Provincia Franciscana da Conceição do Brazil.

Attesto que Evaristo Ferreira da Veiga no anno de 1818 frequentou a Aula de Philosophia Racional e Moral deste Seminario, distinguindo-se entre todos os collegas pelos grandes talentos, de que he dotado, pela facilidade e promptidão com que acertadamente annunciava a avultada copia de ideas, adquirida nos outros Estudos á que se tem applicado e na assidua leitura de bons autores, em que continuamente se axa occupado; e sobre tudo merecendo sempre todo o

louvor pela extrema applicação, com que procura approveitar, o atilado engenho, de que he enriquecido.

Essas singulares qualidades unidas aos mais excellentes costumes, promettem os mais vantajosos progressos em qualquer sciencia, que se propuzer estudar; e constituem o mais habil, q' he possivel, para occupar q.e quer emprego civil, á que se quizer destinar. Por isso julgaria faltar á justiça, se não desse hum publico testemunho ao seu merecimento, se não attestasse, como por esta Attesto,que he hum Estudante q' acredita a Aula Philosophica deste Seminario, e de quem com toda a razão me lisongeio, e honro ter sido Mestre. Seminario Episcopal de São José desta Côrte do Rio de Janeiro, 22 de Janeiro de 1819.—Frei *Marcellino de Santa Mathildes Bueno*.—Reconheço verdadeiro o signal supra. Rio de Janeiro, 17 de Fevereiro de 1819. —*Joaquim José de Castro*. Pagou 40 réis de sello. Rio, 18 de Fevereiro de de 1819.»

Existem ainda na Bibliotheca Nacional dous cadernos de estudos de Evaristo que constituem uma prova cabal do seu merito. Um intitula-se —CADERNO DE METAPHISICA—e outro—SOBRE AS IDÉAS.—

Não são meras apostillas esses cadernos: Evaristo addicionava ás notas do seu mestre considerações suas, revelando cultura e criterio proprios.

Existe ainda na Secção de Manuscriptos da Bibliotheca Nacional um—DISCURSO PARA SE RECITAR NA AULA DE PHILOSOPHIA EM AGRADECIMENTO A HONRAR COM A SUA PRESENÇA S. EXMA. RVMA. OS EXAMES DE LOGICA DA MESMA AULA COMPOSTO E OFFERECIDO POR EVARISTO FERREIRA DA VEIGA E BARROS.

Esse discurso é um primor de estylo, e sentimos não poder publica-lo aqui.

Existe ainda, no mesmo lugar, uma fo'ha avulsa de um caderno. De um lado da folha,com a data de 30 de Janeiro de 1819, lê-se, escripto em lettra caprichosa, um parallelo entre Colom-

bo e o Gama. No verso, com a data de 25 do mesmo mez e anno, está escripto um trecho sobre Cromwel, terminando por uma opportuna citação de Bossuet.

Todos esses manuscriptos, que copiamos ou de que damos noticia, provam com eloquencia o talento do joven Evaristo e o amor que consagrava aos livros.

Seu pai acompanhava com orgulho a sua carreira, auxiliava-o com os seus conhecimentos e galardoava-lhe o merito.

Tivemos ensejo de ver em casa de D. Joanna da Veiga Ponte Ribeiro, a unica filha de Evaristo que ainda vive, uma grande commoda de jacarandá, em magnifico estado de conservação, offertada por Francisco Luiz Saturnino da Veiga a seu filho, quando este tinha apenas 12 annos e como premio á sua boa conducta e applicação aos estudos.

Divergem os biographos sobre o destino que Evaristo pretendeu tomar depois da conclusão do seu curso de humanidades.

O Dr. De Simoni diz :

« Com estes conhecimentos, na idade de 19 annos, deu por concluidos os seus estudos preliminares e sua tenção e desejos estavam dirigidos para a Universidade de Coimbra, mas foram contrariados por circumstancias que o obrigaram a ficar no seu paiz e na casa de seu pai, o qual já nesse tempo havia largado o ensino e aberto na rua da Alfandega uma loja de livreiro que ainda alli conserva. »

Disse o *Diario Illustrado* no dia do jubileu da morte de Evaristo :

« Reconhecendo a intelligencia de que elle era dotado, seu pai procurou aperfeiçoa-la em tempo fazendo-o cursar aulas secundarias, como a de latim, rhetorica e francez. Foi seu primeiro intento faze-lo seguir a carreira publica, mas como não conseguisse colloca-lo como pra-

ticante em uma das secretarias de Estado, moldou-o ao commercio, fazendo-o tambem livreiro. »

E' possivel que Evaristo almejasse cursar a Universidade de Coimbra; é certo, porém, que foi candidato a um emprego publico. Existe na Secção de Manuscriptos da Bibliotheca Nacional um documento importante cuja publicação deixará isto bem provado. O autographo do referido documento está bastante estragado, sendo em diversos pontos impossivel a sua leitura, mesmo com o auxilio de vidros de augmento.

As palavras em grypho assignalam os pontos em que, interpretando, analysando e comparando, supprimos a obscuridade do original; as reticencias indicam os vocabulos que não conseguimos lêr. Eis o documento :

«Diz Evaristo Ferreira da Veiga e Barros, filho de Francisco Luiz Saturnino Veiga que tendo-se o mesmo seu pai proposto a dar ao supplicante uma educação litteraria, depois de o instruir com desvelo na Grammatica da Lingua Materna, e de o fazer aprender o Idioma Francez, o mandára frequentar as Aulas de Grammatica Latina, Rhetorica, Philosophia, e da Lingua Ingleza, nas quaes se distinguio tanto pela sua assiduidade, applicação, e progressos, como pela sua morigeração e irreprehensivel conducta, segundo mais expressivamente o comprovão as attestações dos seus Professores, de N. 1 a 6.

A' proporção dos conhecimentos, que lhe tem subministrado aquelles, e outros particulares estudos, a que o supplicante se ha dedicado, tem elle sentido augmentar cada vez mais os vivos desejos, que sempre o acompanhárão, de empregar-se no Real Serviço de V. Magestade, e de vir a ser por este meio um vassallo util ao Estado, preenchendo assim as vistas, e os não menos ardentes desejos do dito seu pai. Agora pois, que o supplicante ha concluido os referidos estudos, considerando por uma parte ser mui conforme ás rectas Intenções de V. Magestade o Attender e Preferir aos que os tem, na admissão para os Empregos Publicos, como se acha expressamente declarado em as Sabias e Providen-

tes Leis e Instituições tendentes a *promover* a *cultura* das Lettras ; já excitando a uns com a *esperança de* premios, já galardoando a outros com *recompensas* e distincções, que os trabalhos e fadigas.....rentes lhes grangeárão; e considerando por..... mais que tudo a incomparavel beneficencia..... ..... generosamente ostentada com..... do supplicante, e com outros seus fieis e beneméritos vassallos em semelhantes circumstancias: vem elle humildemente aos Reaes Pés de V. Magestade nesta feliz occasião do Faustissimo Nascimento da Serenissima Princeza da Beira, por cuja preciosa existencia envião todos ao Céo os mais fervorosos votos ; e interpondo em seu favor este solemne Dia, Dia de tanta gloria e regosijo para toda a Nação Portugueza e especialmente para este Reino do Brazil ; supplica com o mais profundo acatamento da Real Grandeza de V. Magestade a Graça de o Prover no Emprego de Official Supranumerario de qualquer das tres Secretarias de Eestado, Graça a que o supplicante só ousa aspirar fiado na Augusta Munificencia e Liberalidade de V. Magestade, e que será um nobre incentivo para o seu eterno reconhecimento, e para se avantajar na execução dos deveres do Real Serviço de V. Magestade; pelo que—P. A V. MAGESTADE. Haja por bem Deferir Benevolo aos rogos do supplicante, como vem de submissamente implorar.—E. R. Mcê. —*Evaristo Ferreira da Veiga e Barros.* »

O pedido naturalmente não foi attendido, pois não nos consta que Evaristo houvesse sido, em tempo algum, funccionario publico.

Não precisava, entretanto, do prestigio de um cargo para se fazer conhecido, pois os seus companheiros de estudos iam por toda parte proclamando bem alto os seus meritos e previlegiados talentos.

III

SUMMARIO — Evaristo no periodo da Independencia — Sonetos e Hymnos — A autoria do « *Brava Gente Brasileira* » reinvindicada pelo proprio Evaristo — Versos ineditos.

Na livraria, ao lado de seu progenitor, Evaristo Ferreira da Veiga completa por si mesmo a sua educação, lendo sem cessar os bons autores, reflectindo, meditando, analysando, em preparativos para a grande peleja do futuro.

O culto da patria merece-lhe todas as homenagens.

« Cauto e modesto em seu privado retiro », acompanha com interesse os successos precursores da Independencia.

Em Outubro de 1820 noticias vindas d'além-mar scientificam o Brazil do que se passára no Porto em 24 de Agosto. Seguem-se varios conhecidos successos e em 26 de Abril de 1821 D. João VI embarca para Portugal, deixando, como Regente do Brazil o Principe D. Pedro.

O decreto de 24 de Abril, com o qual as Côrtes de Lisboa tornam as provincias indepen dentes do Rio de Janeiro, deixa D. Pedro com a Regencia exclusiva da cidade de Estacio de Sá e de duas outras provincias. Extinguem-se importantes repartições e ao mesmo tempo ordena-se a volta de D. Pedro para Portugal.

Começa a luta.

Evaristo, identificado com a sórte da terra que lhe fôra berço, não pode se conservar impassivel em face da solemnidade do momento.

Trouxera dos bancos escolares, e alimentara desde então, com o zelo de uma Vestal, o fogo sagrado das Musas.

« O espirito que para instruir-se e exercer-se na eloquencia havia meditado sobre as obras dos classicos, não só acompanhára com o pensamento a Cicero no Fôro e no Senado, mas subira tambem ao Parnaso com Virgilio e com Horacio e continuamente embalado por seus maviosos encantos, contrahira uma alta paixão pela poesia». (24). »

« Evaristo não foi indifferente aos acontecimentos de 1821 e 1822 ; não pôde, porém, tomar parte nelles. Tolheu-o o respeito profundo que elle tinha e teve sempre ao pai ; tolheu-o o nobilissimo receio de desgosta-lo. Francisco Luiz Saturnino era portuguez de nascimento, aferrado ás velhas doutrinas, para quem a autoridade absoluta do Rei não admittia contestação. Vassallo fiel de D. João VI elle o foi até que a proclamação do Imperador D. Pedro I veio-lhe em soccorro, satisfazendo sua lealdade á Monarchia. » (25).

Commentando as palavras de Macedo, que deixamos transcriptas, disse o Dr. Luiz Francisco da Veiga na sessão de 3 de Agosto de 1877, no Instituto Historico:

«Referindo-se ao periodo da nossa independencia, na biographia de Evaristo explicou o illuminado biographo a que ultimamente nos referimos o silencio de então daquelle brazileiro attribuindo-o ao severo regimen paterno e á impossibilidade moral de ser perturbada a respeitosa harmonia daquelle regimen por qualquer rebedia do mancebo patriota. O facto é juridicamente verdadeiro e sua explicação honrosa para o caracter de Evaristo e para o inspirado talento do illustrado e digno biographo. » (26)

A crer no que diz Macedo, Evaristo, «não podendo resistir ao generoso impeto, mas sempre zelando sua obediencia filial, escreveu em 1822 um ou outro artigo ; mas não os fez publicar, embora sob assignatura dissimulada, sem que

primeiro os mostrasse temeroso ao pai, que, lendo-os e restituindo-os ao filho, deu-lhe a maior animação com a sua tolerancia. »

O Dr. De Simoni, cuja autoridade respeitamos extraordinariamente e cujo *Elogio* é uma peça primorosa de estylo e de critica, diz o seguinte:

« A primeira vez que Evaristo sahio a campo contra os inimigos do seu paiz foi com a viseira do anonymo, afim de rebater os insultos lançados sobre os brazileiros por um folheto impresso em Portugal com o titulo *Cartas ao Compadre de Belém*. Era o primeiro batimento das azas de uma aguia que ainda não se aventurava a sahir do ninho materno e que não se lançou no vasto espaço dos ares senão depois de sentir-se com pennas mui crescidas e azas mui robustas. »

Como quer que seja, porém, o que é verdade é que na phase de nossa independencia o joven Evaristo não foi uma testemunha impassivel e fria dos acontecimentos.

São do Dr. Antonio Felix Martins as seguintes palavras :

« Muitas vezes inspirado pelo céo de sua Patria, pelo aspecto de suas montanhas, pela sombra de suas mangueiras, pelo porte de suas palmeiras, pelo ruido de cascatas e sobre tudo pela aura vital com que as azas da liberdade a favorearam deferio versos dignos dos Gonzagas, dos Caldas e dos Alvarengas, tão queridos das musas. » (27)

Merece attenção especial a parte referente ás poesias de Evaristo. Que destino tiveram ellas ? Quantas eram ao todo? Em que época foram escriptas ? Onde pairam hoje em dia os autographos ?

Não precipitemos a nossa exposição.

Succedem-se os acontecimentos precursores do 7 de Setembro, rapidamente, uns após outros.

Em Outubro o Governo de Portugal ordena a remessa de tropas para o Brazil. Tudo parece

demonstrar que em Lisboa se planeja forçar o Reino Unido a um recuo desairoso, impondo-lhe de novo o regimen colonial.

Lá mesmo, porém, ha quem pugne pelos direitos do nosso paiz. Evaristo lê os artigos do *Astro da Luzitania* e a sua gratidão pelo nobre proceder dos jornalistas d'além mar dicta-lhe os seguintes versos, cujo autographo existe na Bibliotheca Nacional :

Salve, de immensa luz Astro brilhante,
Que as condensadas trevas afugentas;
Tu, que dos raios teus a força augmentas
Lá de tão longe no torrão distante:

Na pomposa carreira e fulgurante
Fé no Brazil aos olhos apresentas
Esse, com que os Tyranos amedrentas,
Magestoso, lucifero semblante.

Foi nestas regiões Americanas
Que dos Astros o Pae altares teve
Entre as simplices gentes Indianas:

Eia; nos nossos peitos se te eleve
Culto mais puro em aras não profanas;
Seja grato o Brazil ao que te deve.

Este soneto tem a data de 16 de Dezembro de 1821. E', pois, a poesia de Evaristo mais antiga que conhecemos. Como epigraphe traz as seguintes palavras: « Ao jornal intitulado «Astro do Luzitania» : que mostrava então defender os direitos do Brazil. » Nota-se que a palavra *então* foi entercalada posteriormente no original e que o verbo *mostrava* fôra primitivamente escripto na terceira pessoa do presente do indicativo. Naturalmente mais tarde o *Astro da Luzitania* alterou sua conducta e Evaristo quiz talvez assignalar isso nos versos que fizera, modificando-lhes a epigraphe.

A musa do joven brazileiro não descança e vai, á proporção que os acontecimentos se des-

enrollam, interpretando no verso caloroso e vibrante o sentimento popular.

Em 8 de Fevereiro de 1822 escreve o bello soneto intitulado — A REMESSA DAS TROPAS PARA O BRAZIL. O autographo do soneto existe na secção de Manuscriptos da Bibliotheca Nacional, onde o fomos copiar.

Leiam-se os quatorze versos tersos e quentes, que em seguida publicamos:

Surgindo de entre o pó da sepultura
Do famoso Cabral a sombra irada,
De Luso ao povo fortemente brada,
Formidavel no aspecto, e na figura.

Que he isto? que delirio ou que loucura
Vos tem do entendimento a luz roubada?
A terra Santa Cruz contais em nada,
Ou julgais que com ferros se segura?

Portuguezes vós sois? E Portuguezes
Vossos irmãos não são? Já não provárão
Sua bravura Gallos e Hollandezes?

Ah! que elles quando a Partia libertárão
De estranho, ou proprio jugo tantas vezes,
Para novos grilhões a não guardárão!

Somos, por força da comprehensão que temos da Arte, em virtude da nossa orientação esthetica, inimigos da politica na poesia. Neste genero, e por concessão especial ao genio, apenas supportamos os arroubos gongoricos de Hugo ou as estrophes descabelladas de Junqueiro. Mais do que a idéa, alli ha que admirar a grandeza das imagens, que rolam, umas após outras, em catadupa tumultuosa, o aprimorado da fórma e a musica horrivelmente bella do verso.

Evaristo não subio tão alto, mas tambem não desceu ao nivel dos poetastros, que, nada mais tendo que explorar, exploram a incompetencia do publico em materia de Arte.

Para o seu tempo, foi um supportavel poeta. Se não tinha em alto gráo o dom tão fallado, possuia, para suppri-lo, alguma cultura litteraria.

Evaristo « não era desses que pulem phrases como os artistas cinzelam calices e punhos de espada » (28); entretanto nem por isso é licito desconhecer que « foi um dos primeiros imitadores da escola litteraria da restauração em França, do que deu provas nas composições que imprimio.» (29)

Chega ao Rio de Janeiro a noticia de que Pernambuco acompanha o resto do paiz nos seus fervorosos anhelos de liberdade.

Evaristo acolhe com enthusiasmo a boa nova e, em 21 de Junho de 1822, escreve o seguinte soneto, cujo autographo está na Bibliotheca Nacional, onde o copiámos :

PROCLAMANDO EM PERNAMBUCO A REGENCIA DE S. A. R. O PRINCIPE REGENTE

Parabens ! Parabens ! Nos nossos braços
Das suspeitas rompendo a nevoa escura
Já Pernambuco os seus irmãos procura :
Da Patria ardente amor lhe guia os passos.

Do Paiz e do sangue em ternos laços
Branda nos quiz prender a Mãe Natura :
Debalde Machiavelica Impostura
Dividir nos tentou em mil pedaços.

Parabens ! Parabens ! Provincia bella,
Risonha habitação da Liberdade,
Ao turbado Brazil do Norte estrella !

Brilhe em nós um desejo, uma vontade !
A cara Patria ver-nos sempre anhéla
Em vinculos eternos d'Irmandade.

O Brazil continua a sua marcha para o glorioso dia; o povo deixa-se cada vez mais abrasar no fogo das idéas libertadoras; precipitam-se os acontecimentos.

Evaristo escreve então outros versos. Estes, porém, já não são simples sonetos, feitos com sentimento e arte. O momento exige poesias de natureza mais popular.

Quando o povo se levanta e as suas paixões explodem delirantemente nas ruas, procura sempre alguma cousa que synthetise o que pensa e o que quer: nascem então os symbolos.

O galho que Camillo Desmoulins empunhou depois de um discurso suggestivo e vibrante, foi o inicio de uma época, a bandeira da Nova Fé. O povo, desfolhando as arvores, fez do pequeno galho o verde symbolo de suas aspirações. Marchando contra a Bastilha e agitando no ar a bandeira improvisada, investia tambem contra um symbolo, contra o feudalismo, contra a tyrannia, contra o passado em summa. Nesses momentos febris surgem quasi sempre os hymnos e as canções populares. Na Grecia dos mythos e das legendas as crenças da época exigiam versos; Orpheu, Tyrteu e Linus compuzeram canções e hymnos que o povo entoava em homenagem aos Deuses. Era cantando as estrophes de Homero que os guerreiros marchavam para a lucta. Nas orgias pagãs a musa de Anacreonte imperava: era ella a soberana nos festivaes de Eleusys. Em Roma os poetas eram os interpretes dos sentimentos populares. Na Idade Média, no aureo periodo cavalheiresco, os trovadores iam de castello em castello, abrasando corações. Os cruzados, em marcha para o Santo Sepulchro, trauteavam a famosa *Chanson de Roland*. Na França, a historia das canções patrioticas daria materia para volumes.

« De tous les peuples de l'Europe,—diz J. J. Rousseau — le français est celui dont le naturel est le plus porté à ce genre léger de pòésie. »

« On chantait — diz um outro escriptor francez — quand les anglais démembraient le royaume; ou chantait pendant la guerre civile des

Armangnacs, pendant la Ligue, pendant la Fronde, sous la Régence, et c'est au bruit des chansons de Rivarol et de Champcenetz que la monarchie c'est écroulée à la fin du XVIII siècle. »

Rouget de L'Isle alimentou e augmentou com seus versos de fogo e sua musica vibrante a effervescencia patriotica que abalou profundamente a França em fins do seculo passado. Nos dias do Terror, na época negra do sangue, era trauteando o *Ça ira* e dançando a *Carmagnole* que o povo commettia os seus excessos hediondos. Nos mezes da Restauração, o povo investia contra as barricadas cantarolando os versos de Béranger.

« Les hommes chantent d'abord, ensuite ils écrivent », diz Chateaubriand.

Evaristo, querendo expressar os anhelos de seus patricios, escreve um hymno. Esse hymno não é, como a *Carmagnole*, um rugido sanguinario. Alguem disse da celebre canção predilecta do execravel Rochefort :

« Il s'exhale de ces couplets une odeur de sang .. Le tigre affamé y fait entendre ses terribles rugissements... La panthère *populace*, hurlant après les têtes, vociferait autour de l'échafaud ruisselant... »

O primeiro hymno que sahe da penna inflammada de Evaristo, em data de 16 de Agosto de 1822, não é um uivo de hyena sanguisedenta: o joven dá-lhe por titulo estas palavras: HYMNO CONSTITUCIONAL BRAZILIENSE. (Deixamos de inserir aqui este e os outros hymnos compostos por Evaristo, porquanto já foram publicados na *Revista do Instituto Historico*. Só publicaremos os versos ainda hoje ineditos.)

Marcos Portugal compõe a musica para o hymno, e o povo, enthusiasmado, sancciona a obra.

Detenhamo-nos aqui um pouco.

A lettra e a musica do hymno foram por longo tempo attribuidas ao primeiro Monarcha. A verdade, porém, é que não se póde roubar a Evaristo e a Portugal semelhante gloria.

Armitage, o Dr. De Simoni e outros contemporaneos attestam o que dizemos.

O Dr. Luiz Francisco da Veiga, em uma memoria que leu perante o Instituto Historico, disse :

«Evaristo nunca teve a menor relação ou communicação com a familia real e imperial. Seu irmão mais velho, João Pedro da Veiga, porem, tendo aceitado (requerendo por insinuação do proprio rei D. João VI) um modesto emprego na casa real, permaneceu ainda por algum tempo nesse emprego nos primeiros annos do reinado do Sr. D. Pedro I.

«Tendo seu irmão Evaristo composto um hymno patriotico á independencia do Brazil,isto em data de 16 de Agosto de 1822, portanto vinte e um dias antes do grito doYpiranga,mandou elle imprimir esse hymno que tem o estribilho « *Brava gente brazileira* » e levou doze exemplares delle ao paço imperial. » (30) Offertando ao primeiro Imperador seis exemplares e retirando-se com outros seis, afim de offerta-los á Imperatriz, disse-lhe D.Pedro (textual) : *Para quem leva isto* ? Respondeu-lhe o offertante : *Para S. M. a Imperatriz*. O Imperador, porém, retorquio : *Para que quer ella isso* ? *Dê-me mais quatro*.No que foi obedecido.»

«Este facto foi varias vezes contado em familia pelo Sr. João Pedro da Veiga, nosso venerado pai, e sua palavra foi sempre para nós e para todos os que o trataram um evangelho. Nunca a mentira queimou ou polluio aquelles honrados labios, que só foram orgãos da verdade.» (31)

Vamos procurar a verdade nas fontes historicas ao nosso alcance.

Como é sabido, depois do 7 de Abril os partidarios do Duque de Bragança não se deram por vencidos. Um grande partido pugnava pelos direitos do Principe e pela sua volta á

posição que não soubera honrar. O Visconde de Cayrú dirigia a facção restauradora.

Um diplomata inglez publicou uma obra em que se faziam elogios a Pedro I e se lhe attribuia a autoria do hymno.

O Visconde aproveitou o incidente para, como de costume, proclamar os meritos do ex-Monarcha. Em 10 de Setembro de 1833 escreveu no *Rio de Janeiro*, usando do pseudonymo conhecido de *Jurista*:

« Lembranças ha que, á primeira vista, parecem de objectos pequenos e insignificantes; mas são na realidade importantes e de effeitos transcendentes, quando excitam a reminiscencia de factos que por si fallam em honra dos bemfeitores publicos, e assás se adverte que não devem ficar em esquecimento certos actos dos principes das nações, que deram forte impulso ao corpo politico, para se executarem cousas grandes. Tal foi o decreto com que o Sr. D. Pedro de Alcantara, depois da referida proclamação, ordenou o tope nacional e a divisa da *independencia ou morte*. Tal foi tambem o hymno patriotico, de sua lettra e musica, com que deu elevação ao espirito brazileiro, e que foi aceito pelo povo da Côrte e Provincias, sendo d'ahi em diante cantiga popular e militar:

« *Brava gente brazileira,*
Etc.
« *Nossos peitos, nossos braços*
« *São muralhas do Brazil.*»

E' de cordial congratulação a todos os verdadeiros amantes da patria que este hymno, com a sua musica, se acha estampado na obra ingleza do Dr. Walsh, secretario de lord Visconde de Strangford, Embaixador de S. M. Britannica, que ahi brevemente refere muitas acções egregias do proclamador da independencia do Brazil. Elle tambem louva o talento raro desse genio de harmonia, attribuindo-lhe a composição de melodias sagradas do *Te-Deum*, com que solemnisava os dias mais insignes do calendario ecclesiastico. Os sempre fieis e agradecidos habitantes do Brazil têm por isso mais uma razão de o venerarem com perpetua memoria, como tendo o espirito duplicado dos antigos philarmonicos da

Historia Heroica, Theophilo e Amphião que fundou (*sic*) a Thebas de cem portas (*sic*).

Embora maldizentes, esquecidos dos beus sem numero que D. Pedro I fez ao Brazil, antes e depois da proclamação de sua independencia, porfiem eclipsar-lhe a gloria; embora almas vulgares, tendo cauterisada a consciencia, bebendo já o crime como agua, em ignominiosa caterva, não cessem de aspersões nefarias contra o bemfeitor ausente, é licito dizer-lhes : vieram mui tarde para tirar-lhe o credito, que está firme e esplendido na chronica da Europa, onde se acham os juizes competentes do merito politico. Tambem no Brazil ha *brava gente brazileira*, que é excepção da regra do mundo corrupto: não nega os beneficios e faz votos pela vida, saude e prosperidade do bemfeitor da terra de Santa Cruz »

Como se vê, o artigo do Visconde de Cayrú não se recommendava pela correcção grammatical. Evaristo pulverisou-o n'A Aurora de 13 do mesmo mez e anno, com as seguintes palavras :

« O Jurista, esquadrinhando pretextos para exaltar ás nuvens o Sr. D. Pedro I, lá foi topar com um hymno patriotico, que elle nos deu de mimo, e por conta do qual o *Jurista* se extasia em louvores ao seu heróe alexandrino ; veremos se com razão.

Tal foi, diz elle, tambem o hymno patriotico de sua *lettra* e musica, com que deu elevação ao espirito brazileiro, e que foi aceito pelo povo da Côrte e provincias, sendo dahi em diante cantiga popular e militar :

«*Brava gente brazileira,*
Etc.
«Nossos peitos, nossos braços
«São muralhas do Brazil! »

Conta ao depois o *Jurista* que esse hymno veio estampado na obra do Dr. Walsh, Secretario de Lord Strangford, o que é de cordial congratulação a todos os amantes da patria. Gaba por fim o espirito duplicado do ex-Imperador, semelhante ao dos antigos philarmonicos Theophilo, Amphião, etc. Vamos á lettra do hymno *Brava Gente* : se elle vale ou não alguma cousa, nós não somos o juiz competente ; mas o que podemos certificar é que não foi obra do

ex-Imperador. Esse hymno, aceito pelo povo da Côrte e provincias, estampado na obra do Dr. Walsh, e elevado, emfim, a tantas honrarias, como as que eloquentemente refere o *Jurista*. é sahido de humilde balcão e producção mesquinha da nossa primeira mocidade.

Em que desastrado engano foi cahir o nosso antagonista! Sem duvida terá elle de desdizer-se ante o povo *caramuruano* de todos os seus louvores hyperbolicos, e de fazer solemne protestação de que esses encomios todos eram prodigalisados porque elle suppunha ser o pobre hymno obra de D. Pedro I. Não sendo assim, o *Jurista* dá o dito por não dito e o declara *pueril, chôcho, mal versificado e até jacobinico e digno da forca*. Poucas vezes um bom cortezão se tem visto em entalação semelhante; e o adulador que, illudido por Luiz XIV, em face do Rei chamou detestavel um epigramma de sua composição, não se achou ao depois em maior angustia e anciedade. O genio da adulação arrasta algumas vezes a terriveis contratempos!

Passemos á musica. Ha, com effeito, uma musica adaptada ao hymno brazileiro, a qual dizem ser do ex-Imperador, bem como existe outra do insigne Marcos Portugal. E' a esta ultima que temos ouvido fazer elogios; quanto á do Principe, *com a ajuda dos visinhos*, não sabemos que seja tão apreciada. Todavia, como não entendemos da materia, deixamos a decisão desse negocio a quem de direito pertencer. Que não haja tambem algum *qui pro quo* ácerca da musica, assim como houve a respeito da lettra, e por fim nada reste a Theophilo — Amphião, fundador da *Thebas de cem portas* (32) e autor do hymno *Brava gente!* Tenha cautela o *Jurista* afim de que não appareça algum curioso reclamando o seu trabalho da composição musical.»

Succedeu o que Evaristo previra: o hymno que fôra louvado, uma vez conhecido o seu autor, passou a ser ruim.

No *Diario do Rio de Janeiro* de 20, o *Jurista* replicou insolentemente, retirando o que dissera:

«De sorte que o Visconde de Cayrú, isto é, o *Jurista*, mudava totalmente de opinião a respeito do merecimento do mencionado hymno da Independencia, só porque não era elle producção do primeiro Imperador, mas do homem logico e

pundonoroso que contraminava valentemente os planos ignominiosos da facção restauradora, da qual era elle o inglorio João das Regras !» (33)

Evaristo não deixou sem resposta a replica grosseira do Visconde,e, n'A AURORA de 23,deu-lhe o devido troco, usando do sarcasmo, que manejava com inexcedivel galhardia :

«Pensava-se que o *Jurista*, apanhado em flagrante de adulação, nos hyperbolicos elogios que deu ao hymno «*Brava Gente Brazileira*», entendendo ser obra do ex-Imperador, guardasse agora o silencio ou se contentasse de responder —enganei-me. Não foi assim : o *Jurista* quiz mostrar que não é homem que se desça do seu erro, e que no seu arsenal de más razões ainda tem algumas com que possa encher duas columnas do *Diario* sobre a materia, mesmo propondo-se a contradizer a verdade conhecida por tal. A primeira coarctada que dá para provar que o hymno «*Brava Gente*» pertence com effeito ao Duque de Bragança e que por consequencia é elle o Theophilo-Amphião das *cem portas*, consiste em que na semana de Julho existio em Pariz Evaristo Dumoulin, um dos patriotas que contribuiram para ser derrubado o estupido despotismo dos Bourbons, e que nos chamamos tambem Evaristo. Ora, á vista de tão feliz achado, quem não confessará que o *Jurista* sahio victorioso da contenda e que o Dr. Walsh, Secretario de Lord Strangford, é grande autoridade ácerca da propriedade dos hymnos patrioticos ? O *Jurista*, irritado da conspiração com que machinámos roubar ao augusto fundador a *crença publica* de ter sido autor da pobre cantiga, diz-nos mil injurias que nós de boa mente perdoamos aos seus setenta e sete nanos; e declara que logo prevenira parecer o objecto á primeira vista trivial e insignificante, mas que se constituira de transcendente importancia, por ter o Principe Regente destinado por esse expediente dar elevação ao espirito brazileiro. Nós o tinhamos já previsto : todo o merito da cantiga estava em ser obra de D. Pedro; sabendo-se quem é o verdadeiro autor, ella não passa de cousa trivial e insignificante.»

Como se vê, Evaristo galhardamente soube defender sua propriedade litteraria.

Em 1862, por occasião da collocação da pedra fundamental da estatua de D. Pedro I, travou-se na imprensa forte polemica. O Sr. Dr. Luiz Francisco da Veiga, amparado por Theophilo Ottoni e outros, sustentou valentemente as glorias de Evaristo e provou que os hymnos foram todos obra do grande jornalista.

Não ha duvida sobre este ponto: os autographos existem, escriptos pelo proprio punho do illustre brazileiro.

Retomemos agora o fio interrompido da nossa exposição sobre essa primeira phase da vida de Evaristo, em que elle, de lyra em punho, canta a libertação de sua patria.

Depois do *Hymno Constitucional Braziliense*, vulgarmente chamado *Hymno da Independencia*, Evaristo fortalece com sua musa o animo da soldadesca, e escreve um outro que intitula *Hymno Marcial*, que, segundo diz o Dr. De Simoni, «cantavão os corpos militares da guarnição» (34). Esse outro hymno tem a data de 19 de Agosto de 1822.

Estruge no valle do Ypiranga o famoso grito que o Brazil inteiro, electrisado, repete. Está consummada a grande obra. Evaristo escreve então, em 16 de Setembro de 1822, o hymno INDEPENDENCIA OU MORRER.

Não é um primor artistico, mas expressa bem o sentimento nacional e o povo canta com enthusiasmo as suas estrophes.

Tres dias depois o joven fluminense compõe um outro hymno, a que dá o titulo de *Hymno Patriotico*.

No mesmo dia 19 de Setembro Evaristo compõe um outro hymno com o mesmo titulo do precedente.

Em 20 de Setembro escreve um soneto, cujo autographo está guardado na Secção de Manuscriptos da Bibliotheca Nacional, onde o copiámos.

Os quatorze versos que em seguida publicamos trazem esta epigraphe :

AO DIA EM QUE SE DECLAROU A INDEPENDENCIA

Estás livre, oh Brazil ! Jazem quebrados
Ferros da escravidão ! Ergue a Cabeça,
Oh Genio Tutelar ! Vem; vem depressa
Ver quanto os teus destinos são mudados.

Já vês a Patria, que escutou teus brados,
E que em teu nome a Gloria se arremessa:
Verás da Patria os Paes, em quem começa
Epocha nova, seculos doirados !

Nossos limites demarcado havia
Immensamente a mão da Omnipotencia,
E largos dons comnosco repartia.

Para os planos cumprir da Providencia,
Desde seculos tres faltava um Dia ;
Ei-lo aponta, e nos traz a Independencia.

Em 10 de Outubro de 1822 Evaristo faz um outro soneto que intitula—A' ACCLAMAÇÃO DO IMPERADOR. O autographo deste soneto está na Secção de Manuscriptos da Bibliotheca Nacional, onde extrahimos a cópia que se segue :

Quando da Inveja os Monstros meditavão
Da nossa escravidão o plano horrendo,
Mal sabião que os povos offendendo
O triumpho maior nos preparavão.

Em vez da vil colonia, que esperavão
A's cadeas os pulsos estendendo;
Nação livre encontrárão, que rompendo
Foi os ferros, que estupidos forjavão.

De nós sua soberba escarnecia :
Eis de Cabral na terra inda nascente
Surge um immenso Imperio neste Dia :

E por dar-lhe mais gloria, á nossa frente
Do Brazil os destinos rege e guia
Pedro, mimo da mão do Omnipotente.

Quatro dias depois Evaristo escreve o HYMNO NACIONAL BRAZILEIRO.

A musa do joven patriota não descança naquelles dias de enthusiasmo. Em 24 de Janeiro de 1823 escreve ainda o HYMNO PARA O BATALHÃO DO IMPERADOR.

D. Pedro enthusiasma-se com as successivas provas que Evaristo dá de seu talento e de seu civismo e pede a João Pedro da Veiga que o leve ao Paço. Evaristo recusa a honra e escreve o seguinte soneto cujo autographo está guardado na Bibliotheca Nacional, onde fomos copiar:

« Eu não sei adular, não sei mentir,
Nem desprezos e affrontas supportar;
Não posso, para os Grandes frequentar,
Humilde nas cocheiras assistir.

Em tudo, onde o meu voto se pedir,
Singelo e sem rodeio hei de fallar.
Como hei de certa gente delatar,
Se mil vezes serei de igual sentir ?

Não affecto politico furor,
Nem cómo quantas petas me quizer
Arrumar cabeçudo Grão Senhor :

Não desejo por honras vans valer ;
A vida escura tenho por melhor :
O que vou lá na Côrte assim fazer ? »

Este soneto tem a data de 28 de Janeiro de 1823.

Mais algumas palavras sobre as poesias de Evaristo.

Além dos hymnos e dos sonetos que fez nos dias da Independencia não teria composto outros versos? Foram elles publicados? Se foram, em que jornaes ou revistas? Se não foram publicados, onde pairam hoje em dia os autographos?

Sobre os hymnos nada resta esclarecer, pois existem e são conhecidos os autographos.

Diz o Dr. Luiz Francisco da Veiga :

« Fallecendo a 2 de Maio de anno de 1862 o Sr. João Pedro da Veiga, encontrámos, entre outros manuscriptos de Evaristo, os autographos de todas as suas numerosas poesias, tendo cada uma a propria data em que foi composta e mais uma nitida cópia dessa collecção de versos, por ordem chronologica, devido á penna de um digno brazileiro, um dos caracteres mais rigidos que temos conhecido, amigo e compadre tanto do Sr. Evaristo como do Sr. João Pedro da Veiga, o tambem fallecido fluminense João José Dias Camargo, irmão do Sr. Desembargador José Ignacio Vieira. » (35.)

Diz depois o Dr. Luiz da Veiga ter entregue os autographos á viuva de Evaristo. Procurando informações no seio da familia do illustre brazileiro, ficámos sabendo que a viuva deste não recebeu os autographos dos versos de seu marido.

Investigando ainda, fomos encontrar na Secção de Manuscriptos, além dos sonetos que já publicámos, dous outros e uma extensa poesia.

Eis uma cópia fiel do soneto intitulado — A JOÃO FERNANDES VIEIRA — e datado de 3 de Março de 1823.

Nas nossas plagas, Immortal Vieira
Honra ganhaste e fama esclarecida;
Bem que te disse nascimento e vida
« Do undoso campo a flôr, gentil Madeira »

Foi a testa da Gente Brazileira
Que de bellas acções na Heroica lida
Ornaste Pernambuco, onde vencida
Cede a phalange barbara, Extrangeira.

Essas Montanhas, que em combates cento
Virão do Belga os vergonhosos daños.
Te ferirão de Eterno Monumento.

E nós, do teu exemplo ind'hoje ufanos,
Damos por tua Gloria o Juramento :
Morrer pelo Brazil, vencer Tirannos.

Este soneto foi publicado, com diversas alterações e sem assignatura, no n. 12 d'A AURORA FLUMINENSE.

Eis a cópia de um outro soneto cujo autographo encontrámos na Bibliotheca Nacional:

AO SIQUEIRA — POR OCCASIÃO DAS CONCLUSÕES PHILOSOPHICAS NO SEMINARIO DE S. JOSÉ

Quando, Siqueira meu, quando te via
Apertado na asperrima tortura,
No meio da anciedade e da amargura
O Sangue se me gela, o rosto enfia:

Mas apenas fallaste; a luz do Dia,
Depois da pavorosa noute escura,
Não tem para os mortaes tanta doçura.
Quanto ao meu coração deste alegria.

Os rijos golpes no combate rudo
Com quanto esforço, com destreza quanta
Tu não pairavas no valente escudo:

Vendo em taes annos fortaleza tanta,
Filha só de exercicio e longo estudo,
De pedra mostra ser quem não se espanta.

6 de Dezembro de 1821.

Na Secção de Manuscriptos da Bibliotheca Nacional encontrámos o autographo desta outra poesia:

AS CONCLUSÕES QUE OPTIMAMENTE DEFENDEU O MEU AMIGO THOMAZ GOMES DOS SANTOS

Brilhaste; não tem duvida nenhuma,
Brilhaste, meu Thomaz, e que outra cousa
Se devia esperar de teus talentos?
Nem o Congresso abastecido, e pleno,
Nem de padres conscriptos a presença
Póde o medo incutir no teu semblante.
Com quanto sangue frio e graça quanta
Não dissolveste as duvidas fallazes,
Que sophisma subtil occulta aos olhos!

Instruido nos conditos arcanos
Da bella, Philosophica sciencia,
A aguda perspicacia de teu genio,
Qual rayo, que transmitte o Pae das luzes
Fazia vêr, desvanecendo as sombras.
O erro que de trevas se reveste.
Não menos digno de louvor peclaro,
Se percorres da Historia o Campo ameno
Na variada noção, selecta phrase
De erudita lição mostraste os fructos:
E ou narrasses os ritos e costumes
Da sabia Grecia, e Lacio memorando,
Ou transcedendo ás Regiões do Dia
Explicasses de Brama o Culto antigo,
Sempre, sempre corria de teus labios
Do gosto, e da razão linguagem pura.
Sim: de doce prazer encheste o peito
Do sollicito amigo, que prestava
Ouvido esperançoso ás vozes tuas.
Se em minh'alma tivesse entrado, ou vindo
De triste aspecto a macillenta Inveja,
Que dor o coração me não pungira.
Os olhos sobre ti fitavão todos,
Olhos, aonde a approvação se pinta,
Onde se pinta o pasmo; que em taes annos
Quem cuidaria achar sciencia tanta?
Quem do nascente arbusto esperaria
Colher já doces, sazonados pomos?
Ou vêr um joven Campião na arêa,
E destinado ao desigual certame
Nelle ganhar as palmas da Victoria?
Pro segue, Amigo, na formosa estrada,
Que, se espinhos produz, tambem tem flôres,
Na estrada que direito ao Templo guia,
Onde a Gloria recebe incensos, culto.
Pro segue, caro Amigo, ah não reeces
Mal pagadas fadigas afanosas,
Ingratidão, hypocrito Ciume
Do espirito apoucado, que cercea
Merito extranho, que igualar não póde.
Monstros sanhudos, enraivadas serpes
Não te amedrentem; sabe um peito forte
Zombar constante dos malignos tramas
Da negra Inveja, e até da sorte infausta
Mesquinha ley, revezes não abatem
Um'alma nobre, a quem o amor do estudo
Eleva acima de quanto he terreno.
A Patria, que amas tanto, já te acena
Que não pares ahi; que a longes climas,
Atravessando os Neptuninos campos
Vá roubar o deposito sagrado
De uteis sciencias, que ao nativo seio
Deves trazer depois: as lindas croas
De flores odoriferas, e bellas.
Do Icio as Nymphas já contentes tecem
Para o filho mimoso, e o vosso Velho,
Que por ti immortal seu nome espera,
Hum futuro gentil tambem te agoira.

14 de Dezembro de 1821.

Conhecemos ainda uma *Ode á Grecia*, publicada em uma collectanea litteraria. Todas as outras poesias attribuidas ao grande jornalista devem ser aceitas com muita reserva.

Nos primeiros numeros d'A AURORA appareceram diversos sonetos e odes ; cremos que são da lavra de Evaristo, mas deixamos de inseri-los aqui porque a historia não comporta hypotheses phantasistas e incertas.

E com isso damos por terminada a parte da nossa monographia que consagramos ao estudo das poesias de Evaristo. Como o leitor vio, o cantor não era de grande folego ; aprendera a Poetica com o professor João José Vahya, lêra Horacio, conseguira compôr o endecassylabo. mas não subira muito acima da mediocridade. O momento politico exigio um poeta ; Evaristo, que não o era, improvisou-se, e não se sahio muito mal da tarefa que se impôz.

Gostava da poesia, e nesse genero não passou de um *dilettanti* geitoso...

IV

SUMMARIO — A vida de Evaristo de 1823 a 1827 — O livreiro — O apparecimento d'A AURORA FLUMINENSE — O jornalista.

De 1823 a 1827 Evaristo conservou-se em silencio.

Accordando suas reminiscencias, disse-nos um velho parente do glorioso brazileiro que elle e o Dr. Sigaud escreveram primeiramente alguns artigos politicos no *Jornal do Commercio*. Como é sabido, o *Jornal do Commercio* foi fundado em 1824 por Emilio Seignot Plancher, com o titulo de *Spectador Brazileiro*, que em 1827 mudou para o que ainda hoje conserva, tendo passado, em 1832, a ser propriedade de Junius Constance Villeneuve e seu socio Mujinol, os quaes o adquiriram por 52:664$000.

Se Evaristo e o Dr. Sigaud escreveram no *Spectador Brazileiro* e depois no *Jornal do Commercio*, usaram de pseudonymos, ou não assignaram seus artigos.

Evaristo perdera, em 1823, sua extremosa progenitora, e nessa occasião, deixando a casa paterna, fôra se estabelecer, de sociedade com seu irmão João Pedro, na rua da Quitanda esquina da rua de S. Pedro.

« O negocio, diz o Dr. De Simoni, era o mesmo que até então havia tratado na loja de seu pai e o empenho e a necessidade em que se achava de adquirir meios de subsistencia não

esfriou seu amor pela instrucção, nem sua actividade no estudo, nem seu culto para a virtude. Ao contrario, o interesse proprio que então se ligava ao negocio de livreiro, tornou-se para elle um maior estimulo, uma nova potencia que vinha augmentar o movimento de sua alma na direcção que já levara, uma voz prudente que, sem corrompe-lo com os vis conselhos da cobiça, lhe pregava a necessidade da economia e do trabalho. Nesta posição, além de fortalecer-se nos bons habitos já contrahidos, elle adquirio o de ser frugal e poupado para si, sem deixar de ser generoso para com os outros, e principalmente com os desgraçados, a muitos dos quaes depois valeu com sua fortuna, não só no proprio como em estranhos paizes.»

Interrompemos aqui a transcripção para dizer que Evaristo, segundo ouvimos de pessoas de sua familia, educou á sua custa diversos jovens. Estão neste caso Thomaz Gomes dos Santos Paula Candido, Francisco Freire Allemão e o Visconde de Inhomerim.

Evaristo tambem recebia sempre das provincias alumnos em consignação.

Ouçamos ainda o Dr. De Simoni :

« A communidade dos interesses e a continuação da convivencia ainda mais o ligavam em amizade com os irmãos, mas principalmente com João Pedro da Veiga, homem que em honra, philantropia e boas maneiras rivalisou com elle, e que pelas qualidades do coração adquirio, entre seus concidadãos, o mesmo conceito que o patriotismo e o saber grangearam em todo o Brazil a Evaristo. »

Em 1827 Evaristo contrahio nupcias com D. Edeltrudes Maria da Ascenção « escolha sua, a quem amava extremosamente».

Constituindo sua familia, deixou de ser socio de João Pedro, e abrio uma loja de livros na rua da Quitanda esquina da rua Visconde de Inhauma, que então tinha o nome de rua dos Pescadores.

Na livraria de Saturnino o joven brazileiro aproveitára as horas de ocio, lendo os bons autores.

Estabelecendo-se com seu irmão João Pedro « com approvação do pai», segundo observa Macedo, casando-se depois e estabelecendo-se então por conta propria, Evaristo continuára a viver entre os livros. No seu recanto obscuro, illustrando o espirito, ganhára energias para a luta proxima. Emquanto o absolutismo cavava a ruina de sua Patria, elle, que com tanto enthusiasmo saudára a aurora da independencia nacional, tinha nos seus livros um grande consolo. Os philosophos, os historiadores e os publicistas de nomeiada eram os seus unicos mestres, os seus amigos predilectos. Em cada pagina Evaristo colhera um ensinamento, escutara uma voz mysteriosa, segredando-lhe um conselho, sentira uma força estranha transmittir-lhe alentos e energias.

O grande lutador preparára-se para a pugna e adextrára-se no manejo das armas.

Quando, de subito, appareceu na arena, o prelio tomou uma nova feição. Todos pasmaram ante o denodo e a nobreza do novel guerreiro, que vinha, em nome de sua Fé e em nome de sua Patria, encetar a grande cruzada. A armadura do joven campeão pareceu aos olhos de todos uma bata de sacerdote e elmo que lhe resguardava a altiva cabeça transformou-se, como por encanto, em um luminoso halo de Eleito.

O que á primeira vista se assemelhara a uma formidavel e temerosa apparição, foi pouco depois considerado um grande consolo e um grande bem. E' que elle não viera para avivar os odios; viera lutar sim, mas pela concordia, apenas com o interesse que as consciencias justas e sãs ligam á pratica da virtude e á defesa dos bons principios.

Chegou afinal o momento em que Evaristo, conscio de que cumpria um dever civico, julgou necessario apparecer em campo.

Em companhia de José Appolinario de Moraes, do Francez Dr. Sigaud e de um outro Brazileiro, resolveu fundar A AURORA FLUMIEENSE.

Embora só em Abril de 1827 houvesse ficado como exclusivo redactor do jornal, basta folhear os primeiros numeros para se verificar que desde o principio os seus companheiros se nullificaram.

Dos prélos da typographia d'*O Diario*, sahio, no dia 21 de Dezembro de 1827, sexta-feira, o primeiro numero d'A AURORA FLUMINENSE, que estava destinada a dirigir mais tarde toda a opinião publica do paiz, a ser «o arbitro omnipotente dos destinos do Brazil. » (36).

A AURORA FLUMINENSE tinha como sub-titulo estas palavras : JORNAL POLITICO E LITTERARIO. Em cima, nos lados direito e esquerdo trazia assignalados o anno e o numero da folha. Abaixo do sub-titulo, entre dous fios duplos e tomando toda a pagina, lia-se o seguinte :

«*Subscreve-se para esta folha na typographia do Diario do Rio de Janeiro, por trimestre, 2$; e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas de livros dos Srs. João Baptista dos Santos, rua da Cadeia, e Evaristo Ferreira da Veiga & C. rua dos Pescadores.*»

Por baixo desta declaração e acima da data estavam escriptas estes versos com indicação da procedencia :

« Pelo Brazil dar a vida
Manter a Constituição.
Sustentar a Independencia
He a nossa obrigação.»

« *Por S. Magestade o Imperador D. Pedro I.*»
« *Diario Fluminense*, 14 de Julho de 1824.»

A esthetica da folha foi posteriormente alterada mais de uma vez.

A AURORA, apresentando-se ao publico, inseria um artigo, dizendo ao que vinha e quaes eram as suas idéas

Sentimos não poder publicar aqui o referido artigo, em que Evaristo se apresentou como representante da mocidade brazileira, reclamando um lugar na arena politica e fazendo rapida exposição do programma que durante toda sua vida cumprio religiosamente.

Qualquer commentario que porventura houvessemos de fazer sobre o alludido artigo de apresentação, seria por força o reflexo muito pallido do espanto que sua leitura nos causou.

E' para admirar, mais do que a fórma a um tempo singela e primorosa em que o artigo está escripto, a grandeza dos sentimentos que o inspiraram.

A coragem civica do articulista, proclamando bem alto, com desassombro e nobreza, os principios mais liberaes, desenvolvendo, com toda a energia de uma convicção, as idéas mais adiantadas e as theses mais puras, é de natureza a causar hoje em dia verdadeiro e justificado pasmo. A época era do servilismo, por baixeza ou por calculo, e da arrogancia, por despeito ou por irreflexão. Todos se desfaziam em louvaminhas interesseiras, ou em descomposturas descabelladas. O caracter nacional ia cada vez mais se abastardando na lisonja que nauseia, ou no vituperio que ennoja.

Por toda parte só se ouviam hymnos de louvor ou imprecações e doestos.

« Era o tempo — diz o Dr. De Simoni — em que os comicios e as personalidades haviam tomado nos jornaes publicos o lugar da razão e dos principios, e o fito geral dos escriptores tendia mais a ferir do que a sanar, mais a destruir do que a edificar, e a acrimonia da

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

censura, sem vistas fixas e sem base, levada além dos extremos, havia degenerado em insolencia; e da parte aonde devera sempre achar-se a prudencia, a gravidade e o bom exemplo, existia uma *Gazeta do Brazil.*» (37).

Procuravam os thuriferarios conservar, como privilegio, o direito do applauso ao Governo, sem que entretanto nobres sentimentos e patrioticas intenções os inspirassem na pratica do elogio incessante e vergonhoso. Os que, por qualquer circumstancia, não podiam empunhar os incensorios que outras mãos monopolisavam, prorompiam em blasphemias e insultos: cortezãos hypocritas ou demagogos, Polonio, Tartufo ou Pasquino.

A AURORA veio crear escola, veio doutrinar, affastando-se tanto dos que viviam balouçando os thuribulos e creando em torno do Poder uma athmosphera falsa e venenosa, quanto dos que, inversamente, de alvião em punho, empenhavam-se em derrocar, obcecados pelos odios, e embebiam em fel a penna, que só verrinas escrevia.

Ninguem comprehendia bem a missão do jornal. A AURORA, proclamando bem alto as prerogativas da imprensa, veio provar que a lisonja ininterrupta e a opposição systematica são igualmente dous grandes males, que desvirtuam por completo o caracter da instituição.

Jornal de moldes novos e desconhecidos no Brazil, A AURORA FLUMINENSE não podia commungar no credo dos seus contemporaneos, e logo em seu segundo numero, em 28 de Dezembro de 1827, deixou isso bem patente.

Leia-se o bello artigo nesse dia publicado na columna de honra do notavel periodico:

« Escreve Madame de Staël que *em Politica o perseguir nada mais produz do que a necessidade de perseguir cada vez mais;* esta verdade vai apparecendo em as nossas actuaes circumstancias, pois que uma desapiedada guerra de pen-

na encruéce de dia em dia, e póde chegar a desordens bem funestas. Nenhum dos combatentes, ou com razão ou sem ella, quer abandonar o campo.

A immoralidade já tem occupado o lugar da decencia com que se deve sempre escrever, o insulto e a calumnia substituem a urbanidade e argumentação, emfim não haviam espiritos irritados e elles vão apparecendo, com bem justa magoa de quem conhece que só tranquillos, seguros e reunidos poderemos ser felizes e acreditados. Nós não entramos na questão dos seres provocadores, nem dos motivos, verdadeiros ou falsos, que fizeram declarar esta guerra indigna de um povo civilisado e já constituido ; occupamos só o nosso pensamento dos resultados tristissimos que póde ter qualquer triumpho que se lhe siga, a não ser o de uma prompta e muito necessaria reconciliação, cedendo ao mesmo tempo, e de boa fé, todos os irritados campeões. A liberdade da imprensa, desacreditando-se por abusos inauditos, que a lei cohibe e que a razão condemna, póde roubar-nos uma das maiores garantias da nossa prezada Liberdade Constitucional. Só este pensamento, além de outros muitos que agora poderiamos lembrar, se quizessemos ser diffusos, deve bastar para pungir o patriotismo dos que se julgam offendidos, afim de sacrificarem generosamente ao repouso e felicidade publica offensas e resentimentos particulares, que muito de proposito se *nacionalisam*, com prejuizo do nosso bem ser. *Convém antes extinguir prudentemente os odios*, diz ainda a sabia Madame de Staël, *do que comprimi-los ou exacerba-los*. Ora, seria de certo um triumpho digno da civilisação do presente seculo, digno dos moderados e briosos Brazileiros, se todos os nossos escriptores encetassem uma carreira mais decente e mais nobre com o novo anno, queremos dizer, se todos abandonassem o sarcasmo, a satyrica allegoria, a denuncia de faltas verdadeiras ou falsas do interior das familias, a calumnia, a intriga e outros muitos abusos criminosos, de que se vão enchendo as columnas de nossas folhas periodicas, com notavel escandalo, dentro e fóra do Imperio. Respeite-se a lei sem ficção ou subterfugios da chicana ; respeitem-se os cidadãos para que haja tranquillidade e confiança ; sirvam os jornaes de instruir e não de offender e perturbar ; estendam os escriptores

um manto de silencio sobre todas as contestações pueris e indecentes, que tanto escandalisam e irritam os espiritos, argumentem, mas não insultem ; capitulem sobre estas bases, e se nisto voluntariamente concordarem, provaremos então que o amor do bem publico nos dirige em todas as nossas acções. Façam a experiencia os Redactores dos nossos jornaes, retirando-se honrosamente da estacada; cessem de se injuriarem os escriptores publicos ou desaffrontem-se legalmente nos competentes tribunaes. Moderação nos escriptos ; verdade nas doutrinas ; decencia no estylo ; instrucção moral, mais moral, muita moral, eis o que sobretudo aconselham os amigos da boa ordem. »

Eis ahi, dissemos, celebrando o 62º anniversario da morte de Evaristo, — o jornalista demonstrando a exacta comprehensão de sua missão social.

Discutir não é injuriar ; transformar a polemica em rixa, trocar os argumentos pelos insultos, usar da calumnia como arma de combate, é desvirtuar a missão do jornal.

Além dos recursos da logica, o homem de imprensa só tem o direito de usar uma outra arma : a ironia, não a ironia grosseira, que é apenas o rictus da injuria, mas a ironia fina e delicada, que não offende, nem maltrata, mas que, entretanto, fere fundo.

Evaristo soube ser um jornalista : de sua penna de doutrinario nunca sahio uma insinuação, por mais leve que fosse, contra a dignidade de qualquer dos seus antagonistas ; e se, nos seus escriptos, entre artisticos arabescos de estylo castiço e fino, classico e brilhante, se nota, ás vezes, uma ironia fidalga e cortez, ou mesmo um riso caustico e mordaz, é que esse era o extremo de sua linguagem de combatente. Isso, porém, só acontecia quando elle se atirava ás « guerrilhas do individualismo. » (38)

«A precisão dos seus raciocinios—escreve o sisudo e criterioso Armitage — a harmonia de sua

linguagem, uma ironia pacifica mas frisante, em lugar das declamações vagas e turbulentas, que até então estavam em moda, logo deram a conhecer o quanto A AURORA contrastava com os outros periodicos. » (39)

« A ironia— diz o Dr. Pires de Almeida —era a unica arma que elle empregava contra o descomedimento de linguagem, a prodigalidade de ultrajes, contra a insidia e a calumnia de seus adversarios.» (40)

«Seus inimigos o temiam pela arte admiravel com que manejava o ridiculo ; uma ironia de sua penna, uma phrase temperada por elle com certa acrimonia de satyra, eram-lhes muito mais para receiar que invectivas e insultos de outros jornalistas.» (41)

«Ainda quando mais indignamente ultrajado— escreve Joaquim Manoel de Macedo — sómente se desforrava manejando com atticismo a ironia fina e penetrante, de que possuia dom natural, aguçado pela instrucção.» (42)

Ouvimos já alguem proferir a affirmativa de que Evaristo fôra sempre um exaltado. De accôrdo, determinada que seja, claramente, de fórma a não deixar sequer a sombra de uma duvida, a significação do vocabulo. Evaristo foi um exaltado, mas a sua exaltação não era a dos facciosos e dos turbulentos, nem se assemelhava á furia inconsciente dos gritadores da rua. A sua exaltação era zelo ; e, se as circumstancias do momento lhe inspiravam palavras de fogo, vinha do intimo de sua bella alma de patriota todo esse calor, expontaneamente, n'uma impetuosidade sincera, que arrebatava e enthusiasmava, mas que jámais cahia, como uma nodoa aviltante e feia, sobre quem quer que fosse. (43)

O grande jornalista difficilmente sahia do terreno fecundo e nobre dos principios. A sua arma predilecta foi sempre o raciocinio.

Vivendo, porém, na época porventura mais tumultosa que o Brazil tem atravessado, não obedecendo senão á directriz que a consciencia lhe traçava, afastado igualmente de todos, n'uma

independencia singular e constante, atacado, ás vezes, por todos os lados, contando antagonistas em todos os grupos, era natural que, de quando em quando, o interesse de sua defesa o arrastasse, no ardor de uma polemica, para o campo perigoso das individualidades. Ainda assim o seu proceder era sempre elevado.

Diz com muita razão o Dr. de Simoni :

« Elle julgava os outros por si ; e como no meio do furor e da sanha com que era acommettido por toda parte conservava uma phlegma socratica, e brincava sobre sua sorte com a lepidez de Plauto e Terencio, pensava, talvez, que sua ironia pacifica, raras vezes levada ao sarcasmo, produziria no coração dos outros menos effeitos do que os insultos no seu, e que a dôr por ella causada se dissiparia depressa, ficando sómente o aviso. » (44)

Evaristo era a personificação viva da ordem — a moderação, na phrase do poeta, é o mais bello florão de sua historia (45); era o bom senso sem pretenções dogmaticas (46) ; era a logica sem subterfugios ; era a razão sem preconceitos ; era a palavra a um tempo vibrante e profunda, energica e criteriosa, sem arroubos gongoricos, sem redundancias inuteis, calma, reflectida e persuasiva ; era a penna experta e sabia, sem veneno e sem calculo, aguda, fina e delicada, sempre ao serviço das Leis, da Justiça, da Liberdade.

V

SUMMARIO — A attitude de Evaristo em face do poder e dos partidos

Houve já quem filiasse Evaristo a um dos partidos então em luta. E' falsa a presumpção.

Se é licito dizer que o conspicuo jornalista teve um partido, este partido foi o de sua Patria, que amava extremosamente, a cujo engrandecimento consagrou todas as suas energias, por cuja felicidade sacrificou todos os seus interesses, e, mais do que tudo isso, a propria vida, podemos affirmar, sem receio de incorrermos na pécha de exagerados.

Evaristo nunca teve partido, antes do 7 de Abril, nunca foi um thuriferario ou um opposicionista systematico do Poder. Para provar o que dizemos, nas suas proprias palavras iremos encontrar argumentos :

«Quanto é difficil a tarefa de escrever para o publico ! Logo que nos propuzemos a dar á luz o nosso periodico, não nos cegamos ácerca da nossa insufficiencia, e só nos animava a convicção dos motivos que tinhamos em vista, dictados pelo patriotismo e pelo amor da liberdade. Nada portanto esperavamos menos do que a taxa de baixeza ou servilismo (com a qual não póde equivocar-se o systema de moderação que adoptamos e que no nosso modo de pensar é a verdadeira divisa dos verdadeiros liberaes), porém enganamo-nos e sabemos que pessoas cujas qualidades aliás prezamos, ou suspeitosas, ou nimiamente delicadas, têm interpretado a mal o tributo de elogios que havemos pago á Administração actual. Não nos

Ouçamos agora a palavra autorisadissima do Dr. De Simoni :

« Para grangear ao seu jornal a alta reputação que elle adquirio, Evaristo não precisou unir-se a alguns dos partidos então dominantes, ou favonea-los. Coincidindo suas vistas em alguns pontos com os delles e discrepando em muitos outros, não podia ir de accôrdo. Preferio, pois, ficar isolado antes do que associar-se com outros em uma peleja da qual seu coração não podia satisfazer-se; e esta sua independencia desagradava a todas as facções, cuja tolerancia se offendia de que outrem não pensasse como ellas. Assim as increpações as mais oppostas lhe erão lançadas de ambos os lados, e o riso dos extranhos por esta antithese de accusações andava ao par da raiva dos partidarios.

Esta foi muitas vezes a condição de Evaristo e da sua folha; mas elle contava sobre seus recursos e ia seguindo seu caminho.» (49)

As palavras que ahi ficam transcriptas, colhidas em fontes autorisadas, corroboram de modo positivo a rigorosa exactidão da nossa affirmativa.

Evaristo pensava como Daunou, do qual traduzia com frequencia trechos adequados ao momento, opportunos e suggestivos, publicando-os em seu jornal :

« Longe de pormos esperança alguma nas manobras e agitação dos partidos politicos, eu disse já que elles são sempre perniciosos: nunca um partido quer garantias para os seus adversarios e por esse mesmo erro abala os que lhe pertencem. Debaixo do nome de opposição, só aspira a senhorear-se do Poder, talvez para o exercer ainda peior. Quer o triumpho de uma theoria administrativa ou antes de certos personagens : o seu interesse, o seu fim unico é derribar os Ministros e substituir-lhes os seus proprios Chefes. Se concebe designios mais vastos, torna-se facção : contra elle, ao redor delle, outras facções se erguem, cujo choque, destroços, victorias, represalias, trazem e prolongam as revoluções, atravez das quaes mil

vezes se reclamam e sempre se esperam as garantias individuaes, sem se alcançarem ou respeitarem nunca. »

Assim considerava Evaristo os partidos.

Espirito superior, elle tinha a nobre rebeldia dos que, sentindo-se com azas para vôos largos e magestosos, não se deixam ficar presos aos interesses de qualquer natureza, nem a conveniencias de corrilhos. O partidario requer um temperamento que facilmente se amolde e se ageite. O interesse da collectividade supplanta, anniquila, asphyxia por completo a iniciativa individual. E' mister que cada um perca um pouco do seu *eu*, e contrarie de quando em quando as suas inclinações, para não levar a desharmonia ao seio do seu grupo, nem lhe perturbar a marcha.

Os homens de idéas alevantadas, como Evaristo, que, como bem disse o Dr. De Simoni, « tinha um plano, um methodo, vistas claras e bons desejos », e que era de uma constancia e de uma intransigencia admiraveis na defeza dos principios que adoptara, os homens de tal tempera não podem se aggremiar em torno de uma bandeira, qualquer que seja o lemma nesta bandeira escripto á guiza de orientação ou de programma. Um lance de olhos sobre a evolução politica do Brazil sob o Imperio confirmará o nosso juizo. Sob o regimen republicano, em que os partidos não têm sido mais do que aggremiações amorphas, que se fundem, se fraccionam e se dissolvem ao sabor das conveniencias, melhor se verifica o acerto de nossa opinião.

Evaristo não podia ser um partidario, porque não era um politico em toda a extensão da palavra. Homem de doutrinas, evangelisador que fizera do seu jornal uma escola, uma grande e fecunda escola (50), e para o qual a tribuna fôra sempre um pulpito ; espirito que « havia muito lido e meditado antes de escrever e que antes

de expender idéas e principios os havia formado, ligado e preordenado na sua mente e dirigido a um fim a que elle tendia»; «apostolo da ordem» (51) e não agitador, Evaristo Ferreira da Veiga manteve-se sempre alheio ás solitações e aos triumphos que lhe poderia offerecer facilmente a arregimentação em qualquer grupo, e conservou inalteravel a sua posição, que era, na expressão feliz de um dos seus biographos — «a de uma independencia sem rudezas e a de uma cortezia sem subserviencias.» (52)

Evaristo, ainda uma vez repetimos, nunca pertenceu a partido algum. Todos os partidos de seu tempo viveram em oscillação constante, arvorando, de quando em quando, novas bandeiras, mudando, não raro, os seus programmas, que nunca foram fixos e estaveis. Evaristo, porém, foi sempre o mesmo, nunca mudou de idéas, jámais alterou o seu programma.

«O plano d'A Aurora — diz o Dr. De Simoni — estava todo na sua pequena epigraphe, que, assim como a essencia e fundo de sua doutrina, elle nunca mudou.» (53)

Ha uma phase de sua vida que, mal estudada, póde parecer demonstrar o contrario. Adiante discutiremos amplamente este ponto.

Evaristo era a um tempo, e sem contradizer a si mesmo, democrata, monarchista, conservador, liberal e anti-clerical.

Por mais impossivel que pareça harmonisar todos esses caracteres como feições de uma mesma individualidade, como modalidades de um mesmo ser, é rigorosamente real que com Evaristo tal succedia.

O grande jornalista, tanto pela sua origem como pelas suas idéas, era um democrata, porque nascera plebeu e formára o seu caracter na obscuridade.

Elle surgio no scenario politico como surgem os homens do povo em certas occasiões,

como surgem aquelles que não trazem comsigo, do berço, o prestigio de um nome, que não possuem um pergaminho, alheia protecção ou bens de fortuna que a suppram. (54)

« Basta comparar Evaristo aos seus amigos ou adversarios Os Andradas—escreve um dos nossos historiographos—os Silvas Lisboas, os Pereiras Franças, os Villelas Barbozas, os Carneiros de Campos e outros na politica do tempo entraram levados por prestigio de familia, entraram como influencias tradicionaes e locaes, entraram como quasi nobres, entraram quasi por direito de nascimento, e suas idéas representaram o doutrinarismo academico, lettrado, da Universidade de Coimbra. Elle não : elle sahia sem titulos nenhuns do fundo de uma loja de livros ; representava o individualismo persistente e honesto, pertinaz e calmo. Bem como na ordem litteraria era preciso que individuos sahidos do povo, e inspirados no seu sentir levantassem o brado contra as servidões do pensamento, assim na esphera social era mister que um homem sahido das classes populares, em nome da simples justiça e bom senso do mesmo povo, se fizezse adorado deste, désse batalha aos poderosos do dia e desmantelasse as malhas do velho servilismo politico. Este é o significado da acção social e politica de Evaristo, e tanto basta para dar-lhe importancia immensa. »

Evaristo, repetimos, era um democrata.

A sua doutrina era essencialmente humana e o bem-estar do povo a sua preoccupação de todos os momentos.

Elle pugnava pela « substituição de colonos á escravatura »; demonstrava « interesse pelo progresso da intelligencia em todos os ramos das sciencias e da industria, o predominio della sobre a materia e a força bruta »; fazia ver « a necessidade de declarar seus principios por ter jús a ser eleito »; prégava incessantemente « a extinção de prejuizos e abusos, o trumpho do merito, do saber e da virtude, sobre a nullidade, a ignorancia e o vicio ».

Como democrata que era, Evaristo não tolerava a aristocracia, maxime a enfatuada e ridicula aristocracia brazileira.

Commentando um trecho de Gibbon sobre o Imperio Romano, o illustre jornalista escreveu no n. 22 d'A AURORA um artigo sobre a mania das commendas e dos titulos honorificos:

«Se comparassemos este quadro da decadencia do Imperio Romano com o que vemos no nosso paiz, onde os nomes vãos de supposta grandeza se prodigalisam sem medida e são baseados com avidez, nós achamos entre elles uma pasmosa analogia. E' assim que a infancia tem feições de semelhança com a decrepitude. Os cidadãos de uma Nação ainda tão atrazada no que lhe é mister para o seu aperfeiçoamento, cultura e independencia, são comtudo distrahidos por uma errada politica dos verdadeiros fins a que o homem foi destinado e por uma seducção tanto mais fatal, por isso que se deriva da fonte legal de todo o bem, apresenta-se-lhes como o alvo a que devem atirar em seus desejos titulos pomposos, insignias ridiculas, toda a vez que nada significam. A industria e as artes uteis parecem ser tidas em menos-preço e abandonadas á plebe, como imprimindo vergonha em quem as exercita e as honras e recompensas se distribuem largamente aos ociosos e dissipadores de avultadas fortunas. Desta sorte as insignias e os titulos, moeda antiga dos Principes, instituição que póde ser proficua em uma monarchia quando se distribuem só ao verdadeiro merecimento e ao trabalho, se reputam já como o premio devido áquelles que apenas se afadigam em as solicitar, entulhando as salas dos Ministros a quem roubam um tempo precioso. O dominio dos prejuizos estende os seus limites e as fumaças da nobreza entonteceram de repente a cabeça dos nossos homens novos a tal ponto que os privilegios e isenções da Aristocracia Européa têm entrado no sonho daquelles que querem trazer para o nosso sólo todo o caruncho das velhas Monarchias fundadas sobre o jus de conquista. E' á face dos seus contemporaneos que os viram hontem a ellas, seus paes e suas familias, misturados na massa do Povo, que estes *Peões afidalgados* inventam para si e para os seus *brasões, timbres, armarias, arvores genealogicas*

e todos os atavios do feudalismo, cuja origem na Europa se esconde na noite dos tempos e que teve em seu favor a ignorancia dos seculos heroicos, que elles não podem resuscitar, ou o prestigio da gloria militar, que elles não possuem.

Não contentes de derivarem, como derivam, as suas distincções unicamente dos cargos que occupam na sociedade, imaginam classes separadas, que a Lei não reconhece, privilegios de familia, titulos e prerogativas hereditarias e em conclusão o barbaro direito dos Morgados, contra quem a Natureza indignada e a politica protectora da ventura publica se levantam a um tempo. Permitta o Céo que semelhantes idéas nunca vinguem entre nós e que os Brazileiros conheçam a honra companheira sempre do homem de caracter independente, que sabe achar a sua subsistencia nos seus proprios recursos. Talvez poucos tenham calculado todos os bens de que os desvarios da vaidade privam a nossa Patria, mas se reflictissem sobre quanto póde o contagio do exemplo, e que nas Provincias os *pequenos grandes* (Micromegas) em tudo copiam os modelos da Côrte; se se lembrarem de quanto é nocivo ao espirito industrial esse orgulho esteril que conduz a sacrificar o tempo, os cabedaes e o decoro ao desejo de pôr sobre o peito uma fita ou uma commenda mal merecida, sem duvida avaliarão em muito os males que d'ahi provém a um paiz que a Natureza favoreceu com a sua benção productora, mas que necessita, para elevar-se a um gráo subido de prosperidade, muita economia, actividade e amor do trabalho. Em um paiz tal, todo homem ocioso e inutil, todo homem que se envergonha do nome de cidadão laborioso, deve ser marcado com um ferrete de ignominia, deve ser olhado como em Lacedemonia o cobarde que abandonava o campo da batalha: as virtudes civicas não são menos bellas do que as virtudes guerreiras e são mais analogas ao estado da civilisação a que hoje tem chegado a especie humana, graças á industria e ás incansaveis fadigas do Genio.»

O democrata que taes sentenças proferio contra os fóros de nobreza teve que voltar duas vezes ainda para reduzir com outros argumentos mais solidos a contradicta que O Censor lhe oppôz.

Evaristo nunca assistio impassivel ao triumpho dos privilegios.

A proposito da admissão dos filhos dos nobres na Escola Naval, escreveu em 12 de Janeiro de 1829, na sua AURORA, um artigo que assim terminava:

« Como é que o Sr. Ministro da Marinha entende a Constituição e a igualdade dos direitos? Pela velha rotina? E' muito máo commentario; já era tempo de vermos a Constituição interpretada por si mesma; já os Ministros deviam ter-se persuadido de que ella é e ha de ser a nossa Lei; que os seus prejuizos devem curvar-se ao jugo della, jugo suave que pesa igualmente sobre o funccionario e o simples cidadão, sobre o grande proprietario e o pobre artista, o titular e o homem do povo. »

Palavras taes só dos labios de um verdadeiro democrata poderiam sahir.

Folheando a collecção da AURORA FLUMINENSE poderiamos documentar com maior numero de transcripções a exactidão do nosso juizo (55).

Evaristo era um anti-clerical. Os jesuitas e os partidarios do direito divino foram por elle combatidos com energia e frequencia.

Folheando a collecção do seu jornal, facil seria documentar com transcripções a nossa affirmativa. Bastará, porém, lembrar que elle apoiou o grande Feijó na famosa questão do celibato clerical. Entretanto, Evaristo foi educado sob os mais rigorosos principios religiosos, e fez parte dos seus estudos em um Seminario. Mas, por isso mesmo, porque era um christão, se sentia obrigado, em nome de sua fé e em nome de seu paiz, a dar combate ao jesuitismo, isto é, na phrase feliz de Edgard Quinet, ao fanatismo explorador das crenças sinceras.

Evaristo era um conservador, embora em certo momento, que adiante assignalaremos, houvesse aceitado as idéas reformadoras. O grande jornalista considerava o throno como a garantia da unidade nacional.

A Republica naquella occasião seria a ruina da Patria : o todo fatalmente se fraccionaria, e o caudilhismo assentaria, triumphante, as suas tendas sobre os escombros do paiz.

Se a Monarchia viveu ainda até 1889, foi devido aos esforços de Evaristo; uma palavra que elle houvesse no dia 7 de Abril pronunciado em favor da Republica, seria a morte inevitavel da dynastia de Bragança, o desmoronamento fatal do Imperio.

O Conselheiro Octaviano disse, em magistral artigo publicado em 7 de Abril de 1862 nas columnas do *Correio Mercantil* :

«Evaristo foi o pai, o mestre, o guia de nossos estadistas mais illustres, e *o homem a quem, depois da Constituição, deve o actual Imperador* a sua corôa.»

O Visconde de Itaborahy pensava da mesma fórma.

O Evaristo conservador era ao mesmo tempo o mais adiantado dos liberaes, embora o mais calmo e moderado.

A penna do conspicuo Brazileiro esteve sempre ao serviço do progresso e desferio tremendos golpes na rotina e nos preconceitos.

Por mais paradoxal que pareça, a nossa proposição é verdadeira. Evaristo considerava uma necessidade a manutenção da fórma de governo adoptada; era, pois, no fundo um conservador. Mas as idéas que prégava, tendentes todas a moralisar a Administração Publica, eram quasi sempre as mais liberaes possiveis. A differença entre elle e os outros liberaes era uma questão de fórma: Evaristo era calmo e prudente, e os seus companheiros de opposição eram quasi sempre violentos ; Evaristo queria que tudo se fizesse natural e logicamente, sem bruscas e rudes transformações, sem abalo, emquanto os outros pretendiam o triumpho pela audacia, a victoria pelo ataque impetuoso e desregrado.

O fim era o mesmo, divergiam somente os meios de que cada um se utilisava.

Comprehende-se assim a posição singular que Evaristo occupava na arena politica.

Vêm a calhar as seguintes palavras do Dr. De Simoni :

« Ainda que elle fosse o mais commedido, o partido da administração antiga o detestava e temia mais do que aos outros seus inimigos mais insolentes, pois a cegueira não era tal que lhe não deixasse ver as vantagens que elle tinha sobre os outros. Apezar de suas idéas de ordem e constitucionalidade, era por elle estygmatisado com o titulo de *revolucionario* e *republicano*, e toda essa gente nisso acreditava ou fingia crer. O partido liberal ou exagerado, cujas especulações elle sempre atravessava, o havia por aristocrata e absolutista, e lhe chamava de *emprazador*. »

O que ahi fica é mais do que sufficiente para determinar a attitude de Evaristo entre os politicos do tempo. Monarchista constitucional, elle era tambem um conservador, porque amava a ordem sobre todas as cousas, e um liberal, porque liberal era tambem o pacto fundamental e liberaes eram as doutrinas que pregava incessantemente.

Depois do dia 7 de Abril, sim, elle militou em um partido, mas em um partido que se formou em torno de sua doutrina e em torno de sua pessoa — o partido moderado, que nos difficeis primeiros annos da Regencia salvou o throno e com elle a unidade nacional, ameaçados ambos pelos planos dos ultra-liberaes ou liberaes exaltados.

Ainda assim, organisando um partido e não se aggremiando a um já organisado, preferio sempre a posição de director espiritual e divergio mais de uma vez de seus companheiros, como adiante provaremos.

VI

SUMMARIO — A marcha dos acontecimentos em 1828 e a posição de Evaristo—As revoltas das tropas estrangeiras e a affronta do Almirante francez Roussin — As eleições.

O leitor permittirá que lancemos um véo sobre a marcha da politica imperial desde a data da dissolução da Constituinte até ao apparecimento d'A AURORA FLUMINENSE. São conhecidos os desatinos do Monarcha.

Evaristo com seu jornal veio dar novo rumo á opposição. Já provámos que elle não se filiára a nenhum dos partidos então em luta.

Não errariamos dizendo que a verdadeira opposição contra a politica nefasta de D. Pedro começou com o apparecimento d'A AURORA. Essa opposição viera, é certo, de 1826, com a abertura das Camaras. Não se erguera porém, ainda bem forte a voz dos tribunos e a penna dos jornalistas vacillava, medrosa e timida, sob a pressão de natural receio.

Pouco a pouco, porém, o tenue e obscuro corrego foi crescendo, se avolumando, fez-se rio caudaloso, precipitou-se no oceano, confundio com elle as suas aguas, identificou-se com as suas ondas encapelladas e alterosas.

Em 1828, póde-se dizer sem receio de errar, o Brazil estava dividido em dous grandes grupos : os absolutistas e os republicanos, estes mais ou menos velados sob a capa de liberaes. Os inimigos batiam-se com denodo.

Na imprensa desapparecera o cavalheirismo que deve sempre presidir ás justas da intelligencia, da penna ou da palavra. O quadro horrorisava.

Evaristo, pisando a arena, conservou-se affastado igualmente dos dous contendores.

Era preciso guerrear o absolutismo, porque estava aviltando, corrompendo e dissolvendo o caracter nacional. Era preciso tambem conter em seus excessos os liberaes indisciplinados e violentos, capazes de recorrer aos meios extremos.

A empreza era difficil. Evaristo comprehendeu, porém, que a sorte do seu paiz lhe exigia o grande sacrificio e entrou por isso resoluto e impavido na luta.

A figura do grande jornalista domina todo esse quadro tristissimo, agiganta-se, assume proporções grandiosas.

Dados os estreitos limites do nosso trabalho, nos é impossivel acompanhar, dia por dia, a obra gloriosa de Evaristo.

Bastará dizer que sua penna não cessou de profligar um só abuso, um só desvio, uma só acção prepotente e illegal. Elle não combatia — doutrinava.

Póde-se dizer que foi A Aurora que primeiro disse ao povo quaes eram as suas regalias e que lhe deu as primeiras lições de direito constitucional.

Evaristo traduzia com frequencia trechos classicos opportunos, ou então combatia com palavras suas a vergonha da situação.

Nada occorria na Côrte que elle não noticiasse com os commentarios que o seu criterio lhe suggerisse. De cada facto tirava um argumento, e sobre cada incidente, por mais insignificante que fosse, escrevia longos e bem pensados artigos.

Mas não bastava fixar a attenção sobre o que se passava na Capital do Imperio.

Evaristo acompanhava com interesse tudo quanto succedia nas provincias ; nada lhe escapava.

Os desmandos da politica imperial pesavam sobre todo o paiz, e o grande jornalista lançava com empenho as suas vistas patrioticas tanto sobre a Côrte como sobre as provincias. Em qualquer ponto do Brazil onde um crime se commettesse, uma arbitrariedade se perpetrasse, lá estava elle em espirito, como testemunha, para depois, nas columnas de sua folha, defender os interesses da Patria aviltada, da Justiça corrompida, da Liberdade a todo instante postergada.

Não se pense que Evaristo circumscrevesse seus artigos a cousas do Brazil. Espirito profundamente observador, acompanhava de longe a marcha dos outros povos e de cada facto que occorresse na Europa, perturbada ainda com as lutas que se travaram pelo advento definitivo das idéas cujos germens haviam sido lançados pelos encyclopedistas do seculo anterior, e na America, recentemente organisada como corpo politico, ia tirando illações fecundas, ensinamentos adequados á situação do seu paiz.

N'A Aurora appareciam frequentemente traducções de jornaes estrangeiros, noticias do exterior, extrahidas de revistas e diarios.

Evaristo muitas vezes escrevia artigos sobre alheios assumptos, retrospectos politicos do velho mundo.

Deixando de parte a politica financeira do Governo, combatida energicamente por Evaristo em 1828, e não fallando na intervenção do Brazil nos negocios de Portugal e na desastrosa guerra da Cisplatina, resumiremos em dous factos capitaes a acção do jornalista no referido anno : as revoltas das tropas estrangeiras e a affronta do Almirante francez Roussin.

D. Pedro mandára alliciar soldados no exterior. Evaristo, mal elles aqui chegaram, transcreveu a respeito um vigoroso artigo da *Minerva Franceza*. Discutia-se o assumpto em these, mas o momento deixava bem vêr que a transcripção valia por um vibrante protesto. Era, porém, preciso definir as posições.

Evaristo, em 1 de Fevereiro, commentando uma local publicada no n. 8 do *Espelho Diamantino* e em que se fazia allusão aos excessos alcoolicos a que se entregavam os soldados das tropas irlandezas, exclamou :

« Este facto, cuja verdade não podemos recusar, tambem se realiza com a tropa allemã. E' assim que, a custo de incalculaveis sommas, teve o nosso Governo (ou o Ministro a quem isto tocava) a habilidade de importar para o Brazil meros consumidores de aguardente, sem nenhum outro prestimo mais que o de praticarem alguns roubos, e desordens inevitaveis em gente que se entrega aos excessos da embriaguez. Os filhos da Patria perecem de fome e de nudez por falta de impulso vivificador que os anime e abra os caminhos da industria, entulhados pela ignorancia e pelo egoismo ; e ao mesmo tempo milhões se escoam por Mecklemburgo e outros paizes do Norte, para varrermos o refugo das suas cadeias e aproveitarmos para o nosso paiz os forçados das suas galés ! Terra infeliz sempre madrasta de seus filhos e mãi dos estranhos !

Mas isso mudará : o Governo ja conhece que nada aproveita a ruinosa importação de tropas estrangeiras, que o clima inteiramente alheio, ao que elles habitavam, e os excessos da bebida, vão debastando todos os dias. O Governo já conhece que póde confiar seguro nos braços dos brazileiros que amam de coração o seu Monarcha Constitucional (56) e as instituições livres: um povo nascido neste abençoado continente americano não nasceu para ser escravo, nem para temer no seu solo as ameaçadoras armas destas estatuas inanimadas do norte. »

Em 7 de Março Evaristo noticiou no seu jornal, com o devido calor, o procedimento incor-

recto que alguns officiaes irlandezes tiveram na noite de 3, na rua da Ajuda.

N'A Aurora de 5 de Abril, tendo-se aggravado a situação, definio com mais vigor a sua attitude e verberou com energia e desassombro as desordens das tropas irlandezas no dia 30 de Março no Campo de Sant'Anna.

Repetiram-se as desordens, desta vez na praia Vermelha, e Evaristo profligou-as de novo no n. 45 de seu jornal.

Chegou o dia 11 de Junho, em que os acontecimentos tomaram feição gravissima. O illustre jornalista narrou, no n. 55 do seu jornal, os factos com toda a fidelidade, e combateu nos seguintes as affirmativas do *Rio Herald*.

Em 2 de Julho Evaristo Ferreira da Veiga, rebatendo ainda as falsidades do *Herald*, terminou:

«Os Brazileiros detestam tudo quanto fôr tendente a conservar no Brazil o fermento da discordia, soldados que não são cidadãos, instrumento cégo ou dos caprichos do Governo ou da ambição dos sediciosos; mas sabem ao mesmo tempo apreciar a amizade dos estrangeiros que buscaram o nosso paiz para ahi exercitarem qualquer ramo de trabalho util. A Aurora Fluminense, tão indignamente calumniada, tem prégado sempre as doutrinas da maior franqueza commercial e industriosa, para nacionaes e forasteiros, quer que estes sejam protegidos a par dos cidadãos, nas suas pessoas, nas suas propriedades, no seu culto, em tudo aquillo, emfim, que constitue o homem social; porém, nunca que tenham nas mãos a força e que, á maneira dos mamelukos do Egypto, venham de Irlanda e de Allemanha, para com as armas na mão impor a Lei ou ameaçar as Liberdades da Associação Brazileira. Desejamos os estrangeiros como nossos amigos e não como nossos senhores.»

A Camara estava reunida. O Ministro da Guerra leu perante ella a parte do Governador

das Armas com relação aos successos de 9, 10 e 11. Evaristo, noticiando tal communicação, escreveu em sua folha :

« O publico impaciente espera pelo juizo da Camara ácerca de um objecto que interessa a todos os Brazileiros sem excepção. Deveremos ainda estar guardados por tropas estrangeiras, depois dos ultimos funestos acontecimentos ? Quererá o Governo tomar sobre si a tremenda responsabilidade de uma tal medida e tornar-se tacito approvador das hostilidades que soffremos, dos males que estiveram imminentes e que só o braço do Todo-Poderoso afastou de nós ? »

Deixemos, porém, de parte as revoltas das tropas estrangeiras e vejamos qual a attitude de Evaristo em face do insolito procedimento do Almirante francez Roussin.

Tres dias depois da entrada das náos francezas na bahia de Guanabara, no dia 9 de Julho por conseguinte, Evaristo escreveu na sua AURORA:

«Entraram aqui no dia 6 do corrente uma náo e duas fragatas francezas, commandadas pelo Vice-Almirante Roussin, e esperam-se mais alguns navios de guerra pertencentes á mesma esquadra. A occasião em que esta força apparece entre nós é bem pouco decorosa para o Brazil e não sabemos como o nosso Ministerio recebe assim, sem hesitar, dentro deste porto uma quantidade de vasos de guerra com o pavilhão francez.

Quando no discurso do Ministro dos Negocios Estrangeiros, Ferronays, o Brazil é tratado com tamanho desprezo, e descripto como um Governo mal seguro ; quando se discute aqui o complicado negocio das presas, em que os nossos interesses estão em direcção inversa dos interesses dos Francezes, a que fim manda o gabinete das Tulherias uma esquadra lançar ferro no principal dos nossos portos, á face da propria Capital ? Não é isto tratar com mão armada ? E deverá o Brazil soffrer resignado todas as indignidades que lhe quizerem inflingir ? Mas (tornar-nos-hão) iremos nós romper com a França e envolver-nos em uma guerra com uma po-

tencia maritima de primeira ordem? Fraco e sophistico argumento! Quem ignora que o direito das gentes se compadece com essas restricções na recepção de forças estrangeiras? Que não é esse motivo sufficiente para que se declare a guerra entre dous Governos? Quem ignora que a politica ingleza não consentiria que os Francezes abertamente hostilisassem o Brazil porque este mantinha a sua honra e independencia? Que a França mesma se interessa em conservar as relações de amizade e de commercio que tem comnosco? Nada se oppunha portanto a que o Governo recusasse admittir a esquadra do Almirante Roussin no porto do Rio de Janeiro ou admittindo unicamente a náo e, usando das attenções praticadas em taes casos, declarasse que lhe era impossivel tolerar a introducção da força inteira. Aos que perguntarem que mal poderá produzir a existencia da Esquadra Franceza na nossa bahia, responder-lhes-hemos que sem penetrar mysterios de politica profunda, o que apparece logo é a de fealdade da posição em que ficamos com uma tal ameaça diante dos olhos, quando temos a resolver questão de interesses nossos e da Nação que a Esquadra do Almirante Roussin representa, em sentido hostil. Que desgraça é a nossa! Espesinhados por todos os lados, maltratados pela guerra, roidos nas entranhas pelos erros das administrações passadas, é-nos ainda necessario curvar a cada momento a cabeça diante do estrangeiro e aceitar a Lei que nos dá com as armas á cara! »

Propositalmente escolhemos de preferencia as revoltas das tropas estrangeiras e a invasão das náos francezas para salientar a influencia de Evaristo no anno de 1828.

Effectivamente, aquelles dous factos foram os que mais directa, immediata e violentamente abalaram o espirito publico.

Evaristo, como diz um biographo, « era summamente habil em aproveitar as occasiões »; discutindo com grande energia civica aquelles dous incidentes, conquistou logo sobre o espirito publico uma ascendencia notavel.

Cabem sem duvida aqui as palavras do Dr. De Simoni :

« A revolta dos Irlandezes no Campo da Acclamação, no fim de Março de 1828, e a entrada do Vice-Almirante Roussin neste porto com morrões accesos, em 6 de Julho do mesmo anno, abriram ao sagaz escriptor uns destes ensejos. Eram estranhos que insultavam o paiz com as armas que este lhes confiára para defende-lo ; era o sangue brazileiro que havia sido derramado pelo insulto; eram estranhos que nos jornaes (*The Rio Herald*) apoiavam a affronta e pretendiam esbulhar aos Brasileiros dos direitos de defenderem suas vidas e suas casas, irritando-se de sua reacção e chamando-a de insulto e barbaridade; eram as armas de uma Nação poderosa que vinham tratar de um ajuste de negocios pecuniarios cóm uma Nação nova e menos forte, pondo como outr'ora em Roma para exigir mais ouro a espada sobre a balança. Que factos, que circumstancias para o coração de Evaristo ! Que materia para a sua penna ! »

O grande jornalista foi naquelles momentos de angustia o interprete do sentimento popular. Dataram dahi os seus triumphos.

Todos corriam á livraria da rua dos Pescadores e lá encontravam o modesto Evaristo, servindo aos freguezes e ao mesmo tempo doutrinando.

Em roda da modesta mesa em que Evaristo escrevia os seus artigos e que está actualmente guardada, juntamente com o tinteiro de que se utilisava, no Archivo Publico, sentavam-se os politicos para discutir a situação.

« Evaristo, diz o Dr. De Simoni, já não era esse homem concentrado em si e no seio da sua familia, esse mercador cauto e estudioso que, mettido no fundo de sua loja, outras suggestões não recebia senão as do seu coração e dos seus livros : era um grande espirito que sahia a uma existencia exterior, era o centro de um grande circulo que todos os dias se ampliava, era o depositario de uma crença, o orgão

mais activo de um partido que se ia formando e que ia invadir o campo da politica e supplantar com seu poder todas as influencias.

Como a philosophia na Grecia fizera dos porticos e dos passeios escolas de doutrina, Evaristo havia do seu balcão feito uma cadeira de sciencia politica e da sua loja um dispensatorio geral de opiniões transmittidas pela falla e pelos escriptos, reproduzidas e multiplicadas pela imprensa, e emquanto a estupidez e o sarcasmo da satyra fallavam desse balcão e dessa loja com irrisão, essa escola ia adquirindo todos os dias maior numero de discipulos e a reputação do mestre augmentava em razão inversa da virulencia dos chascos e dos convicios. »

Entretanto, esse homem, cuja palavra era com tanto acatamento ouvida, tinha apenas 29 annos de idade; força é convir que só um espirito superior conseguiria conquistar tanta preponderancia em tão verdes annos.

Com aquella idade em geral os assumptos serios não preoccupam os espiritos; Evaristo, porém, tinha já madura a reflexão.

Porto Alegre, que era, como Torres Homem e outros, amigo intimo do grande jornalista, tirou-lhe um dia o retrato a oleo. Pudemos ver ha bem pouco tempo, em casa da Exma. filha de Evaristo, a pequenina téla não emmoldurada. O tempo, que tudo arruina, estragou já um pouco o quadro, que precisa de uma restauração.

Em todo caso, póde-se apreciar bem ainda o valor da obra. O retrato consiste apenas na cabeça de Evaristo. O colorido é forte e expressivo. A physionomia do grande jornalista, reproduzida de perfil, respira saude e mocidade. Entretanto, attentando bem na expressão do olhar e no conjuncto das linhas physionomicas, o observador descobrirá traços que revelam uma austeridade sympathica, sem affectação, embora precoce. Esse retrato, que devemos ao pincel de Porto Alegre, deve ter sido feito na época a que acima nos referimos.

Em fins de 1828 Evaristo Ferreira da Veiga era já um nome conhecido em todo o paiz. Por occasião das eleições para a legislatura de 1830, Minas Geraes o reelegeu Deputado e ao mesmo tempo o Rio de Janeiro o honrou com o diploma de supplente.

Ouçamos a palavra de Joaquim Manoel de Macedo :

« E entretanto, em fins de 1828, Evaristo, ou melhor, o redactor d'*A Aurora Fluminense*, o preconisador da monarchia constitucional, foi eleito Deputado á segunda legislatura, pela Provincia de Minas Geraes, então a mais suspeita de aspirações republicanas !... E, convém não esquecer, naquelles tempos de santo noviciado do systema representativo, não havia em eleição chapas officiaes de Governo, nem de directorios de partidos; havia ampla liberdade de voto e independencia,nem de leve disputada aos eleitores. E Evaristo, o ostentoso monarchista constitucional,foi eleito Deputado pela Provincia de Minas Geraes, a de Bernardo de Vasconcellos e dos Padres José Custodio e José Bento, ultra-liberaes de fama. A *Aurora Fluminense*, anti-republicana, fez Evaristo Deputado !... Que conquista gloriosa tinha elle já realizado ! ..»

Em 22 de Outubro de 1880 o Visconde de Bom Retiro, pronunciando no Senado um discurso sobre a reforma eleitoral, disse o seguinte, que para aqui trasladamos :

« Seguiram-se as eleições da 2ª legislatura, de 1830 a 1833. Póde-se dizer com segurança, que a exaltação da luta politica tinha attingido o seu auge e tanto que produzio o acontecimento de 7 de Abril de 1831. Mau grado isto, e apezar da divisão profunda e intolerancia dos partidos tocando quasi ás raias do rancor pessoal, foi esta legislatura, como a antecedente, legitima expressão da vontade nacional. Triumphou nas eleições em todas as provincias o partido liberal em grande maioria,mas a Camara dos Deputados esteve longe de ser Camara unanime. Nella tiveram assento muitos personagens do outro par-

tido, e o Senado sabe que não obstante a circumstancia de terem sido eleitos pelo systema tão desacreditado, como se tem dito que é o da eleição indirecta, que tanto se presta á influencia malefica do Governo e a todo o genero de abusos, foram os eleitores dessa legislatura os que, em uma de nossas mais illustradas e patrioticas provincias, tiveram a coragem de arcar com o poder Ministerial e exporem-se ás suas iras e perseguições, quando deixaram de reeleger dous Deputados aliás mui distinctos, que naquellas circumstancias haviam perdido, com razão ou sem ella, a confiança dos seus constituintes, aceitando o cargo de Ministros de Estado. Já os eleitores da legislatura anterior tinham dado significativo testemunho de independencia de caracter, collocando na lista triplice para Senador, de par com um distincto Ministro, a um dos mais denodados patriotas daquelle tempo, o Sr. Nicoláo Vergueiro, que, entretanto, foi o preferido pela corôa, sem que o Ministro, cumpre notar, se julgasse desairado, nem visse nesse facto motivo para retirar-se do Ministerio e arrastar seus collegas, obrigando todo o gabinete a dissolver-se como já aconteceu; e ha muito quem entenda que assim deve acontecer em hypotheses semelhantes, restringindo-se deste modo a plenissima liberdade, que a Constituição quer que tenha a corôa na nomeação de Senador, dentre os propostos na respectiva lista pelo corpo eleitoral. Quando tantas, senhores, não fossem as leis dignas de menção, promulgadas nessa legislatura bastariam, para a sua gloria, o codigo criminal, cuja primeira parte principalmente, é, com todo o fundamento, justo objecto de orgulho nacional, e os passos adiantados que se derão para o acto addicional. A mesma legislatura é credora das bençãos da posteridade pelos esforços patrioticos que fez e meios energicos de que dotou o Governo para a manutenção da ordem e tranquillidade publicas, fazendo assim parar o carro da revolução que, em sua precipitada carreira, parecia querer absorver nossas instituições por meio de repetidas e successivas desordens e com as exaggeradas exigencias de federação já e já, e o perigo a que nos expunha o partido restaurador com as suas desarrazoadas e anti-patrioticas tendencias. Foi essa, em minha humilde e mais sincera apreciação, a mais brilhante quadra dos nossos annaes parlamentarss, depois da inde-

pendencia Foi a quadra em que se salvaram a monarchia e as liberdades publicas, que seriam arrastadas até ao abysmo, se triumphasse a anarchia que por toda a parte levantava o collo. Tão feliz resultado deve-se principalmente a dous dos maiores vultos de nossa historia politica, a cuja memoria não cesso, sempre que vem a proposito, de render as homenagens da mais profunda gratidão. Foram Diogo Antonio Feijó que, como Ministro da Justiça, compenetrado da sua alta missão, esmagou a hydra revolucionaria pela energia de seu caracter e infatigavel actividade, unidas á força moral que lhe davam a honestidade e pureza de costumes nunca desmentidas em toda sua vida; e Evaristo Ferreira da Veiga, o homem da abnegação e do mais nobre desinteresse, dotado de inexcedivel patriotismo, e que, arriscando sua immensa popularidade e a propria vida, affrontando a um tempo as iras dos revolucionarios, tanto federalistas como restauradores, e prestando os mais relevantes serviços, já na tribuna, com sua voz eloquente, já na imprensa, onde era eximio redactor, já nas associações politicas que fundára, e, o que tanto o honra, no proprio balcão de sua livraria, onde muitos homens politicos, que tão notaveis depois se tornaram, iam receber patrioticas inspirações e conselhos de ordem e prudencia poz-se á frente do partido moderado e conseguio assim manter e firmar a tranquillidade publica, salvando nossas instituições. E esses dous homens foram eleitos estando em opposição ao Governo daquella época, contra os desejos seguramente dos homens dominantes, sem corrupção, sem fraude, pelo systema de eleição indirecta, em companhia de Honorio Hermeto, Rodrigues Torres, Paula e Souza, Vergueiro, Costa Carvalho, Odorico Mendes e muitos outros que tanto concorreram, cada um por seu lado e todos reunidos para salvar o Brazil.»

VII

SUMMARIO — O anno de 1829—Evaristo, os absolutistas, os ultra-liberaes e os republicanos— A intervenção do Brazil nos negocios de Portugal—A sessão extraordinaria.

Passemos ao anno de 1829. Evaristo continuou a ser o mesmo homem sizudo e criterioso, o mesmo espirito illuminado, o mesmo doutrinario imperterrito e calmo que surgira no anno anterior, e conquistára sobre a opinião publica a mais legitima influencia.

Em 1829 continuou impassivel aos doestos dos absolutistas, proseguio na mesma rota, verberando os desmandos do Poder, pedindo o cumprimento da Constituição e das leis, defendendo, com inalteravel moderação e civismo, as mesmas idéas e os mesmos principios politicos.

« Fieis — disse elle em 25 de Fevereiro— aos principios Monarchico-Constitucionaes, que formam a base do nosso systema politico, nunca nas nossas paginas se terá notado um artigo ou uma só proposição que levemente se afaste das theses consagradas pelo nosso Codigo Fundamental. Peleijando sem cessar contra os abusos, nós havemos por vezes tomado a severa linguagem da verdade despida e o amor da nossa patria nos tem inspirado algum fogo contra erros que lhe são funestos; mas é sobre os Ministros e sobre os agentes do Poder que recahirão sempre as nossas arguições; ellas se têm comprendido no quadro legal traçado na Constituição Brazileira. Bem longe,

portanto de podermos ser accusados de *revolucionarios*, nós aspiramos ao bello titulo de mantenedores da ordem, inimigos da anarchia e amigos da Constituição. A Constituição—marco em que estão apontados os limites dos nossos direitos e dos nossos deveres ; em que se designa o que é attribuido á Autoridade, a quem foi confiado o regimen social e ao povo, para cuja ventura a autoridade foi instituida. Nada ahi é abstracto, nada duvidoso, sem que se proporcione o meio de ser a duvida resolvida : os preceitos positivos que ella nos impõe devem ser guardados por todos os élos da cadeia social, desde o monarcha até o ultimo dos subditos».

Eis ahi, em curtas phrases, todo um programma politico, todo um credo social, todo o cathecismo de uma fé.

« A nossa linguagem, longe de ser revolucionaria como a intitulam os aduladores da Côrte, é aquella que mais tende a consolidar a ordem, fazendo guerra aos abusos e despertando a autoridade de um somno nocivo tanto a ella como ao povo que rege. Se clamamos que os negocios publicos vão mal; que as finanças estão em desordem, por uma escandalosa dissipação; que os nossos diplomatas praticam quanto lhes dita o seu capricho ou interesse, que é preciso remover todas as causas de ciume e divisão, que impedem os Brazileiros de se abraçarem fraternalmente e de concorrerem para a prosperidade commum, é porque falla em nós muito alto o amor que juramos ao nosso paiz, e este amor não se nutre nem com sonhos de vinganças, nem com esperanças de desgraçadas fluctuações politicas, mas sim com idéas de futuro melhoramento e consolidação da structura social sobre as bases que lhe assignala o Codigo da Lei : o Throno e a Liberdade.»

Taes idéas forçosamente não podiam ser agradaveis ao aulicismo vergonhoso, nem ao liberalismo intempestivo e violento. Evaristo, porém, a nenhum dos dous grupos estava filiado, e continuava exclamando :

« Queremos a Constituição, não queremos a Revolução. »

Os absolutistas desprezavam aquella e os ultra-liberaes, digamos antes os republicanos pregavam esta.

Evaristo estava por conseguinte a igual distancia de uns e outros, ou, segundo suas proprias palavras, «mal com os Jacobinos de todos os partidos.»

« E' a Constituição — dizia elle — plena, reduzida a exercicio, e formando a norma infallivel da vida social que nós anhelamos.»

Evaristo pensava como Benjamin Constant :

« As revoluções nos são odiosas porque a Liberdade nos é cara »

Aos que pregavam a mudança da fórma de governo, elle mostrava « o perigo das transicções violentas » e observava a «difficuldade em se plantar o verdadeiro governo republicano entre povos aviltados pelo despotismo e sem nenhuma educação politica.»

Se lhe retorquiam, apontava para as republicas hispano-americanas, entregues ao caudilhismo militar, e exclamava :

«Nunca chamaremos Estados livres e felizes áquelles em que os partidos se succedem e se degolam uns aos outros, em que a espada de S. Martin, de O' Higgins ou de Bolivar manda mais do que a Lei.»

Fóra esta orientação que Evaristo revelara no primeiro anno de existencia d'A Aurora Fluminense. Em 1829 o seu programma permaneceu inalteravel.

D. Pedro continuou a intervir nos negocios de Portugal, com grave damno para o Brazil.

Evaristo combateu com energia esta nova politica anti-nacional e perigosa.

Em 19 de Janeiro começou a discutir com interesse o assumpto. São d'A AURORA daquelle dia os seguintes trechos :

«Ha já bastante tempo que os jornaes ministeriaes, ora com artigos de noticias relativas a Portugal e aos emigrados Portuguezes em Inglaterra, ora com exhortações e jeremiadas, procuram preparar a opinião para vermos sem repugnancia o Brazil envolvido na questão da herança do throno portuguez, tomando um caracter activo nesta luta e compromettendo nella os seus recursos e a sua gloria.»

Já nesse artigo Evaristo accentuou melhor a posição que a respeito assumiu em 1828.

No numero seguinte escreveu um outro artigo, verberando energicamente o procedimento de nosso Ministro em Londres.

«Como podem os nossos Diplomatas dispôr das forças e recursos do Brazil, enviar fragatas á ilha Terceira com armas, munições e dinheiro ? »

Em 28 de Janeiro, respondendo a um artigo do *Courrier du Brésil*, disse :

«Nós não sabemos a que auge sóbe a paciencia de D. Miguel e do seu Gabinete, mas acreditamos que dar soccorro a um partido que elle trata de rebelde, empregar para o lançar fóra do seu throno absoluto dinheiro e navios do Brazil, é: ou declarar-lhe a guerra ou querermos que elle a declare.»

Em 4, 9, 13 e 16 de Fevereiro, continuou a discutir o assumpto, defendendo com grande calor os interesses do Brazil, que não podiam estar á mercê de caprichos dynasticos.

Em 23 do mesmo mez, dando curso aos boatos que corriam sobre a vinda dos emigrados portuguezes, Evaristo definio préviamente a sua attitude e abundou nas mesmas idéas que expendera combatendo a intervenção.

Convocando extraordinariamente a Assembléa Legislativa, D. Pedro de certo não pensou que a opposição contra os seus desvios se manifestasse violentamente no Parlamento.

Evaristo, emquanto, na Camara, Feijó, Vergueiro e outros atacavam a politica financeira do Governo, verberavam a intervenção do Brazil nos negocios de Portugal e procuravam responsabilizar os Ministros da Guerra e da Justiça pelos tristes successos de Pernambuco, secundava na imprensa os esforços patrioticos dos illustres Deputados. Os seus artigos sobre taes assumptos são peças admiraveis de polemica e de erudição.

Voltam-se os absolutistas contra a imprensa, procurando cercear-lhe a liberdade, isto é, feri-la de morte.

Evaristo defende então galharda e brilhantemente as prerogativas do jornalismo.

Chega afinal o dia 3 de Setembro; e D. Pedro encerra a sessão extraordinaria com a memoravel falla insolita e laconica.

Evaristo continuou durante todo o resto do anno a condemnar vehementemente os excessos do Poder e a doutrinar para o povo.

De Setembro a Dezembro quasi todos os seus artigos foram consagrados á explanação de diversas theses da maxima relevancia.

Vejamos agora o papel que Evaristo desempenhou no anno agitadissimo de 1830.

VIII

SUMMARIO.—O anno de 1830.—Uma prova eloquente da correcção politica de Evaristo.—O Deputado e o Orador.—Influencia da Revolução dos Tres Dias sobre os acontecimentos do Brazil.—A viagem do Principe á Provincia de Minas Geraes.

As transformações por que passou a politica brazileira no anno de 1830 foram verdadeiramente singulares e curiosas.

D. Pedro, que tão rudemente tratára a Assembléa Legislativa no anno anterior e tão decidido se mostrára a implantar definitivamente o absolutismo, modificou brusca e inesperadamente a sua conducta.

Contrahindo nupcias com a Princeza Amelia Augusta Eugenia de Leuchtenberg, pareceu resolvido a mudar de rumo, adoptando uma politica de paz e de concordia.

Com a quéda do Gabinete Clementino os absolutistas soffreram uma grande derrota e os que, como Evaristo, só pediam o cumprimento da Constituição, sentiram-se felizes e alegres com a nova ordem de cousas.

Emquanto as Camaras não se abriram, Evaristo continuou a sua missão evangelisadora nas paginas d'A AURORA FLUMINENSE.

A explanação de theses de direito publico continuou a ser feita pelo grande jornalista com frequencia e brilhantismo.

Os elementos votados ao ostracismo pelo advento da nova situação aggrediram por vezes com violencia aquelle que conseguira tão profundamente ferir o absolutismo. O Conselheiro Francisco Gomes da Silva, de triste memoria, foi um dos adversarios mais terriveis de Evaristo, que, entretanto, o desmoralizou completamente perante a opinião publica.

Emquanto o illustre brazileiro dava combate aos absolutistas encastellados no *Imparcial* e em outras folhas, ia ao mesmo tempo educando e doutrinando. São notaveis ainda hoje os artigos que Evaristo então escreveu sobre educação feminina, e que lhe dão direito a um lugar de honra entre os partidarios da emancipação da mulher, considerado este problema sob um ponto de vista racional e restricto.

Deixemos, porém, tudo isto de parte e vejamos qual a marcha da politica em 1830.

Abriram-se as Camaras em 3 de Maio.

Evaristo, commentando a Falla do Throno, disse no n. 333 de seu jornal :

« Apresentando aos nossos leitores a Falla do Throno, diremos apenas que ella não respira hostilidade contra os novos representantes da Nação, e que esses que agoiravam dias tormentosos á Legislatura de 1830 vão sendo desmentidos pelos factos ».

De facto, D. Pedro parecia disposto a entrar no bom caminho.

A Camara respondeu dignamente á Falla e as sessões começaram mais ou menos calmas. Cumpre assignalar, desde já, aqui, um facto que muito honra a rectidão politica de Evaristo. Elle fôra sempre um adversario implacavel de Clemente Pereira e Oliveira Alvares. Ambos haviam assignalado a sua passagem pelo Poder com violencias e desmandos. Agitou-se na Ca-

mara a idéa de se negar valimento aos diplomas dos dous Deputados. Evaristo votou pela admissão, isto é, reconheceu nobremente a verdade das urnas.

Não era nova essa independencia e essa correcção de conducta politica. Quando na Bahia fôra assassinado o absolutista Visconde de Camamú, Evaristo, que verberára sempre os seus actos prepotentes e illegaes, verberou igualmente o assassinato politico.

Dentro de pouco tempo D. Pedro, cujo temperamento não era o de um Monarcha constitucional, atirou-se de novo nos braços dos absolutistas.

Evaristo Ferreira da Veiga continuou a profligar com energica moderação os crimes do Poder. Na Camara e no jornal foi sempre o mesmo homem de doutrina, calmo e criterioso em extremo.

A palavra do Deputado equivalia á penna do jornalista: esta nunca sahira dos limites do bom senso e da logica, aquella igualmente foi sempre reflectida e grave, profunda, erudita e ao mesmo tempo correcta, clara e lhana; esta nunca fomentára discordias, nem explorára paixões; aquella tambem jámais coadjuvou excessos condemnaveis, foi sempre ordeira e doutrinaria.

« Evaristo — diz Macedo em seu *Annuario Biographico* — levou para a Camara o seu bom senso e a sua logica inflexivel. Deputado novo, elle tornou-se quasi de improviso conselheiro influente de numeroso circulo de Deputados liberaes, e mais de uma vez concorreu para moderar nas votações as tendencias exaltadas da opposição. Frequentou a tribuna, mas nunca se distinguio por arrebatamentos de eloquencia; a sua eloquencia era a logica e nos seus discursos a mais perfeita cortezia adoçava as censuras e as réplicas. Tinha palavra mais que facil, fluentissima, monotona, porém, porque era sempre a

mesma, um rio a correr por leito sempre igual; voz sonora, mas aflautada, que de principio a fim se fazia ouvir indefectivelmente no mesmo tom. Sua fluencia e seu fallar, que era como musica sem accidentes, acabavam ás vezes por fatigar o auditorio, porque elle orava durante uma hora sem jamais fazer leve pausa, sem hesitar a procura de uma palavra, sem dar um momento de descanço á attenção da Assembléa, e sempre com a mesma entonação até concluir o discurso. »

Eis ahi o perfil do parlamentar, feito com precisão e clareza.

Ouçamos ainda uma vez o Dr. De Simoni :

« Na tribuna pregou Evaristo as mesmas doutrinas liberaes e moderadas e mostrou o mesmo espirito, caracter e tendencia, como no jornalismo. Porém alli sua posição era outra; seu discernimento soube conhecê-la e modificar sua linguagem e conducta em relação a essa circumstancia. Alli elle não fallava ao povo, mas á escolha da Nação, a collegas que elle devia suppor tão bons e illustrados como elle. Bem que os principios fossem os mesmos, o orador mui discrepava do escriptor. Nas fallas do Deputado havia mais pensamento e menos affecto do que nos artigos do jornalista. A ironia deste ficava á porta quando aquelle entrava no recinto parlamentar ; a gravidade e o decoro o acompanhavam em seu lugar. A individualidade, que tanto se temia de sua penna, alli nada tinha a receiar de sua lingua, fóra dos casos em que sua causa era inseparavel de materias de interesse geral e transcendente; e nessas mesmas occasiões era contrariada e combatida com dignidade, jámais com o insulto, e ás vezes até louvada com imparcialidade e com honrosas excepções. Quasi nunca elle pedia a palavra que não fosse para tratar destas materias ou para fallar pela ordem. Naquellas fallava com mais vigor e intimação do que com vehemencia, e em todas com um raciocinio methodico e profundo, sempre ligado aos principios que professava e ao alvo de seus planos. Seus discursos são um modelo de logica, moderação e equidade, como a linguagem delles o é de eloquencia, fluidez e harmonia. Nelles brilha uma serenidade de espirito,

uma confiança tal nos principios e na justiça, que lhes dá uma côr eminentemente nobre e quasi divina ; nenhum luxo de termos pouco communs ou de obsoletos, nem de phrases estudadas, nem de hyperboles. Se a eloquencia consiste nestes falsos atavios, elles perdem muito á frente de outros da maior parte de seus collegas. Elles são o que era o seu autor, simples e llano em suas maneiras, e em todos os actos de sua vida privada, mas nobre, honesto e judicioso. Não faziam o estrondo de outros que o furor da colera ou uma acrimonia virulenta, uma abundancia e facilidade admiraveis, uma logica subtil e capciosa, uma grande riqueza e amenidade de erudição e figuras rethoricas improvisavam na Camara ; mas traziam comsigo a recommendação do criterio, caracter e probidade daquelle que os pronunciava e nisso consistia uma das razões de sua força e efficacia.»

Encerradas as Camaras, Evaristo continuou a batalhar nas columnas de seu jornal, desmascarando os planos dos inimigos da ordem constitucional, ensinando ao povo os bons principios, sempre com a mesma linguagem reflectida e calma.

Em Junho de 1830 a França inteira foi violentamente abalada por uma grande revolução. Carlos X, rei tyranno, que conculcára todas as liberdades publicas, teve na reacção formidavel do povo o premio merecido. Todo o orbe civilisado sentio os effeitos do grande movimento popular.

No Brazil as noticias da Revolução Franceza chegaram em 14 de Setembro de 1830, enchendo de verdadeiro jubilo todos que pugnavam pela verdade da constituição, pelo triumpho da liberdade e do direito sobre o arbitrio e a prepotencia de um Governo despotico, habituado a só reconhecer como legitima a sua vontade caprichosa e omnipotente.

« Esta recente revolução da França—escreveu Evaristo em seu jornal no dia 27 de Setembro—é uma lição de primeira ordem para os Principes

que houverem sido dotados de algum senso e que observarem quanto é hoje impossivel governar pelo motu-proprio e sciencia certa, quando é necessario, até por politica, por desejo da propria conservação, ir de accôrdo com a illustração do seculo. Carlos X deixou de reinar; o mesmo aconteça a todo aquelle monarcha que, trahindo os seus juramentos, tentar destruir as instituições livres do seu paiz.»

Valia por uma advertencia o artigo de Evaristo. Tirando illações, comparando os successos da França com a marcha da politica brazileira, mostrava o abysmo ao absolutismo impenitente.

Carlos X tinha na America um simile mais ou menos perfeito: como elle, D. Pedro I violava a cada instante a Constituição; o Ministerio Paranaguá valia o Ministerio Polignac.

O Rio de Janeiro, a Bahia, S. Paulo e Pernambuco festejaram solemne e publicamente a quéda de Carlos X.

Em S. Paulo, o Ouvidor da Comarca tentou processar alguns estudantes que haviam tomado parte nos festejos.

Em 25 de Outubro, Evaristo escrevendo a respeito disse em sua folha:

«Nós não gostamos da anarchia; na nossa folha bastantes provas temos dado de que não propendemos para os excessos. Mas, se não queremos a anarchia, muito menos podemos supportar a escravidão. Os habitantes de S. Paulo festejaram as noticias da França e honra seja dada aos paulistas, acompanharam os sentimentos de todo o Brazil livre; reconheceram a importancia da victoria que a intelligencia, a civilisação e a liberdade obtiveram em Paris sobre a bruteza, sobre os prejuizos, sobre a perfidia. O que ha nisto que possa açular as iras do Governo ou faze-lo tremer? Pretenderia elle imitar o exemplo de Carlos X e vio na coragem do povo pariziense uma imagem do que fariam, em caso identico, os Brazileiros?»

Replicando ás folhas ministeriaes, Evaristo escreveu ainda em 8 de Novembro, isto é, doze dias antes do assassinato de Libero Badaró :

« Pergunta um destes escriptores que relação, têm as cousas do Brazil com as cousas da França e se os nossos Ministros feriram por ventura a Constituição do Imperio com actos expressos como as ordenanças de 25 de Julho ? Não; por ora não ousaram tanto; tambem Polignac, antes de dar esse passo derradeiro, negou sempre que houvesse de proceder-se a qualquer golpe de Estado. Os Francezes comtudo não o acreditavam porque julgavam da doença pelos symptomas; e pelos symptomas é muito claro que no Brazil se tem conhecido da parte do maior numero dos agentes do poder nenhuma affeição ao actual systema constitucional e uma intoleravel philaucia, com que pretendem que seus caprichos estejam acima da lei. »

Doze dias depois da publicação deste artigo, occorreu em S. Paulo o assassinato do generoso italiano que nas columnas d'*O Regulador Constitucional* pugnava valentemente pelas liberdades publicas e defendia os estudantes de direito que haviam incorrido na sanha do Ouvidor da Comarca. «O assassinato de Badaró foi a tunica ensanguentada de Cesar arrastada no forum das liberdades do Brazil», escreve um dos nossos historiadores. Realmente, depois deste barbaro acontecimento a opposição contra o Governo despotico de D. Pedro I augmentou consideravelmente de intensidade.

D. Pedro foi visitar a Provincia de Minas Geraes, onde mais viva era a reacção contra a sua politica funesta. Em vez de hymnos e acclamações exclusivamente, passou pelo desgosto de ouvir tambem o dobre funebre dos sinos, annunciando exequias em homenagem ao martyr das idéas liberaes. O despotismo ia ruir.

O espirito de nacionalidade, muito explorado e avivado por impatrioticas pennas, explodiria

breve na praça publica. Era inevitavel quasi o embate violento entre a nacionalidade que surgia, impetuosa, reclamando o seu posto entre as nações do mundo civilisado, e a de que era oriunda. Estavam lançados os pródromos do 7 de Abril. Como diz o Camarista Joseph Saldanha da Gama no seu livro *Coup d'œil philosophique et historique sur les affaires brésiliennes, avant, pendant et après la Régéneration* — «tout annonçait l'écroulement prochain du vieil édifice.»

IX

SUMMARIO—Perfil politico do Primeiro Monarcha — Evaristo, a Federação e a Reforma—Evaristo e o elemento Portuguez — Evaristo e a Revolução de 7 de Abril—A luta contra a Demagogia —As Sociedades Politicas—Evaristo e Feijó.

Em 22 de Fevereiro de 1831, D. Pedro fez publicar em Ouro Preto a celebre Proclamação que escrevera no arraial da Cachoeira do Campo. Não consistia ella em um appello ao caracter pacifico e ordeiro dos Brazileiros : valia por um cartel de desafio aos liberaes, por uma affrontosa e ostensiva manifestação de prepotencia e ousadia.

Era mesmo assim, amigo dos perigos, affouto e bellicoso, o caracter do primeiro Monarcha.

Outr'ora, quando deduziamos os nossos juizos de estudos superficiaes, a figura de D. Pedro nos era antipathica. Hoje pensamos diversamente. Elle não foi um homem vulgar e não foi tambem um despota. Tinha idéas alevantadas, mas possuia uma natureza « bouillante et hasardeuse » ; era, como diz Armitage, « inconstante e destituido de prudencia » ; não tinha, na expressão feliz de C. Reybaud, «cette raison calme et froide qui calcule les détails, qui compte avec les obstacles, et qui, par la sagesse et la mesure ses actes, arrive à la longue à rèfréner les passions mauvaises et à ouvrir un lit régulier aux passions légitimes. » Os erros que praticou não são por si só sufficientes para

que a Historia o condemne em absoluto, sem as attenuantes que merece. D. Pedro não se curvou perante os que lhe faziam opposição ; foi sempre surdo ás vozes do povo ; errou, decerto, pois essa opposição era justa e justas tambem eram as queixas dos Brazileiros, mas teria procedido com acerto, se porventura — o que não era impossivel—carecessem de fundamento os protestos dos seus antagonistas. O que foi um erro poderia, dadas certas circumstancias, ter sido uma virtude. Não consideramos grande homem de Estado aquelle que não se mostra forte em face da opinião, pois é preciso muitas vezes contraria-la. O que, porém, é necessario, é que o Chefe de Estado saiba quando deve acceder e quando deve recusar obediencia ás exigencias do povo, nem sempre racionaes e justas. D. Pedro tinha essa fortaleza de animo que é o principal qualidade do estadista ; errou sómente porque não soube utilisa-la como convinha ao momento, e porque abusou della muitas vezes.

Evaristo, commentando a atrevida Proclamação do Principe, escreveu n'A Aurora de 11 deMarço:

« Nada ha na Proclamação que S. M. I. assignou no Ouro Preto que dê idéa de reforma ou melhoramento da parte dos governantes ; parece lançar-se a culpa toda da desordem, que dizem nos ameaçar, aos excessos da imprensa periodica e a um partido desorganisador que se aproveitou das circumstancias puramente peculiares da França. Que os acontecimentos da França estão muito longe de ser peculiares, assás o provam todos os resultados de que na Europa têm sido seguidos para o destino das outras nações ; no Brazil mesmo as cousas potiticas variaram muito desde a chegada dessas noticias, que aterraram, como um raio, a tyrannia, fazendo-lhe perder sua derradeira esperança. »

O moderado mas energico jornalista mantinha-se impassivel em seu posto, pugnando pela verdade da Constituição.

Momento houve em que a ascendencia que conquistára sobre a opinião publica pareceu desfeita. Desde fins de 1830 os liberaes propagavam a Federação e a Reforma. Estas idéas a principio appareceram patrocinadas sómente por alguns espiritos exaltados. Os liberaes mais calmos e prudentes relutavam em acceita-las. Pouco a pouco, porém, á proporção que os absolutistas punham em execução novos e impatrioticos planos, maior numero de adhesões conquistavam os reformadores.

Evaristo estremecia ao pensar que o Brazil, descentralisando-se administrativamente, viesse mais tarde a se fraccionar, a se subdividir em republiquetas independentes, inimigas umas das outras, entregues á ambição de alguns caudilhos aventureiros. A federação, no pensar do illustre jornalista, punha em perigo a unidade nacional. Como não occultava suas convicções, e sempre as tornava publicas combateu calorosamente a Reforma. O *Republico*, *a Luz Brazileira* e o *Tribuno* não foram acompanhados pel'A AURORA FLUMINENSE na propaganda da Federação das Provincias. Em longos e successivos artigos, combateu a idéa, que, entretanto, foi tomando corpo, avultando, até que, afinal, se tornou uma aspiração quasi unanime. Que seria do paiz se os reformadores triumphassem? Far-se-hia tudo em ordem, ou viriam o tumulto e a anarchia perturbar a marcha da nação? Evaristo sentio a impossibilidade de convencer a opinião publica de que eram perigosas e inconvenientes as idéas pregadas pelos liberaes adiantados; meditou longamente sobre as consequencias que de uma tal situação poderiam resultar, e comprehendeu que a sorte de seu paiz exigia de si um novo sacrificio. Vacillou longamente antes de mudar de rumo, e sentio que «neste momento de desengano, de dôr e desesperação, igual talvez ao que em Utica

rasgou com o punhal suicida as visceras do ultimo dos romanos », na bella expressão do Dr. De Simoni, só lhe restava um unico recurso — confessar a sua derrota, abdicar as suas convicções, alistar-se entre os reformadores, e salvar assim a Patria. Tudo fizera para matar no nascedouro a propaganda da Federação, mas debalde, pois a onda encapellada e alterosa rompera as portas do dique e se espraiára assustadoramente.

Com desinteresse, e mesmo com offensa ao seu amôr proprio, humilhando o seu orgulho de polemista, suffocando a sua vaidade individual, Evaristo soube cumprir nobremente o seu dever civico. Perfilhou a Reforma, porque só elle poderia dirigi-la com a sua prudencia e o seu bom senso, de fórma a evitar a anarchia e a revolução.

« Por toda a parte—disse elle—se deseja a Federação e a Reforma ; todos a querem e seria uma imprudencia não ceder. Combati-a emquanto não a julguei do voto geral ; hoje é necessaria e pugno por ella ; faça-se, faça-se, mas a ordem e a tranquillidade presidam a tudo e a lei a sua propria alteração. Modifique-se o nosso pacto social, mas conserve-se a essencia do systhema adoptado ; dê-se ás Provincias o que ellas precisam e lhes póde ser util, mas conserve-se o Brazil unido e não se afrouxem demasiadamente os laços que o prendem a esta união ; faça-se tudo quanto é preciso, mas evite-se a Revolução. Isto é possivel e espero que ainda se consiga. »

Não se póde conceber mais nobre e mais bella prova de civismo.

Deixemos, porém, de parte este assumpto já largamente explanado por muitos escriptores de merito, e tratemos de um outro que não é possivel omittir na exposição historica das causas do movimento de 7 de Abril.

D. Pedro I, proclamando a independencia do Brazil, manteve entretanto nos seus cargos muitos portuguezes, que, de fórma alguma, podiam se mostrar indifferentes e alheios á sorte da mãi-patria. O proprio Monarcha, em vez de identificar-se, por assim dizer, com a nação que acabava de fundar, commetteu o grande erro de não se mostrar « verdadeira e inteiramente brazileiro », na expressão feliz de Armitage. Dahi a sua politica anti-nacional, obrigando o Brasil a intervir directamente nos negocios da antiga metropole, com os quaes nada mais tinha que vêr, uma vez que della politicamente se separára em 1822. Dahi tambem a creação de um mysterioso e esdruxulo *gabinete secreto*, e, conseguintemente, o predominio de uma facção governativa estrangeira. Evaristo Ferreira da Veiga, profligou sempre essa politica tão abstrusa e contraria aos interesses do Brazil.

O resultado fatal de semelhante estado de cousas foi uma separação profunda entre portuguezes e brazileiros.

O glorioso jornalista esteve sempre ao lado dos seus patricios. Elle não podia vêr, sem protesto, estranhos preponderando na direcção de um paiz independente, quando nunca deveriam sahir dos limites da neutralidade, mantendo-se sempre indifferentes e alheios ás lutas intestinas.

Não se infira do que dizemos que Evaristo fosse um inimigo dos portuguezes, obcecado pela paixão funesta do nativismo. Não ; elle só combatia aquelles que, por actos ou palavras, se mostravam infensos ao Brazil.

Seu pai era um portuguez e isso só seria mais do que sufficiente para impedir que consagrasse exagerado rancor a toda uma nacionalidade.

Doiam-lhe os insultos feitos ao pundonor nacional ; mas, apezar disso, se limitou sempre a defender a honra do seu paiz, sem transformar

jamais esse nobre sentimento civico em uma paixão grosseira e violenta.

Houve e ainda hoje ha quem attribua a Evaristo um odio descommedido aos luzitanos. Tal juizo não póde ser qualificado senão como uma calumnia historica. Não querendo recorrer ás paginas d'A AURORA, onde aliás seria facil colher innumeras provas em favor das nossas affirmativas, lembraremos um facto que é de natureza a dissipar todas as duvidas. Em 14 de Julho de 1834, quando a Camara dos Deputados discutia as condições de elegibilidade para o cargo de Regente, Evaristo disse, em memoravel discurso :

« Não se avilte a tal ponto uma classe tão numerosa de cidadãos, nossos que se julgue que elles devam ser pagos a preço vil ; elles são dignos de occupar os grandes cargos do Estado, se tiverem merito e capacidade, e reconhecemos entre nós brazileiros nascidos em outro paiz muito dignos de occupar esses empregos ; e se a Nação quizer eleger algum delles para Regente dê livremente o seu voto ; não ha perigo; não ha essa tendencia nas idéas dos brazileiros, nem de nenhum dos paizes americanos que se subtrahirão ao jugo da metropole, não são estes os inconvenientes que cumpre evitar.»

Eis ahi como Evaristo considerava os portuguezes. Desnecessario será insistir neste ponto, depois da transcripção que fizemos.

São conhecidos os successos que occorreram no Rio de Janeiro por occasião da chegada do Imperador de volta da desastrosa viagem que fizera á Provincia de Minas-Geraes.

Portuguezes cujo sentimento patrio era a todo instante explorado, entregaram-se a excessos vergonhosos.

Evaristo foi um dos que, na famosa *noite das garrafadas*, caro pagaram a audacia que praticaram, não accendendo luminarias em homenagem ao Imperador que regressava.

A penna do jornalista soube defender galhardamente os brios da nacionalidade brazileira, flammejou de indignação e lançou em publico a formidavel e terrivel advertencia : — *o sangue derramado pede sangue.*

Evaristo synthetisou naquelles dias de angustia todo o Brazil offendido, corporificou a alma nacional e tomou sobre os hombros o encargo de reagir contra o villipendio que a Nação soffrera.

Emquanto D. Pedro fazia a sua entrada triumphal na cidade, elle redigia em casa do Padre Custodio Dias na chacara da Floresta, á rua da Ajuda, a famosa representação, que, no dia immediato, levada de porta em porta por Honorio Hermeto, era assignada por 24 representantes da Nação e entregue ao Monarcha.

D. Pedro decidio-se em 20 de Março a organizar um gabinete nacional. O grande jornalista deu-se por satisfeito com a nova ordem de cousas, hypothecou o seu apoio ao gabinete e aconselhou ao povo que se mostrasse ordeiro e pacifico.

Em 5 de Abril o Ministerio foi bruscamente substituido.

No dia 6, Evaristo, argumentando ainda uma vez com os recentes successos da França, escreveu em seu jornal um vibrante artigo, do qual destacamos o seguinte trecho :

« Nada ha mais insupportavel do que o jugo estrangeiro e estrangeiro é todo aquelle Governo que tem horror á Nação a cujos destinos preside, que se envergonha de pertencer-lhe. »

No dia immediato o Imperador abdicava, ou antes era obrigado a abdicar.

Não cabe nos estreitos limites da nossa despretenciosa monographia historica uma longa exposição critica da revolução de 7 de Abril. Tal assumpto daria materia para mais de um volume. Além disto, o glorioso movimento popular

tem sido largamente estudado por escriptores de talento, e, se alguns o encararam por um prisma erroneo e falso, outros— o Dr. Luiz Francisco da Veiga em primeiro lugar— souberam justifica-lo galhardamente perante o direito, perante a razão e perante a historia.

O espaço de que dispomos não nos permitte a analyse detalhada dos acontecimentos da época ; mal nos chega para estudar o papel que nelles desempenhou Evaristo Ferreira da Veiga, o masculo e impolluto jornalista, cuja vida devemos, nós outros tambem jornalistas, considerar um exemplo digno de ser imitado.

Em torno desta individualidade outras se agruparam, trabalhando pelo mesmo fim, com grande civismo, habilidade e talento. A geração de 1831 merece um logar de honra na historia do Brazil. O periodo da Abdicação e da Regencia foi o mais fecundo e o mais brilhante que Brazil tem tido, quer pelo alto valor dos politicos do tempo, quer pela nobreza e pelo denodo com que se degladiaram.

Bem quizeramos traçar o perfil de tantos homens illustres, esboçar a silhueta de tantos parlamentares celebres, que foram companheiros de Evaristo e com elle batalharam a mesma batalha.

E' forçoso entretanto, pelas razões expostas, circumscrever nosso trabalho aos limites que traçamos. E' opinião unanime dos biographos que Evaristo foi extranho ao movimento de 7 de Abril.

O Dr. De Simoni diz que o grande jornalista concorreu « involuntariamente para a revolução ».

N'*O Chronista* de 1837 appareceu um artigo do qual transcrevemos os seguintes trechos :

« Os homens da opposição de 1830 não são os homens da revolução de 1831;—Evaristo não calculava com ella, em seus planos não entrava

esta carta—de terrivel jogo. Mais que muito conhecia elle os recursos do Governo representativo, e mais se fiava nelles do que no remedio violento contra todos os Governos anti-nacionaes : aquelles não estavam esgotados e a ordem e a tranquillidade do Imperio que tinham em Evaristo o seu maior sustentaculo, não permittiam, não aconselhavam uma revolução. »

Macêdo, no seu *Annuario Biographico*, assim se expressa :

« Evaristo foi alheio ao pronunciamento de 6 de Abril e só appareceu no Campo de Sant'Anna ao romper do dia 7, accudindo á noticia de abdicação que o General das Armas Francisco de Lima e Silva immediatamente fez chegar ao seu conhecimento ».

Nossa opinião diverge muito. E' certo que Evaristo odiava os motins. Toda a sua doutrina politica tinha como base a ordem, que pregava incessantemente. Sem embargo de tudo isto, não receiamos dizer que Evaristo tomou parte no movimento, ou que, pelo menos, teve prévio conhecimento delle. Tanto é verdade o que affirmamos que, temendo o fracasso da revolução, foi procurar asylo no consulado americano.

Só um ingenuo poderá crêr nas affirmativas sentimentalistas dos biographos que citamos.

Evaristo, escrevendo a representação de 17 de Março, identificara-se com o povo, perfilhara as suas queixas, fizera côro com elle. O tom em que foi escripto o famoso documento não lhe tirou o caracter de verdadeiro ultimatum. Evaristo sabia do que ia occorrer em 7 de Abril, tinha sciencia do plano revolucionario. E' esta a nossa opinião, que não importa em desdoirante injustiça ao civismo do conspicuo Brazileiro. Elle esgotara todos os recursos ao seu alcance para que D. Pedro abjurasse a sua politica e abraçasse uma outra mais nacional e mais digna ; nada conseguira ; seria pois um

crime, lançar mão dos meios extremos em taes circumstancias, ou pactuar com elles, embora sem tomar a responsabilidade da iniciativa ?

E' muito curiosa, mas não deve ser feita aqui, a psychologia desses « liberaes de molde conservador, amigos do progresso e incredulos na efficacia das revoluções. »

Evaristo não foi alheio, repetimos, ao movimento de 7 de Abril. O artigo que o illustre jornalista publicou no dia 6 de Abril, valia por um annuncio. Lido nas entrelinhas, o referido artigo era de uma clareza notavel.

Triunphando o movimento popular, o General Lima e Silva procurou um homem capaz de dirigir a situação. Evaristo compareceu então e vio com pezar que o jubilo do povo ia rapidamente se transformando em virulenta e odiosa reacção.

Era preciso « travar o carro da revolução », para usarmos da phrase de um illustre Brazileiro: —Theophilo Ottoni costumava dizer, em palestra, que Evaristo praticára um grande crime « travando o carro da Revolução de Sete de Abril ».

Foi esse, entretanto, o maior serviço que o grande jornalista prestou ao seu paiz.

A revolução estava feita, e se não apparecesse um espirito illuminado para dirigi-la, o sangue viria certamente mancha-la na sua pureza.

Evaristo appareceu no campo da luta, e, magnanimo, quasi sublime, ao mesmo tempo que Odorico Mendes dizia — *Perdão para os illudidos* — elle exclamava — *Moderação ! haja moderação ! Perdão aos criminosos ! Sejamos generosos em nossa justa indignação ! Tudo esperemos das autoridades !*

O povo, sedento de vingança, no delirio de seu triumpho, tinha rugidos de leão. Um dia que se passasse, continuando acephala a direcção do paiz, traria como consequencia fatal o predomi-

nio da anarchia irrequieta e hedionda, seria o advento dos furores demagogicos, a degolla, a sangueira, o terror, com todo o seu sequito negro.

Evaristo, comprehendendo bem o perigo da situação, veio, stoico e forte, para a praça publica, serenou os animos com sua palavra, e continuou nos dias subsequentes, nas columnas de seu jornal, a grande obra de paz, doutrinando, escravisando todas as paixões aos seus conselhos inspirados e patrioticos.

Graças aos esforços do eminente periodista a náo do Estado não sossobrou no começo da borrasca. Elle redigio a proclamação ao povo, e, director supremo do paiz, organisou a Regencia, que ficou composta de Lima e Silva, Vergueiro e Marquez de Caravellas.

Começou assim, como bem affirma um biographo, o reinado moral do bom senso de Evaristo.

Até 1835 Evaristo foi por assim dizer o arbitro dos destinos do paiz.

Pouco tempo depois da Revolução de 7 de Abril, que congregara sob o mesmo pallio todos os partidos, todas as crenças politicas, a divisão que primitivamente existia, foi de novo se accentuando, rapidamente, e a politica ficou, afinal, como d'antes, dividida em dous campos oppostos.

Persistiam os ultra-liberaes na sua propaganda federalista, os republicanos engrossaram as fileiras, e, todos cheios de animosidade contra o elemento portuguez, constituiram um grupo forte pela audacia e caracterisado por evidentes tendencias subversivas e revolucionarias.

Outro grupo numeroso pugnava pelo regimen da ordem e da lei, condemnando, como odiosos e funestos, todos os excessos. Evaristo, que sempre se mostrara alheio aos partidos, formou en-

tão o seu, constituido já expontaneamente pela catechese diaria que fazia em seu jornal, mas ainda sem a unidade e a força de um corpo organisado.

Odorico Mendes, Vergueiro, Feijó, José Custodio, Alencar, Paula e Souza, José Maria do Amaral e muitos outros homens de igual valor prestigiaram Evaristo com seu apoio.

Era preciso salvar o throno e com elle a unidade do paiz, seriamente ameaçada.

Creou-se com tal fim a *Sociedade Defensora da Liberdade e Independencia Nacional.*

A vida desta sociedade e das outras que se crearam para lhe fazer opposição é um capitulo importantissimo de historia patria, que não póde caber nos limites deste trabalho.

Ainda nenhum historiographo consagrou attenção especial á vida das sociedades politicas existentes no tempo da Regencia e que tão decisiva influencia exerceram sobre os publicos negocios.

A *Defensora* foi, sem duvida, a mais importante de todas, porquanto de seu seio sahio durante muito tempo a orientação a que a Governo obedeceu. Ella multiplicou-se por todo o Imperio e representou assim por muitos annos o pensamento do Brazil.

Temos em mãos um manuscripto deixado pelo Dr. Luiz Francisco da Veiga sobre as sociedades que se organisaram depois do 7 de Abril.

O trabalho é interessante e merece ser lido.

« Depois da Revolução de 7 de Abril—diz o Dr. Luiz Veiga—o paiz, politicamente militante, dividio-se em tres grandes sociedades politicas com as respectivas filiaes—a *Sociedade Defensora da Liberdade e Independencia Nacional*, a *Sociedade Federal* e a *Sociedade Conservadora*, que depois se chamou *Militar*. Queria a terceira, conservando a Constituição outorgada e jurada, violar a historia, renegando a revolução nacio-

nal; queria a segunda, posto notasse graves deficiencias, se não erro essencial, na revolução, violar a Constituição, por demais unitaria; e queria, finalmente, a primeira manter inviolavel a historia, isto é, todas as conquistas da revolução, e a Constituição jurada, nos pontos capitaes. A terceira sociedade, que mais propriamente constituia a cohorte pretoriana, os Dragões, Porta-Machados, ou Corpo de Sapadores do Partido Restaurador, teve seu decreto de dissolução e seu jazigo perpetuo a 24 de Setembro de 1834, com a morte de D. Pedro I; e como ella era, em grande parte, inimiga commum das duas outras, seu desapparecimento importou no desapparecimento immediato dellas. Cumpre ponderar que os dous partidos liberaes, *exaltado* e *moderado*, consubstanciados nas referidas sociedades *Defensora da Liberdade* e *Independencia Nacional*, e *Federal*, soffreram frequentes alterações em seu numeroso pessoal, realizando-se mesmo diversas colligações transitorias, antes, mas principalmente depois da morte do 1º Imperador. O Acto Addicional (Lei Constitucional de 12 de Agosto de 1834) e o Ministerio de 19 de Setembro de 1837 produziram um grande trabalho de reorganisação nos dous partidos politicos subsistentes. A Interpretação do Acto Addicional (Lei de 12 de Maio de 1840), a Maioridade do Sr. D. Pedro II (Declaração de 23 de Julho tambem de 1840), a creação do Conselho d'Estado (Lei de 23 de Novembro de 1841) e a Lei da Reforma Judiciaria (de 3 de Dezembro de 1841) aperfeiçoaram a obra começada, constituindo caracteristica e autonomicamente e descriminando doutrinariamente os dous partidos, que desde então se denominaram Liberal e Conservador.

Retrocedamos, porém, ao periodo fervido e epico dos prelios porfiados, dos certames sangrentos das tres sociedades politicas. A *Sociedade Defensora da Liberdade e Independencia Nacional*, encarnação do partido liberal moderado, representava a causa vencedora a 7 de Abril de 1831; para os exaltados, personificados na *Sociedade Federal* tinha sido a Revolução uma *journée des dupes*, segundo a qualificou dignamente o fallecido patriota Senador Theophilo Ottoni, na sua importante auto-biographia; quanto á *Sociedade Conservadora*, não significava sua existencia senão um despeito irrisorio e um protesto impotente e miserando contra o verdict

nacional, que proscrevera para sempre uma situação ruinosa, deslustradora e condemnada.

A *Sociedade Defensora* era, por assim dizer, o Governo do Brazil sob sua fórma mais popular, derramado, sem o apparato official e legal, por toda a extensão do paiz, verdadeiro Argos, não de cem olhos sómente, mas de cem mil olhos, sempre vigilantes e prescrutadores; o Governo regencial com o Ministerio, seu instrumento intelligente e responsavel, era a mais alta expressão, a intelligencia, a vontade e a sensibilidade armadas da *Sociedade Defensora*.

Nenhuma destas apparentemente duas entidades politicas era subordinada á outra, em sua vida intima e cordial; porque as duas se constituiram, na realidade, uma só entidade, indivisivel e soberana. Uma vigiava na planicie, outra na montanha; uma deliberava em sua tenda de guerra, sempre reunida, sempre insomne, em conselho permanente, emquanto a outra perlustrava, aqui, alli, os passos do inimigo e gritava a todos os numerosos e benemeritos associados — *alerta* ou *alarma*, conforme o exigiam os acontecimentos diurnos e nocturnos, os tramas e arremettimentos dos *ultra* e dos *retrogrados*, isto é, as machinações sinistras e os subitos ataques dos que condemnavam o presente em nome das esperanças phantasiosas de um futuro informe e fugidio e dos que condemnavam tambem o presente, mas em nome das recordações saudosas de um passado polluto e execrando, fulminado pela proscripção da Nação Brazileira sublevada.

Aquellas duas entidades não formavam, pois, senão um só e mesmo poder, o poder augusto e triumphante, a alma patriotica, indomavel, pura e inspirada da heroica revolução nacional.

A *Sociedade Defensora* era caracteristica e essencialmente conservadora, tomada esta palavra no seu sentido mais alto e mais nobre, porque sómente queria a conservação do bem e não simultaneamente do mal fortuita ou cavillosamente abraçado com o bem, como a parasita damninha e maldicta com a arvore fructifera, deleitosa e salutar.

A *Sociedade Defensora* queria, separando o joio do trigo, a conservação absoluta de todas as grandes e fecundas conquistas da revolução e a extirpação de todos os abusos inveterados, de todos os cancros phagedenicos e chronicos consubstanciados nos costumes publicos e nas praticas governativas; queria, finalmente, tornar

uma realidade vivaz, suprema e fulgurante a liberdade e a independencia desta opulenta região americana, fadada por Deus para todas as grandezas da civilisação, para todas as venturas, para todos os esplendores da gloria. »

A *Defensora* foi a grande arma de que Evaristo lançou mão para manter naquelles tempos de agitação o prestigio da lei e a ordem.

Era a *Defensora* quem de facto governava o Brazil naquella época, e a *Defensora* representava o triumpho da doutrina politica que Evaristo ha tres annos propagava com desusado fervor e inexcedivel pureza.

Abertas as sessões do Parlamento, logo a voz energica de Evaristo echoou no recinto da Camara temporaria, exprobrando perante os seus pares a conducta dos arruaceiros.

« E' preciso—dizia elle—que a gloriosa Revolução de Abril não se perca nos abysmos da dissolução social. »

E, quando a populaça, allucinada, colleava, como uma grande serpe hedionda, nas ruas do Rio de Janeiro, Evaristo, o infatigavel propugnador da ordem, calmo e sereno, censurava da tribuna parlamentar esses odiosos excessos.

« Não o acobardava—como bem diz o Barão Homem de Mello nos seus *Esboços Biographicos*—o espectaculo aterrador do povo armado para assim apoiar seus votos expressados no meio de vozerias na praça publica ; longe de sanctificar esses excessos de seus companheiros de hontem, elle protestava na Camara que *o despotismo é sempre o despotismo, quer fosse exercitado por um, quer estivesse nas mãos de muitos.* »

Feijó secundava galhardamente a acção do grande jornalista, exclamando com a energia que o caracterisava :

« Tudo agora se deve e póde fazer legalmente, nada porém pela violencia e pela desordem. »

Afinal, depois de varios successos sem importancia, o masculo sacerdote foi escolhido para occupar a pasta da Justiça. Ficou, por assim dizer, morta a anarchia, desde o momento em que Feijó, com pulso ferreo, imprimio ao Poder a força que lhe ia faltando. Os acontecimentos de 12, 13, 14 e 15 de Julho não o intimidaram. Desenvolvendo pasmosa actividade, conseguio suffocar a rebellião. Evaristo defendeu naquelle transe angustioso o Ministro da Justiça e verberou, como sempre, a conducta dos turbulentos, entrincheirados no Campo de Sant'Anna. Quando chegou ao Paço, onde o Parlamento se achava reunido em sessão permanente, a representação enviada pelo povo e pela tropa amotinados, o grande jornalista profligou com energia o atrevimento dos rebeldes. Venceu mais uma vez a ordem, a lei, isto é, a doutrina de Evaristo.

Subjugado o motim, Feijó usou do maximo rigor para com os culpados, o que motivou a sahida de dous membros do Ministerio, o General Moraes e o Conselheiro Souza França.

Organisou-se um novo Gabinete, que soube continuar a obra encetada por Feijó, a despeito de todos os obstaculos.

Evaristo continuou a apoiar galhardamente a conducta do illustre sacerdote, collocando na defeza do Governo a *Defensora* e A AURORA.

X

SUMMARIO. — O Partido Restaurador. — José Bonifacio.—Um valioso documento inédito.— Attitude de Evaristo na crise de 30 de Julho.—Os Andradas, Feijó e Evaristo.— Natureza politica da tentativa de assassinato contra Evaristo.

Surgio, afinal, na arena o partido restaurador. Evaristo sorprehendeu os primeiros movimentos desta nova facção, soltou o grito de alarma e empenhou-se em uma nova campanha. Já não eram só os liberaes exaltados que punham a Patria em perigo ; outro grupo se ia formando e crescendo em numero, agitando a bandeira da Restauração, fascinado pelas acções de D. Pedro na Europa.

Evaristo não desanimou em face do novo partido e encetou calorosa e brilhantissima campanha contra os seus intuitos.

A revolta da Ilha das Cobras veio provar que José Bonifacio estava de mãos dadas com os restauradores. Levou Feijó a questão para o seio da Camara.

Temos em mãos a cópia authenticada de um documento que ainda não foi publicado e é de importancia capital.

Neste documento, que em seguida publicamos, a *Sociedade Defensora* tomou a responsabilidade

de denunciar á Regencia a conducta de José Bonifacio:

« Copia dada ao Illm. Sr. Dr. Luiz Francisco da Veiga de hum documento original por elle offerecido á Bibliotheca Nacional da Côrte— «Senhor—Quando perigos reaes ameação a segurança de hum povo, quando o edificio social apparece, senão sobre as bordas, ao menos sobre o escarpado pendor do precipicio; quando os olhos do cidadão só desparão com a catadura medonha de imminentes males: então hum movimento do coração arrasta os filhos da patria a depositar seus vivos alarmas no seio daquelles que velão sobre os destinos publicos, e a sustentar os esforços de seu patriotismo com o despertar do patriotismo de todos.

Chamado pelos livres votos da Representação Nacional á tarefa importante e sublime de communicar hum impulço ao movimento parado da Realeza, vós tendes levado vencimento de tantos obstaculos levantados pelos inimigos da patria contra as suas prosperidades, mas novos perigos suscitados pela infatigavel ambição apparecem hoje; e a Sociedade Defensora da Liberdade e Independencia Nacional, assombrada por elles vem patenteiar-vos as suas sollicitudes sobre a sorte da Nação, e protestar-vos que gostoza fará o sacrificio da ultima gota de seu sangue, se tanto fôr mister para o triumpho da cauza publica.

A verdadeira liberdade, Senhor, não concebe vãos terrores; ella tem assás sentimentos de sua propria força para nada julgar formidavel: não temeriamos, pois, os nossos inimigos, se combatessem a patria por huma franca, e leal maneira: mas he por a mais revoltante perfidia, que os inimigos da revolução, os satelites do Duque de Bragança, intentão firmar o triumpho de seus abominaveis planos: é attentando contra a segurança do Imperador, e de suas Augustas Irmãs, penhor da paz, e das prosperidades do Brazil, que a facção restauradora pretende fazer nascer entre nós scenas de sangue, de crimes, e de horror. Está fóra dos calculos da razão dos homens o ennumerar os fataes resultados de hum tão negro projecto; e o coração de todos os patriotas se encolhe de susto, e hum bem fundado terror, quando tantas provas de connivencia com a atroz cabala dos restauradores pesão sobre o Tutor do jovem Imperador, e

de suas Augustas Irmãs. Sem duvida, Senhor, de todos os cantos do Brazil se levantaria huma vóz terrivel contra a cabala feroz, que ousasse attentar contra a Familia Imperial, sem duvida do seio desta terra da liberdade sahiria hum volcão para engolir a facção culpada dos *Caramurús*, mas a Sociedade Defençora não póde dissimular os males sem termo que desfeixarião sobre a patria, hum só momento do triumpho da perfidia desses homens, sempre nossos encarniçados inimigos. A Sociedade Defensora, movida do fervor do patriotismo o mais puro, vos protesta altamente, Senhor, que nenhum sacrificio he grande a seus olhos, para debellar os inimigos da patria, desconcertar os planos da ambição, e fazer triumpar a liberdade, ora tão acommettida pelos aborrecidos escravos de Pedro I — Rio de Janeiro, 21 de Julho de 1832.—Lista dos que subscrevem o requerimento á Regencia, afim de que se dem providencias contra as tentativas do partido restaurador—Manoel Odorico Mendes, Presidente, Evaristo Ferreira da Veiga, Secretario, Felizardo José Tavares, Saturnino de Souza e Oliveira, Francisco de Salles Torres Homem, Joaquim Antonio Caminha, Domingos Alves da Silva Porto, José de Moraes Silva, Januario da Cunha Barbosa, Raphael Pereira de Carvalho, Francisco Xavier Coutinho, Reginaldo José Feijo e Silva, José Gomes da Fonseca Parahyba, Torcato de Araujo Silva, Antonio João de Sena Ernesto Frederico de Virna Magalhães, João Marcos Vieira de Souza Pereira, José Rodrigues Monteiro, José Domingues de Attaide Moncorvo, Estevão Alves de Magalhães, Luiz Carlos Cardoso e Cajueiro, Luiz José da Fonseca Ramos, Felippe Nery de Carvalho, Francisco José Pereira Lisboa, João Baptista de Almeida, José Lourenço de Castro e Silva, José Eduardo Barbosa, João Thomaz Coelho, Miguel Eugenio Nogueira, José de Pontes França, Fernando Luiz Ferreira, Francisco José de Oliveira, Angelo José da Fonseca Ramos, Felix José da Costa Souza, Fortunato Marcondes de Carvalho Magano, Lino José Borges, Manoel Teixeira da Costa e Silva, Antonio Maria de Moira, José Fernandes da Torre, José da Roza Salgado, Fernando Maximo de Souza, João Pedro da Veiga, Manoel de Mello Velho da Silva, José Alexandre Alves Pereira Ribeiro Cirne, Ignacio Pereira da Costa, Domingos Lopes da Silva Araujo, Antonio José Pereira Maya, José Ri-

beiro da Silva, Luiz Manoel Alvares de Azevedo, Geraldo Leite Bastos, José Domingues Moncorvo, Hermenegildo Duarte Monteiro, Francisco Ferreira de Assis, Joaquim Antonio Pinheiro, João Pereira Darrigue Faro, Joaquim José Pereira de Faro Filho, Jeronimo José Teixeira, Antonio José dos Santos, Candido Bueno da Costa, José de Vasconcellos Menezes de Drummond, José Baptista de Magalhães, José Fernandes de Oliveira Penna, Manoel Francisco Peixoto, Antonio José do Amaral, Manoel Pacheco Ferreira, Vicente José de Oliveira, A. Simonser, Agostinho Thomaz d'Aquino, Francisco José Guimarães, Manoel Moreira de Castro, Vicente Ferreira de Castro e Silva, Paulo Barbosa da Silva, José Teixeira de Azevedo Lima, Francisco de Araujo Pereira Coutinho, Candido José Fernandes, José Bento Leite Ferreira de Mello, João Silveira do Pillar.—Está conforme o original, archivado na respectiva secção desta Bibliotheca. Bibliotheca Nacional da Côrte, 23 de Junho de 1877—Dr. *J. A. Teixeira de Mello*, Chefe da Secção de Mss.— Conforme—Rio, 28 de Junho de 1877.— Dr. *Benjamin Franklin Ramiz Galvão*, Bibliothecario.»

O documento que ahi fica transcripto e que, segundo cremos, nunca foi publicado, nem mesmo n'A Aurora Fluminense, onde appareciam impressos todos os actos da *Defensora*, é de notavel valor historico. Encontramo-lo entre os papeis deixados pelo Dr. Luiz Francisco da Veiga, e confiados ao nosso estudo pelo seu digno filho.

Fortalecido pelo apoio de 78 socios da *Defensora*, Feijó tentou arrancar a Tutoria José Bonifacio. O grande sacerdote, assim como Evaristo, nunca foi amigo e admirador dos Andradas. Em 1823 elle dirigio a D. Pedro I um manifesto ou uma representação contra o Ministerio do Patriarcha. Esse importante documento historico foi publicado n'A Aurora Fluminense de 5 de Setembro de 1832 (n 672). Evaristo teve vivas polemicas com Martim Francisco, o qual, afinal, lançou mão, para fazer

calar o jornalista, de um meio extremo e hediondo, qual seja o assassinato.

A Camara votou a proposta de Feijó, destituindo José Bonifacio do cargo de Tutor; mas o Senado, que em 1831 se nullificára quasi, approvando, apezar dos protestos do Visconde de Cayrú, tudo quanto a Camara lhe enviára, recuperou, em 1832, a sua independencia, e negou apoio áquella decisão da outra casa do Parlamento, tendo já absolvido Clemente Pereira, responsabilisado pela maioria dos deputados, e recusado approvar diversos pontos da reforma constitucional.

Feijó comprehendeu que só um recurso violento poderia salvar o paiz, e Evaristo o secundou no plano subversivo, mantendo comtudo a pureza de sua doutrina politica, ligeiramente abalada pela força imperiosa das circumstancias.

Vejamos o que diz Macedo :

« A' 30 de Julho de 1832 Ministerio e Regencia se demittiram, e a Camara, recebendo o officio que isso communicava, remetteu-o a uma commissão especial que nomeiou, declarou-se em sessão permanente, e horas, depois, ouvio o parecer da sua commissão, propondo o que na *Floresta* se planejára, que a Camara dos Deputados se convertesse em Assembléa Nacional. O golpe de estado felizmente falhou. Não é sabido como nas reuniões da *Floresta* se pronunciou Evaristo ; deve-se suppôr que foi contrario ao plano desse golpe de estado, pois que na sessão de 1º de Agosto (na sessão permanente), elle disse em um seu discurso : « Pela minha parte estava persuadido que convinha investir o poder de força para resistir ás facções, não com os meios lembrados pela commissão, mas com os que cabem no quadro da Lei fundamental. » Todavia, é certo, que a 30 de Julho Evaristo com o Padre José Bento, Costa Ferreira e Paula Araujo sustentaram o parecer da commissão. O golpe de estado de 30 de Julho, se vingasse, teria sido exemplo malefico, porta aberta para outros semelhantes golpes de estado, fundamento

lamentavel da instabilidade constitucional, e a Camara dos Deputados arvorada em Constituinte tantas vezes quantas conviesse ao partido politico dominante nella. Mas deve-se crêr em honra da mais nobre e pura vida politica, pautada escrupulosamente peló culto da Constituição do Imperio, que Evaristo, chefe do Partido Moderado, em temerosas anciedades patrioticas, a prever o desmembramento deste, e com a immensa responsabilidade de sua influencia, se submettesse, embora de má vontade, á profanação, da Lei fundamental, por amor da propria monarchia constitucional e da integridade do Imperio. Foi um erro, mas que esse erro não fosse desculpavel pelas angustiosas circumstancias da situação politica, que não passasse á historia, senão como lembrança de tentativa imprudente e verdadeiramente revolucionaria que falhou, que fosse grande esse erro a que Evaristo foi arrastado pela maioria dos outros chefes do Partido Moderado á seu despeito, como o prova o protesto que deixou ouvir no seu discurso de 1º de Agosto, que peso póde ter esse erro em vida toda cheia de relevantissimos serviços e de abnegação sem igual ? !... »

Eis ahi justificada brilhantemente a conducta politica de Evaristo naquella situação. Faz-se mister, porém, explanar com mais amplitude este ponto, para que sobre a memoria do grande publicista da Regencia não pese a suspeita de que se divorciou um dia de suas idéas ordeiras e patrioticas.

Cabem aqui as palavras do Dr. De Simoni:

« As facções, quaesquer que sejam, acham nelle um obstaculo insuperavel, e seu mesmo partido um censor que lhe não approva os excessos, um dique que lh'os contém. Sua conducta na crise de 30 de Julho de 1832 é cheia de dignidade e grandeza. Ella é a manifestação de um genio que sente sua superioridade e poder, mas que não quer offender a seus superiores e amigos que um momento de illusão desvia do bom caminho. »

Vejamos agora nas proprias palavras de Evaristo a inflexivel correcção de sua conducta.

A AURORA de 8 de Agosto publicou o discurso que elle pronunciou na Camara dos Deputados, na memoravel sessão permanente. Destaquemos alguns trechos da notavel oração :

« No Senado, no Conselho de Estado, na Suprema Magistratura, e em outras Repartições Publicas se encontram estes embaraços á marcha serena e legal da Revolução de 7 de Abril. E é assim que a Regencia e o Governo têm de caminhar, com leis fracas, com meios incompletos,com codigos que foram feitos quando todo o prestigio estava collocado no throno ! E' com estes meios, ou menos ainda, porque a lei das attribuições da Regencia cerceou muitas das do Poder Executivo, que a Administração ha de marchar? Atam-se-lhes os pés, agrilhoam-se-lhes as mãos, e quer-se que a Administração ande.

Senhores, não se accrescente ao soffrimento a zombaria.....

.....

Senhores, eu sei avaliar os perigos dos grandes movimentos revolucionarios, estremeço de chegar o facho á mina, e nunca concorrerei para perturbar a ordem publica.

Quero sustentar pois a Regencia que fôr legalmente eleita para substituir a que ora existe. Quando se apresentou a primeira noticia de que o Ministerio e a Regencia se demittiam, natural era que a maioria da Camara, que por convicção intima das boas intenções e pureza de vistas dos membros da Administração que acabou, existia, no momento se fraccionasse e cada um fosse reduzido á sua opinião indivldual. Foi o que acontceeu Pela minha parte estava persuadido que convem investir o Poder de força para resistir ás facções, não com os meios primeiramente lembrados pela commissão, mas com os que cabem no quadro da Lei fundamental.

Depois, porém, de ter ouvido os discursos que se pronunciaram por um e por outro lado e vendo a repugnancia que havia em prestar as medidas necessarias em tal crise, decidi-me a enviar a emenda que está sobre a Mesa, assignada tambem por um meu illustre collega. Se o obstaculo, se o embaraço todo estava nos homens, se as leis são boas e sufficientes para manter a ordem politica, a tranquillidade interna, e para fazer marchar emfim a Administração, como dizem aquelles senhores que têm pertencido á op-

posição nesta casa ; torno a dizê-lo, se as leis actuaes são bastantes, se o mal tem vindo da não capacidade dos homens que formavam a Administração publica, conserve-se a legislação e mudem-se os homens. Eu pelo que me toca não aspiro e nunca aspirei a governar ; julgo mesmo que é esse o cargo mais pesado que póde cahir sobre os braços do homem honrado, verdadeiro amigo do seu paiz ; não invejo a sorte dos que aceitarem tão delicada missão.

Nesta conformidade, assento, senhores, que nós, marchando coherente com o que havemos estabelecido, e com toda a nossa conducta legislativa, devemos aceitar a demissão da Regencia.

Aqui se disse que nenhum artigo da Constituição nos autorisava a dar este passo ; mas nenhum artigo della tambem nos veda que recebamos um acto de demissão, que se dá voluntariamente.

Aceitemo-la, senhores, para provarmos mais uma vez a todas as luzes que nós, os homens da maioria, dissolvida pelo acto da demissão do Ministerio que acabou, não trabalhavamos, não combatiamos por homens, mas sim pela Constituição e pela Liberdade da nossa Patria. »

Eis ahi o grande Evaristo com a sua doutrina politica mantida inviolavel em meio das duvidas e das incertezas da famosa crise.

Honorio Hermeto subio depois á tribuna e o notabilissimo discurso que pronunciou foi, póde-se dizer, a solução da crise.

A Regencia permaneceu no Poder, Feijó e seus companheiros demittiram-se, organisou-se um novo Gabinete que apenas viveu durante quarenta dias, findos os quaes os moderados reconquistaram as suas posições.

Evaristo continuou trilhando a mesma senda, da qual não se afastára uma só linha durante o curto periodo de ostracismo.

Apoiando com o costumado vigor a nova situação, continuou tambem a verberar os planos da facção restauradora.

Foi na campanha contra os partidarios da volta de D. Pedro que evidenciou melhor a sua grande força como polemista.

Em represalia, todas as infamias lhe foram assacadas pelos seus adversarios.

A sua vida intima foi enxovalhada pelas mais torpes calumnias, as quaes, entretanto, nunca deixou sem resposta.

Houve um momento em que os seus antagonistas, vendo que nem com os recursos da logica, nem com a lama dos insultos, poderiam alquebrantar o animo do formidavel luctador, resolveram lançar mão de um meio extremo.

Referimo-nos a tentativa de assassinato de que Evaristo foi victima.

E' com sincera magua que vamos nos externar sobre este assumpto.

Comprehendemos o respeito profundo que a memoria dos illustres irmãos Andradas deve merecer de todo brazileiro amante das glorias de seu paiz. Não profanaremos o brilho do renome do grande Patriarcha da Independencia e de seus eminentes irmãos. Não é licito, porém, ao historiador conscienciosо velar, por mal entendido sentimentalismo, certos e determinados acontecimentos: « *l'histoire*, disseram labios reaes, *est un témoin et non un flatteur ; le seul moyen d'obliger les hommes á dire du bien de nous c'est d'en faire.* »

Todos os biographos de Evaristo são obscuros e falhos quando se referem áquella tentativa de assassinato. Não se descobrio ainda, no dizer do Sr. Pereira da Silva, « o véo do mysterio que encobre a causa daquelle lamentavel attentado. » Não achamos justificativa para tal reserva dos historiadores. Ninguem ignora e ninguem applaude a conducta de José Bonifacio e Martim Francisco depois da Abdicação. O primeiro auxiliou francamente os planos da facção restauradora e foi sempre um adversario implacavel de Feijó ; o segundo foi um inimigo rancoroso de Evaristo, com o qual travou azedas polemicas na tribuna e na imprensa.

Nos mezes de Setembro e Outubro, Evaristo recebeu avisos repetidos de que se tramava contra sua existencia.

Não deu importancia ás informações anonymas e continuou a viver sem tomar as cautelas que devia. No dia 8 de Novembro, depois de haver jantado em companhia de sua familia, sahio, como de costume, ao anoutecer, em direcção á loja de livros de seu irmão João Pedro da Veiga, situada na rua de S. Pedro esquina da rua da Quitanda, onde um grupo de amigos costumava se reunir á noute em palestras intimas e prolongadas.

Quando Evaristo alli se achava, no interior da loja, conversando com os companheiros, um individuo desconhecido, assomando á unica porta que estava aberta, apontou contra Evaristo uma pistola e fê-la detonar. O terror e a confusão gelaram todos os presentes. Evaristo porém, não perdeu a calma. Sentindo-se ligeiramente ferido um pouco abaixo do olho esquerdo, exclamou bruscamente: *dêm-me um livro!* e, tapando com a sinistra o olho direito, pegou no volume que lhe foi apresentado, e, lendo um trecho ao acaso, disse: *bom, não estou cego, ainda posso ler.*

Foram tambem feridos o Padre Candido Martins da Costa, Official da Secretaria da Guerra, com dous quartos de bala na cabeça, Engracio José Dias, negociante do Rio Grande, com quatorze bagos de chumbo no braço, e Fernando Maximo de Souza, caixeiro da loja, em dous lugares do peito, em dous lugares de uma das mãos e em um dos olhos.

« Felizmente—disse Evaristo em seu jornal—nenhum perigou, porque os tiros não profundaram, talvez em razão de ser a pistola carregada em demasia, que a raiva céga os homens e até os impede de bem dirigir os golpes de seu furor. »

Chamava-se o assassino Joaquim José, morador no Sacco do Alferes, em casa do Tenente Luiz Pinto, do extincto Batalhão 21 de Minas, e era sapateiro, escravo de um fazendeiro de Campos, o qual depois o deu de presente a Evaristo para que d'elle fizesse o que entendesse.

Não se descreve facilmente a impressão produzida no espirito publico pela miseravel tentativa. Encheu-se logo a casa de João Pedro de amigos e até de adversarios politicos do illustre brazileiro, anciosos por saber do que occorrera.

Emquanto o criminoso, instrumento inconsciente de alheios rancores, preso a poucos passos do local do crime, era levado á presença do Juiz de Paz da freguezia da Candelaria, Manoel Ferreira de Araujo, Evaristo, agradecendo as felicitações de seus admiradores, exclamava, energicamente, em plena rua, em frente á loja de seu irmão : *Não me farão calar com esses argumentos !...*

Nos dias subsequentes, continuou a receber em sua residencia as felicitações que lhe foram levar mais de mil pessoas de todas as classes sociaes, Regentes, Ministros, Deputados, Senadores, negociantes, estudantes, etc. Tambem o visitou Bento da Silva Lisbôa, filho de Visconde de Cayrú.

Que espirito rancoroso e perverso impulsionára o braço inconsciente de Joaquim José ? Fôra o attentado a consequencia de uma vingança politica ? Quaes os mandantes do crime ?

Por maior que seja a nossa repugnancia em investigar esta questão, não podemos e não devemos deixar de transcrever aqui o que disse Evaristo n'A Aurora Fluminense (n. 699) :

«O agente do assassino foi preso a poucos passos de distancia do theatro do crime, ahi conduzido, e perante o Juiz de Paz da Candelaria, Sr. Manoel Ferreira de Araujo depoz tudo o que vamos referir e que ao depois, em dias sub-

sequentes, confirmou na presença do Juiz Criminal:—«Que se chamava Joaquim José, e era morador no Sacco do Alferes, em casa do Tenente Luiz Pinto, do extincto Batalhão 21 de Minas, e alli trabalhava pelo officio de sapateiro ; que este fôra quem o havia alliciado para nos matar, da parte de um Coronel, alto, morador na rua do Alecrim, proximo do Campo da Honra, e amigo do Sr. José Bonifacio; que o dito Coronel no mesmo dia, ás duas horas da tarde, fôra á casa do referido Tenente e com elle conversára ; que a mais de cinco dias lhe havia sido encommendado o golpe, promettendo-se-lhe um conto de réis de premio, e que, no caso de ser preso, nada lhe aconteceria; que na vespera passára, para perpetrar o assassinio, mas que não nos vendo na loja, o deferira para o dia seguinte ; que era o Tenente Luiz Pinto que o acompanhou até o logar do tiro, quem lhe designou a victima, e lhe entregou a pistola já carregada e sem vareta.»—Faremos notar que com effeito na vespera, tendo nós hido ao Theatro com a nossa familia, impossivel era que o matador nos encontrasse na loja mencionada, e que todos os seu depoimentos concordam perfeitamente com as circumstancias do facto e com as antecedencias. Por exemplo, o Coronel que o réo designou com signaes evidentes e que logo se vio ser o Sr. Ornellas, é o mesmo homem que no dia 15 de Setembro disse, segundo se divulgou pela cidade, que nós haviamos sido morto com um tiro de pistola ; o Tenente Luiz Pinto, sendo naquella noute procurado em casa, já ahi o não acharam, e até hoje não appareceu ; confirma-se que o assassino morava com elle, desde alguns dias, talvez desde que foi escolhido e trazido do *viveiro*, para commetter semelhante crime. Não ajuntaremos reflexões sobre este, sobre a immoralidade de um partido que lança mão de taes meios, que não duvida mesmo sacrificar alguns cidadãos innocentes, só para ferir o objecto de seu entranhado rancor : quem não reconhece na atrocidade do facto a mão daquelles que desde mais annos são usados a estes horrores para saciar sua vingança e ambição ? Apezar de que o nome do Sr. José Bonifacio fosse pronunciado pelo réo, apezar das relações de amisade que ha entre o Coronel Ornellas e esse cidadão, queremos acreditar que o Sr. José Bonifacio não interveio no crime : não o temos por feroz e perverso. Suppomos antes que o seu

nome foi empregado para removerem do animo do assassino quaesquer temores, fazendo-o contar com essa protecção,e que se lhe encheram os ouvidos do alto poderio de que tem servido de capa para tantos attentados !

Mas quanto a seu irmão, o Sr. Martim Francisco, cuja alma rancorosa todos conhecem, temos mais de uma razão para suspeita-lo; e já varios de nossos amigos nos tinham antes ouvido uma circumstancia que não deve ser esquecida.

A casa da rua de S. Pedro esquina da da Quitanda fôra na vespera do dia 13 de Setembro rondada por um homem de desconfiança,trajado de camponio e de sapatos brancos; dissemos na Camara dos Deputados, em sessão publica, que a nossa vida estava ameaçada; eis que o Sr. Martim Francisco,de quem aliás haviamos pisado o desmedido orgulho em nosso discurso, veio ter com um collega que detestava, e, usando affectada doçura lastima as discordias que nos dividem, declara que a sua vida tem estado em perigo e que á sua porta fôra visto um individuo com taes e taes roupas,dando a fiel descripção daquelle que nos causára justa suspeita. Occorreu isto dous dias antes da predição e conto do Coronel Ornellas, de que havemos já feito menção. Seja o que fôr, a gente desse partido nos promettia um proximo termo; o tiro, na *Trombeta*,no *Clarim* e *Caramurú*, foi objecto de violentos insultos contra a nossa pessoa; esses escriptores sympathisaram claramente com o assassinio; um preparou os animos com a leitura do facto conhecido de Carlota Corday, que apunhalou o monstro Marat, e quiz assim comparar o homem de sangue com um amigo da lei, a republicana fanatisada pela idéa de salvar o seu paiz com um matador assalariado !

Outro (o *Caramurú*) fez mais ainda: depois de ter desculpado o crime diz que *parece observar-se em quasi toda a população um geral sentimento em se não haver cumprido o assassinio, e se tem até desenvolvido indignação contra os que prenderam o assassino !*»

Não é preciso ir mais longe com a transcripção. O que ahi fica é o sufficiente para demonstrar a natureza politica do hediondo attentado, que só servio para augmentar a popularidade de Evaristo.

XI

SUMMARIO — A morte de D. Pedro I e o desapparecimento do Partido Restaurador—D. Pedro julgado por Evaristo.

Nas columnas de seu jornal, Evaristo proseguio na luta diaria contra os partidarios de D. Pedro I. Sem um minuto de desalento, calmo e vigoroso no ataque, dextro e habil na defensiva, não concedeu tregoas aos restauradores senão em 1834, quando a morte de D. Pedro poz termo á contenda.

O procedimento do illustre jornalista nesse momento foi de uma justiça e de uma nobreza dignas de admiração.

O artigo que escreveu sobre a vida e os feitos do galhardo e aventureiro Principe é ainda hoje uma peça historica do mais alto valor.

Não conhecemos melhor apreciação sobre o famoso Duque de Bragança.

Os leitores poderão ler em seguida os trechos que extrahimos dos ns. 987 e 988 d'A AURORA e em que o perfil politico do nosso primeiro Imperador é feito com admiravel criterio e inexcedivel imparcialidade:

« A morte do ex-Imperador do Brazil não he hum facto indifferente para as duas fracções da antiga Monarchia Portugueza. Longe ni so de tantos Reis que vivem e expirão sobre o throno, sem que a sua vida seja sentida, sem que a sua morte valha, ou huma occurrencia notavel, ou huma consideração de momento, D. Pedro

de Alcantara, quer durante o curso agitado de sua existencia, quer por seu fallecimento, abrio o campo a successos importantes e influio mais ou menos nos destinos do Brazil e do Reino de Portugal. Posto que ainda não seja chegado o tempo em que a voz imparcial da historia se faça escutar a seu respeito, nos paizes ao leme de cujos negocios existio, o tempo em que os diversos movimentos de affeição ou de odio deixem de influir no juizo que se fórma desse principe; todavia a religião da campa que cobre seus restos reclama hoje que não se lhe insulte a memoria, e que se recordem mesmo algumas boas qualidades suas, os serviços que prestou á causa da humanidade, da civilisação e da liberdade em ambos os Mundos.

Resistindo com energia a um partido que proclamava o abatimento da retrogradação e da tutella do Estrangeiro, já por longo tempo nós expendemos largamente em nossas paginas as faltas inexcusaveis, pelas quaes D. Pedro perdera o amór dos Brazileiros e os titulos justificativos de nossa conducta, quando a explosão da colera nacional o levou ao ponto de abdicar o sceptro, recebido do voto da mesma Nação. Agora que o nome de D. Pedro deixou de ser o estandarte de huma facção que ameaçava os futuros e a gloria do nosso paiz, podemos dizer afoitamente que o ex-Imperador do Brazil não foi hum Principe de ordinaria medida; que existia nelle o germen de grandes qualidades, que defeitos lamentaveis e huma viciosa educação suffocárão em parte; e que a Providencia o tornou um instrumento poderoso de libertação, quer no Brazil, quer em Portugal.

Se existimos como corpo de Nação livre, se a nossa terra não foi retalhada em pequenas republicas inimigas, aonde só dominasse a anarchia e o espirito militar, devemo-lo muito á resolução que elle tomou de ficar entre nós, de soltar o primeiro grito de nossa Independencia; Portugal se foi livre da mais negra e aviltante tyrannia, deve-o a D. Pedro de Alcantara, cujas fadigas, soffrimentos e sacrificios pela Causa Portugueza lhe merecêrão em gráo subido o tributo da gratidão nacional.

No Brazil, seus erros ulteriores, os desvarios de sete annos tinhão como apagado a recordação dos seus grandes serviços; em Portugal, D. Pedro falleceu no momento mesmo em que punha o remate glorioso á empreza que começára quando

apenas, por seu convite, se havia reunido a Representação Nacional, dando aos Portuguezes hum espectaculo que Lisboa não esperava tão cedo ver, substituindo o das execuções atrozes, das procissões sacrilegas em honra do mais abjecto dos tyrannos.

O ex-Imperador expirou na epocha mais favoravel para a sua gloria; no ponto que medeia entre a viva lembrança do que fez em prol da Liberdade Portugueza, e o receio dos futuros, que talvez nascérão do seu traspassamento...

.....

.....

.....

«Mas, nós dissemos que a morte do ex-Imperador não é hum successo indifferente tambem para o nosso paiz. De facto, huma agglomeração avultada de interesses offendidos, de prejuizos calcados, de medo, de descontentamentos e de orgulho, formára-se no Brazil em redor da bandeira da restauração. Os ameaços que o partido restaurador fazia executar, o receio de que esses ameaços viessem a verificar-se hum dia, a reacção que o amor proprio nacional oppunha as idéas do aviltamento que se nos pretendia imprimir, tudo dava ao paiz o aspecto de dous campos, hum armado para defender a revolução de Abril, o outro para aggredi-la e para destruir a sua obra.

Em presença de tão grave consideração, mil considerações subalternas se calavão, e as alliaças que se fazião, neste ou naquelle sentido, ou segundo os principios que cada hum adoptára, ou segundo os interesses e relações em que era collocado, mas tendo sempre ante os olhos o prospecto de huma tentativa de restauração. Hoje esse ponto de vista desappareceu e o quadro politico soffreu notavel mudança. Não ha restauradores da autoridade de hum defunto; e a liga de diversas entidades que se coordenára sob hum titulo commum, desfez-se por si mesma, faltando o nexo que as prendia. Os individuos que a compunhão tornárão a suas antigas posições e ficárão livres para disporem de si, de seus recursos e meios, segundo sua tendencia, convicção ou novas relações que adoptarem

Se he licito discorrer sobre futuros incertos e que podem ser modificados por muitas imprevistas circumstancias, a massa inteira do partido restaurador vai agora separar-se em duas

grandes secções. A primeira, constando dos ambiciosos, dos espiritos inquietos, dos homens que se bandeárão com a retrogradação por orgulho, ou pelo desejo de dominar, vai abraçar-se com os restos do partido exaltado, fazer causa commum com elles, talvez mesmo arvorar á sua frente o pendão da Republica.

Quanto áquelles que o medo da marcha accelerada das cousas que os prejuizos politicos, ou o sentimento de huma falsa gratidão collocárão nas fileiras restauradoras, procurárão sem duvida refugio na crença social que offerece maiores garantias de ordem, que obrigada a manter as doutrinas da tolerancia e de respeito devido aos fóros individuaes, não póde, sem contradicção manifesta, inquerir passados erros, excitar o povo ás perseguições e á vingança.

Assim as opiniões no Brazil vão achar-se divididas, como em 1831, entre Moderados e Exaltados, entre os homens que desejão a sustentação da Monarchia Constitucional, como elemento necessario á liberdade do paiz, e aquelles que a tudo custo quererião a proclamação da Republica.»

. . . . . .

. . . . . .

Propositalmente nos excedemos na transcripção dos topicos principaes desse notavel artigo de Evaristo Ferreira da Veiga.

Ha nelle duas cousas a notar: a justiça com que o Duque de Bragança é julgado pelo mais culto e mais terrivel dos adversarios de sua politica, e a descripção exacta, nitida, da situação do partido restaurador, depois da morte daquelle que constituia a justificativa de sua existencia.

XII

SUMMARIO — As ultimas batalhas — Evaristo e Feijó—O ultimo numero d'A AURORA FLUMINENSE — O orgulho do livreiro— Viagem de Evaristo á Provincia de Minas — Cartas inéditas — Supremo esforço civico e morte de Evaristo—Um Publicista e um Poeta.

Em 1834 a provincia de Minas Geraes mandou de novo Evaristo á Camara como seu representante.

Na discussão das reformas constitucionaes fez elle brilhantissima figura, pronunciando longos e bem pensados discursos que ainda hoje podem ser lidos com admiração.

No seu jornal continuou progando os bons principios, educando e ensinando, como nos annos anteriores.

Em 1835, fez activa propaganda do nome de Diogo Antonio Feijó para o cargo de Regente e triumpou mais uma vez. O grande sacerdote, em 7 de Abril de 1835, foi o primeiro Regente do Acto Addicional.

Evaristo sentio que o partido que se aggremiara em torno de sua doutrina politica estava prestes a passar por uma transformação radical. Empenhou-se com ardor na luta eleitoral para a renovação da Camara, foi eleito ainda uma vez Deputado por Minas e tambem supplente pelo Rio de Janeiro.

A presença do padre Feijó no Governo inspirou ao grande jornalista a mais absoluta confiança

nos destinos de sua Patria. O ferreo pulso que tantas vezes suffocara a anarchia, era para elle uma solida garantia da estabilidade da ordem e ao mesmo tempo de moralidade na Administração Publica.

Evaristo, que ha sete annos vivia empenhado em uma campanha formidavel em prol de sua Patria, julgou poder descançar tranquillo á sombra da confiança que lhe merecia o glorioso sarcerdote. Longo e tumultuoso fôra o seu tirocinio jornalistico, fecundo em beneficios inestimaveis ao Brazil, que nunca poderá pagar bem a grande divida que contrahio para com o maior de seus filhos. Mas aquella predica diaria a que se consagrara o grande publicista da Regencia, se lhe não abatera o animo, extenuara-lhe as forças, que precisavam ser restauradas pelo descanço. Não ha guerreiro, por mais affeito ás vicissitudes da luta, que não sinta um dia a fadiga chegar, exigindo imperiosamente que se recolha a calma da bainha a espada gloriosa que não vacillara nunca no desferir dos golpes, sempre formidavel e intrepida nas pugnas.

Evaristo comprehendeu que sua missão estava finda.

Em 30 de Dezembro de 1835 suspendeu a publicação d'A Aurora Fluminense, o pequeno jornal que fôra durante tantos annos o guia da opinião publica. Despedindo-se dos seus leitores fez um longo e bello retrospecto de sua agitada e trabalhosa vida politica.

« Essè numero,—diz o Dr. De Simoni—é um epilogo de sua doutrina,um esboço de suas vistas e conducta politica, uma justificação desta e de sua retirada.Alli vê-se a sublimidade de seus principios,a ligação,unidade e vastidão de seu plano, a pureza de suas intenções e a belleza do alvo a que tendiam.»

Quebrada a penna do jornalista, a voz do tribuno emmudeceu tambem.

Estava por assim dizer fechado o cyclo da actividade politica de um dos mais notaveis brazileiros.

Evaristo governou o paiz durante cinco annos, sem que entretanto houvesse querido ou ambicionasse outra posição que não fosse a de um modesto livreiro, de um jornalista independente e de um deputado patriota. Foi sempre um politico devotado á causa publica e muito pundonoroso.

« A honra e a patria, escreveu elle em uma carta dirigida ao seu primo Justino José Tavares, conforme se lê no autographo existente na Bibliotheca Nacional—devem ser a divisa de todo o que se destina a servir funcções publicas ou deste ou daquelle modo. Sem esses sentimentos pouco vale adiantar muito na carreira a que V. Mcê. se dedicou. »

A ascendencia que Evaristo conquistara sobre o espirito publico não lhe mudou os habitos modestos e simples, nem conseguio affasta-lo do balcão de sua livraria.

Quando, no auge de sua gloria, Evaristo por assim dizer tinha nas mãos os destinos da Patria, tão decisiva foi a influencia que em certo tempo exerceu sobre o Governo, do qual entretanto, nunca fez parte, jámais se esqueceu de que era um livreiro. Mais de um nescio atirou-lhe isso em rosto á guiza de insultuosa chacota, e tão pouco orgulhoso era elle que não deixava sem resposta o ataque :

« Deve alguem ter vergonha da profissão industrial que exercita ? E' ser isto então um democrata ? Quanto a nós, declaramos á face do Brazil que somos — mercador de livros e que ainda não tivemos um instante de nos pejarmos disto. »

Em 1836 continuou a frequentar a Camara, mas sem que directamente tomasse parte nas discussões. Honorio Hermeto e Bernardo de

Vascencellos romperam em opposição ao Padre Feijó, mas Evaristo continuou a apoia-lo com seu voto, mantendo entretanto uma certa reserva.

«Não hostil, como bem se expressa o Dr. De Simoni, a um Governo para cuja elevação concorrera, não havendo motivos de receiar de sua estabilidade, elle não queria lisongea-lo nem tornar ousado com o favor e escudo de seu talento e eloquencia. Queria que elle se acreditasse e sustentasse pela justiça e acerto de seus actos e que estes e não os louvores e a protecção justificassem sua escolha.»

O anno de 1836, foi por Evaristo consagrado á Sociedade Amante da Instrucção.

Os serviços que prestou áquella caridosa instituição que ainda hoje ahi está de pé, foram brilhantemente salientados pelo Dr. De Simoni no seu primoroso *Elogio*, que tantas vezes temos citado.

Em 22 de Novembro do mesmo anno o eminente brazileiro partio para a Provincia de Minas.

Sua saude bastante alterada exigia novos ares, e elle escolheu de preferencia a Villa da Campanha, onde tinha dous irmãos e onde seu nome era geralmente estimado.

Concorreu tambem para aquella viagem o desejo que tinha de demonstrar pessoalmente sua gratidão á nobre Provincia, que é, por direito historico, a mais genuina representante do liberalismo no Brazil e que em tres legislaturas consecutivas o honrára com o diploma de membro da Camara temporaria.

Existem na secção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional 19 cartas autographas dirigidas por Evaristo a seu irmão João Pedro durante a viagem e durante a estada em Minas. Essas cartas são inteiramente inéditas.

A primeira tem a data de 23 de Novembro, ás 7 horas da noite.

Nella diz Evaristo :

«Mano João—Aqui estamos arranchados em um pouso adiante do Bangú. Vamos bem e eu tenho me sentido melhor. Já andei duas leguas e meia a cavallo e no fim da feita fico hum cavalleiro mestre. Amanhan pretendemos fazer mais de quatro legoas, se não chover muito. Encontramos o Imperador, que, ao que parece, me conheceu, e fallei com o Paulo Barboza que hia na comitiva.»

A segunda missiva tem a data de 25 de Novembro e foi escripta a 14 leguas do Rio de Janeiro, no *Rancho do Teixeira*, ás 8 horas da noite. Evaristo diz que desappareceram os seus incommodos, queixa-se das chuvas que enlameiam as estradas e proclama os seus progressos na equitação:

« Vou ficando um grande cavalleiro, ainda que por ora desarmado, isto é, sem esporas. »

Na terceira carta, escripta no *Rancho Novo*, em 28 de Novembro, ás 8 horas da manhã, a 20 leguas do Rio, na altura do Pirahy, Evaristo diz que os caminhos estão seccos e que cada vez cavalga melhor.

Na quarta epistola, Evaristo manda dizer, do *Ranchа do Fabiano*, em data de 2 de Dezembro:

« Nem vestigios dos incommodos que soffri nos dias proximos da partida. »

A quinta carta foi já escripta na Villa da Campanha, em 13 de Dezembro.

« Recebidos á distancia de meia legua por grande numero de pessoas, entre as quaes o Juiz de Direito, o Capitão-Mór Stockler, o Commandante da Legião dos G. N. Paulo Ferreira, etc.. podemos afoitamente dizer que tivemos hum bom acolhimento e neste um testemunho da consideração que nossos manos gosão na Villa da Campanha. »

Ha na mesma carta um trecho que nos dá a conhecer o physico de Evaristo :

«O meu afilhado, que he o mais moço, admirou-se da minha barriga e perguntou logo que me vio : *que homem é este tão barrigudo* ? Ah ! esqueceo-me fallar nas cavallarias. Pois saiba que andei 60 leguas a cavallo, sem huma queda, e que estou decidido, logo que ahi chegue, a dar-lhe algumas lições de equitação. Verdade he que para montar me é preciso hum banquinho, mocho ou cousa que o valha, porém, depois de cavalgado, sustento-me como um homem !»

Como se vê nestas palavras, Evaristo era baixo e barrigudo. Falando sobre politica, Evaristo diz na mesma carta :

«O que você me diz da solemnidade da apuração livra-me de toda a especie de arrependimento por não haver ahi esperado mais esses 6 ou 7 dias.»

Na setima carta, datada de 25 de Dezembro, lê-se o seguinte :

« Nada direi quanto á politica da Côrte, porque me acho agora extranho a ella, mas entendo que não tem soffrido mudança desde que dahi fiz viagem. Quanto ao que nos toca havemos sido muito bem acolhidos, posto que hoje se forme um partido, composto de algumas notabilidades do Paiz para annullar a supposta influencia de nossos manos Entre os personagens, o que prédomina he o governismo; não deixa, porém, de haver quem pense acertadamente sobre a politica do tempo. Temos sido visitados por mais de um cento de pessoas e por ora não sei que começasse o jogo das intrigas contra mim».

Na nona carta, datada de 13 de Janeiro, diz Evaristo :

« Sinto a noticia de não ter chegado a Pernambuco o navio que levou os deportados ; desgraça grande seria se se tivesse perdido.»

Da decima primeira carta extrahimos o seguinte trecho, que é de uma importancia capital :

« Alheio á politica, lendo apenas alguns dos jornaes, que dahi chegão (balas já frias), vivendo em estreito circulo, porque já se acabarão as visitas de cerimonia, passo uma vida tranquilla mas monotona e me preparo para os vendavaes da sessão porlamentar.

Digo de veras : olhando para todos os lados, não sei o que farei: é mais facil descreminar em todos os grupos o máo do que o bom, porém, é-me impossivel, sem labéo, sustentar tão mal organisado e exquesito Ministerio.»

A decima segunda carta, datada de 12 de Fevereiro, contém os seguintes trechos :

»Tenho recebido alguns jantares de obsequio e em geral continuo a ser aqui muito bem tratado.

Apenas certo grupo aristocratico se tem posto de participante, sem que comtudo delle tenha eu recebido offensa alguma além dessa mesma frieza que affectão. Não me affligem, porém, os seus enfados. .Desejarei que se realise a noticia que me manda do Tratado feito entre Inglaterra e Portugal — será um bom topico para a molestia de que nos queixamos».

« O *Cincinato* deve ter ganho a aura que você diz : é claro, commum, declamatorio e está no sentido da época. Frio como gelo, não me pareceu obra de gente moça, mas talvez a madureza no *meu primo Bernardo* preferisse a idade. O *Chronista* tem se divertido um pouco commigo e por um modo que claramente mostra a sua má vontade. Paciencia ! São os precalços do officio em que estive empregado tantos annos. Vejo que todo se virou para a Carolice abandonando a politica. Parece-me que teve razão, muito mais trabalhando em carolice do que a humanidade póde colher reaes beneficios. Tambem entendo que o F. de L...(?) logrado, mas espero ainda que o *Beiga e o Salvador*, Brazileiros muchuchos lhe não serão preferidos.

Dez vezes antes os Andradas com todos os seus defeitos. São ao menos nomes que fazem honra ao Paiz e ao Senado.»

Extrahimos da decima terceira epistola, datada de 22 de Fevereiro, as palavras que se seguem:

« O artigo da *Opinião Campanhense* de que Vcê. me fala na de 6 do corrente não é meu e mesmo não o vi senão depois de impresso. E' do mano Bernardo ; porém não ha duvida que na substancia concordo muito com as idéas que tenho sobre a materia.

Se fôra meu, seria talvez um pouco mais aspero e positivo nas arguições feitas ao Ministerio. Tambem não me pertence o que appareceu na *Opinião* de 4 deste mez, apezar de mais explicito do que o artigo de Janeiro. Sinto que o Pe. Geraldo se afflija, mas infelizmente quem póde tapar a bocca do mundo e ordenar que se admirem os talentos parlamentares do Manoel da Fonseca e as virtudes do Pantoja ? Por aqui mmo. apezar de certas influencias, duvida-se muito da infallibilidade do Ministerio e se lhe agoirão maus dias na sessão proxima futura. Não póde comtudo deixar de excitar alguma surpreza a sua *coragem e impassibilidade*.Do mappa das eleições para os dous Senadores vejo que os esforços do Luiz Alves não forão frustados e que muito vencem o deligencia e a perseverança quando sabem dar se as mãos para qualquer empreza. Como foi, porém, preterido o *eximio Parlamentar* ? E' por ser sempre má a causa dos ausentes. Prestou-se a isso o circulo do Torres ? Trabalhou esse circulo na eleição do F. de Lima ? Pelas votações de alguns collegios assim parece.»

Evaristo sahio da Villa da Campanha para dar um passeio a Baependy, de onde dirigio, em data de 4 de Março, a decima quarta carta a João Pedro. D'ella extrahimos o seguinte :

« Li o que me diz acerca do Limpo : é verdade que não fui a Pouzo Alegre mas cuido tambem que S. Ex. não tinha grande vontade de encontrar-se commigo. Quando elle sahio de Agua Virtuosa alli constava que eu tinha de chegar naquelle ou no seguinte dia : porque não esperou ao menos algumas horas ?... Porém eu não sou nem Regente, nem Ministro. nem poderoso, nem influente... e, o que mais é, nada

disso appeteço. Se o vir dar-lhe-ha muitas lembranças minhas, pois afinal de contas gosto delle por ser muito polido e notavel por seu talento. »

No dia 15 de Abril, Evaristo deixou a Villa da Campanha, onde fôra tão fidalgamente tratado pelos Mineiros. Despedindo-se dos campanhenses, escreveu uma longa e tocante poesia, que existe impressa em avulso, e que foi por assim dizer o seu canto do cysne.

Montado em um cavallo chamado *Chibante*, de propriedade de José Pedro de Salles, (depois morte de Evaristo ninguem mais montou nesse cavallo, que foi pelo seu dono tratado como uma preciosa reliquia), partio o o illustre Brazileiro para o Rio de Janeiro, em companhia de seu irmão Bernado.

No dia 2 de Maio chegou á Capital do Imperio.

A pressa com que fizera a viagem, para chegar a tempo de assistir a abertura da Camara, alterára-lhe a saude. A's dores physicas juntou-se, aggravando-as, o abalo moral que em sua bella e immaculada alma de patriota produzio a situação do paiz. Feijó, seu velho camarada e amigo, já não era o mesmo homem de cujos meritos fôra Evaristo um pregoeiro enthusiasta.

O grande jornalista vivia de coração identificado com a Patria, e não podia ver sem profunda magua a ruina do edificio que com tanto sacrificio construira.

Convidado a assistir uma reunião em casa de Feijó, ouvio, silencioso e triste, tudo quanto alli se disse. Tocou-lhe a vez de fallar. Tremulo a principio, mas vigoroso e energico depois, Evaristo fallou darante quasi uma hora, profligando a conducta do Governo, verberando, com o mais profundo sentimento, os desvios do seu velho companheiro de luta. Custou-lhe a vida aquelle esforço supremo do seu civismo.

Voltando para casa recolheu-se ao leito e no dia 12 de Maio, á uma hora da tarde, victimado por uma febre perniciosa, exhalou o ultimo suspiro, depois de haver, como christão que era, recebido os Santos Sacramentos, e de ter dito á esposa e ás tres filhinhas: *Adeus, eu morro: vivei no santo temor de Deus e confiai nelle e em meu irmão.* (57)

Evaristo morreu pobre: é o melhor elogio que se lhe póde fazer.

Os leitores certamente verão com interesse as seguintes curiosas palavras de um chronista do tempo:

« Vê-se na mascara tirada sobre seu cadaver a expressão incontestavel de sua morte: a dôr phisica tem outros caracteres: tudo aqui explica firmeza e concentração; os labios estão cerrados, e com huma leve inclinação que denota dôr reprimida; as palpebres feixadas, a testa sem rugas, e as faces turgidas, tudo caracterisando hum soffrimento recondito, que a seu pezar sua phisionomia relatava. Dir-se-hia que sua alma, apartando-se do corpo lhe deixára impresso no rosto de um modo indelevel toda a sua firmeza e desgostos que a forçárão a sahir do mundo. Esta mascara, prodigioso documento que devemos a hum artista, falla como a mascara de Dante. Na do poeta, porém, perseguido e morto no exilio, vê-se o riso sardonico do despeito modelado nos labios: reconhece-se nas pregas de sua fronte, no abatimento de suas faces e na contracção dos seus labios o autor da « Divina Comedia », o homem que tinha desesperado da cousas da patria e que despejára sobre os homens do tempo o fel de sua indignação e a reprovação de seu genio terrivel e implacavel. Na mascara de Evaristo a dôr moral relata-se de outro modo: os tecidos estão contrahidos fortemente, apezar do seu temperamento e da morte; nenhum vestigio de soffrimento phisico, nem leve signal hyppocratico, que designe a submissão do espirito enfraquecido á enfermidade do corpo. A' vista desta mascara, o phisionomista menos exercitado dirá sem errar: a alma separou-se de hum tal corpo absorvida em hum pensamento grande e doloroso; ella conser-

vou esse pensamento até o ultimo instante, e sua enfermidade foi tão rapida e tão subordinada á affecção moral que nem teve tempo de deixar outros traços além da firme expressão da dôr de sua alma ; e elle ajuntará : tudo denota hum grande homem, tudo nelle era sublime, até a sua morte ».

A inicial M, que subscreve esse curioso trecho, publicado no *Jornal dos Debates* de 12 de Junho de 1837, portanto no 30º dia do fallecimento de Evaristo, parece designar aquelle que tão poderosa influencia exerceu na litteratura nacional e que foi depois o Visconde de Araguaya.

A mascara a que allude está hoje guardada no Museo Nacional; sobre ella modelou o Sr. Ferrez, Lente da Academia de Bellas Artes, um busto que está collocado no salão de honra da Sociedade Amante da Instrucção.

A morte de Evaristo vestiu a Patria inteira de lucto. No dia 13 de Maio, ás 5 horas e 1/2 da tarde, o corpo do illustre Brazileiro foi sepultado na Igreja de S. Francisco de Paula, com assistencia de quasi toda a população do Rio de Janeiro.

Posteriormente foram os ossos transportados para o cemiterio de S. Francisco Xavier e depois para o de S. João Baptista, onde ainda se acham.

Lá irão ter hoje as nossas preces civicas, em homenagem ao eminente patricio que viveu durante um longo e tumultuoso periodo, sem nunca transigir, firme nas suas convicções, inabalavel na sua doutrina politica, como o archanjo exilado das EVOCAÇÕES viveu entre as quatro paredes infinitas do seu sonho.

NOTAS

NOTAS

(1) *A revolução de 7 de Abril de 1831 e Evaristo Ferreira da Veiga, por um fluminense amante da Constituição.* —Rio de Janeiro, 1862.

(2) Não phantasiamos : a scena que ahi deixamos narrada nos foi descripta por um parente de Evaristo. O proprio Visconde de Santa Izabel referiu mais tarde o facto a diversas pessoas.

(3) Quando publicamos o nosso artigo de 12 de Maio recebemos uma carta do Sr. Benoni Veiga, reclamando para seu pai, o Dr. Luiz Francisco da Veiga, a gloria de haver sempre pugnado pelas glorias do grande Evaristo.

A' resposta laconica que demos então ao Sr. Benoni Veiga, precisamos agora acrescentar algumas palavras. Louvamos os sentimentos de amôr filial que dictaram as suas phrases. O Dr. Luiz da Veiga foi, de facto, quem mais pugnou pelo renome de Evaristo Em todos os seus escriptos, que não são poucos e são valiosos, o Dr. Luiz da Veiga tinha ensejo de referir-se ao glorioso jornalista. No correr do nosso trabalho mais de uma vez citaremos trechos das suas obras. O *Primeiro Reinado* é um monumento de convicção, de polemica, ao mesmo tempo de affecto, e tem o grande merito de ser sincero. Assim sendo, força é convir que a critica o tem julgado com excessivo rigor, com injustiça quasi.

(4) O artigo do *Diario Illustrado*, juntamente com os que, no mesmo dia, sahiram publicados n'*O Paiz*, no *Rio de Janeiro* e na *Gazeta de No-*

ticias foram reunidos em folheto, com uma carta do Dr. Randolpho Fabrino.

O folheto, que foi impresso no mesmo anno do Jubileu, na typographia da *Provincia de Minas*, em Ouro Preto, tem o seguinte titulo: « *Jubileu de Evaristo Ferreira da Veiga—Homenagem da imprensa fluminense á memoria de Evaristo Ferreira da Veiga a 12 de Maio de 1887, 50º anniversario de sua morte—precedida de uma carta do Dr. Randolpho Fabrino.*»

O artigo d'*O Paiz* é da lavra do Sr. Quintino Bocayuva,o do *Rio de Janeiro* é de Felix Ferreira, e o da *Gazeta de Noticias* é do Dr. Pires de Almeida.

(5) Bérnard Dérosne—*Le métier du journaliste.*

(6) Paul Brulat—*Le Reporter.*

(7) Paul Brulat —

(8) Bérnard Dérosne—*Types et Travers.*

(9) «A' imprensa, isto é, todos quantos vivem do jornal e do livro, desde o typographo até o livreiro, desde o *reporter* até o publicista, mais que a qualquer outro corre o dever de memorar o livreiro-jornalista que do seu modesto balcão, com um prestigio sem exemplo entre nós, iufluio mais forte e beneficamente nos distinos da patria.» Felix Ferreira—o *Rio de Janeiro* de 12 de Maio de 1887.

(10) O Sr. Dr. Luiz Francisco da Veira, que sempre pugnou pelas justas glorias de Evaristo.

(11) Vide o nosso artigo de 12 de Maio do corrente anno.

(12) « Tão egoista será a Sociedade de que hoje tenho a honra de ser orgão, que, no meio de tantos interesses, ella sinta sómente o proprio e não o infortunio dos companheiros de sua sorte, de maneira que ella recuse associar ao seu o pranto geral, e me dispense ou mesmo me prohiba de o contemplar por um instante, bem como nos motivos que o justificam? Recusará ella que o trophéo que vai erguer ao seu bemfeitor seja engrossado com os ornamentos e despojos que a philosophia, a patria e a humanidade trazem a este logar para o fim commum de honrar a memoria do seu benemerito? »

(13) *Jornal dos Debates*, n. 20, pag. 23, 20 de Maio de 1837.

(14) Elogio de Evaristo Ferreira da Veiga, pelo Dr. Luiz Vicente De Simoni.

(15) Leia-se o prefacio que o Dr. Luiz Francisco da Veiga publicou, editando as *Cartas Chilenas*.

(16) João Pedro da Veiga nasceu no Rio de Janeiro em 29 de Ab il de 1796.Foi tambem seu pai o seu primeiro mestre. Com elle aprendeu no collegio que dirigia, situado na rua do Ouvidor, as primeiras lettras, a mathematica, o francez e o latim. Morrendo sua mãi, deixou o lar paterno e foi,de sociedade com Evaristo, estabelecer-se, tambem com loja de livros, na rua de S. Pedro, esquina da rua da Quitanda.

Em 1827, Evaristo, casando-se, deixou a seciedade, indo estabelecer-se com o mesmo negocio em uma casa da rua dos Pescadores, hoje Visconde de Inhauma.

« Para ausentar-se do oneroso serviço de milicias » que sua saude debilitada não poderia supportar, João Pedro aceitou um cargo na casa real e ahi «servio gratuitamente até 1827», retirando-se por motivo honroso, no dizer do seu filho Dr. Luiz F. Veiga, que o biographou em um pequeno folheto de onde extrahimos estas notas.

Em 1824 João Pedro da Veiga casou-se com Joaquina Rosa da Conceição, pertencente a uma familia de Cabo Frio. Deste consorcio resultaram 19 filhos.

Nunca foi politico militante, mas acompanhou sempre a orientação de seu irmão Evaristo. Como Juiz de Paz da freguezia da Candelaria, eleito varias vezes, prestou relevantes serviços á manutenção da ordem publica em épocas de tumulto. Em 24 de Outubro foi nomeiado membro da commissão encarregada da subscripção para a fundação do Banco do Brazil. Em 7 de Setembro de 1832 foi eleito Vereador da Camara Municipal. Foi durante longo tempo thesoureiro das loterias. Em 1853 foi nomeado membro da commissão encarregada de fiscalisar a construcção do Theatro Lyrico. Em 5 de Julho de 1853 foi nomeiado membro da commissão encarregada de destribuir as acções do Banco do Brazil. Era Commendador da Ordem de Christo

e Official da Ordem da Rosa. Morreu em 2 de Maio de 1862. Teve 18 filhos, dos que existem tres. João foi um grande philantropo.

(17) Bernardo Jacintho da Veiga nasceu nesta cidade, no dia 20 de Junho de 1802 e educou-se a principio com seu proprio pai.

O seu primeiro officio foi o de encadernador, conforme quizera seu pai. Bernardo Jacintho estudou comsigo mesmo todo o curso de humanidades, cumprindo especialisar a mathematica, em todos os seus ramos elementares. Tinha queda para o calculo e, dando credito ao que diz Macedo no *Supplemento do Annuario Biographico* resolvia «problemas arithmeticos e algebricos sem o auxilio da penna ou do giz. »

O interesse de sua saude gravemente alterada por uma dyspepsia e uma hepatite chronicas fê-lo transferir a residencia para Minas-Geraes, em 1818.

Alli se consagrou primeiramente ao commercio e contrahiu nupcias com uma descendente do famoso Amador Bueno da Ribeira, a Exma. Sra. D. Mariana de Paiva.

Jacintho da Veiga, sem descurar os seus interesses commerciaes ia ao mesmo tempo cultivando o espirito e acompanhando com patriotico zelo a marcha da politica nacional. Suas idéas eram as mesmas que seu irmão Evaristo pregava na Côrte em sua AURORA FLUMINENSE.

Jacintho guerreava o absolutismo e pugnava pelo cumprimento da Constituição.

Jacintho da Veiga começou a publicar a *Opinião Campanhense*, jornal que redigio até ao anno de 1837 «em que, com a noticia do fallecimento de Evaristo no Rio de Janeiro ao 12 de Maio, quebrou a penna, ferido por golpe tão doloroso.»

Foi Juiz de Paz e Vereador da villa da Campanha, sendo depois, por Bernardo de Vasconcellos, nomeado para cargo mais elevado.

Deputado provincial de Minas Geraes até 1838, Jacintho foi nesse mesmo anno, em 26 de Fevereiro, nomeiado Presidente. Administrou bem a Provincia e pediu demissão em 1840, acompanhando o seu partido na quéda que soffrera com a ascenção do Gabinete Liberal.

No anno de 1841 os conservadores voltaram ao Poder. Bernardo Jacintho da Veiga, em começo do anno de 1842 foi honrado com a nomeação para o cargo de Director Geral dos Correios, do qual não tomou posse, porque em 25

de Abril o Governo houve bem nomeia-lo de novo Presidente da Provincia de Minas-Geraes.

A responsabilidade era grande, mas Jacintho não recuou em face do perigo, tomou posse e no periodo dos motins evidenciou a sua fortaleza de animo.

O Monarcha, tendo em alta conta os seus serviços, agraciou-o com a Carta de Conselho e com o Officialato da Rosa.

Em 20 de Fevereiro de 1843 pedio e obteve demissão e veio occupar na Camara Temporaria o lugar de Deputado para o qual fora eleito por notavel maioria.

Na Camara, se não brilhou como astro de primeira grandeza, entretanto má figura não fez.

Falleceu em 21 de Junho de 1845, deixando 12 filhos, dos quaes apenas existem tres. Entre os filhos do notavel brazileiro citaremos:

Evaristo Xavier da Veiga, lente de mathematicas na Escola Militar desta Capital, fallecido em 1892, (foi Xavier quem planejou e dirigio a construcção do zimborio da Candelaria); e o Dr. Francisco Xavier da Veiga, medico distincto, fallecido em 1868. Bernardo foi membro do Instituto Historico. Porto Alegre, o cantor de Colombo, fez-lhe o necrologio naquella associação.

(18) Lourenço Xavier da Veiga nasceu no Rio de Janeiro em 21 de Julho de 1806. Em casa de seu pai recebeu as primeiras lições. Saturnino foi nesse serviço auxiliado por Evaristo, que muito coadjuvou a educação de seu irmão.

Por motivos particulares, segundo disse em um discurso o Dr. Sá e Benevides, seguio em 1823 para Minas, onde se casou com D. Jesuina de Salles Veiga e estabeleceu-se com uma loja de livros.

Era muito estudioso e illustrado. Collaborou em diversos jornaes da Côrte e de Minas A sua orientação politica era exactamente igual a de Evaristo. Possuio diversas patentes da Guarda Nacional e prestou grandes serviços na revolução de 1842. Occupou em Minas diversos cargos de nomeação e electivos. Morreu em 1 de Novembro de 1863. Teve 11 filhos, dos quaes existem nove. Entre os mortos, devemos citar o Senador Evaristo Ferreira da Veiga, politico, escriptor e advogado notavel; entre os vivos basta referir o nome do erudito Dr. José Pedro Xavier da Veiga, autor das *Ephemerides Mineiras*.

(19) *Biographia de João Pedro da Veiga*, pelo Dr. Luiz Francisco da Veiga.

(20) Leia-se o prefacio das *Cartas Chilenas*, escripto pelo Dr. Luiz Francisco da Veiga.

(21) *Supplemento do Annuario Biographico* por Joaquim Manuel de Macedo.

(22) *Honras e saudades tributadas á memoria de Evaristo Ferreira da Veiga pela Sociedade Amante da Instrucção, em 12 de Agosto de 1837.*

(23) Publicaremos adiante, na integra, este e outros valiosos documentos historicos, cujos autographos, nunca copiados, segundo cremos, se acham guardados na secção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional.

(24) *Elogio de Evaristo Ferreira da Veiga*, pelo Dr. De Simoni.

(25) Macedo — *Supplemento do Annuario Biographico.*

(26) *Hymnos Patrioticos*, memoria lida no Instituto Historico pelo Dr. Luiz F. da Veiga.

(27) Discurso pronunciado nas exequias da Maçonaria.

(28) Charles Ribeyrolles.

(29) Innocencio da Silva.

(30) « A Bibliotheca Nacional possue tres dos hymnos patrioticos de Evaristo Ferreira da Veiga, e, entre elles, o que tem o estribilho «*Brava gente brazileira*», impressos (impressos, note-se) em 1822, na typographia do *Diario.* »

(31) *Hymnos Patrioticos* — Revista do Instituto Historico — Tomo 40, 2ª parte.

(32) O Dr. Luiz da Veiga observou com razão o erro historico que commetteu o Sr. Visconde de Cayrú : a Thebas das cem portas é a do Egypto.

(33) *Hymnos Patrioticos*—Dr. Luiz Francisco da Veiga—*Revista* do Instituto Historico, tomo 40º, 2ª parte.

(34) *Elogio* citado.

(35) *Hymnos Patrioticos* — Revista do Instituto Historico, tomo 40º, 2ª parte.

(36) *Pantheon Fluminense*, por Lery Santos.

(37) *Elogio de Evaristo Ferreira da Veiga.*

(38) Dr. De Simoni — *Elogio de Evaristo Ferreira da Veiga.*

(39) *History of Brasil.*

(40) *Gazeta de Noticias*, de 17 de Maio de 1887.

(41) *Elogio recitado pelo Dr. Antonio Felix Martins, Gr.·. Ell.·. K.·. S.·. O.·. da Resp.·.* de passagem — era membro de diversas ordens maçonicas. Tambem pertencia á Academia Romaçonicas. Tambem pertencia á Academia Romana e ao Instituto Historico de Pariz. Seu nome arcadico era Filarmonide Fenicio.

(42) Supplemento do *Annuario Biographico.*

(43) « Se sua linguagem usual era temperada e tranquilla como seu animo, sua sensibilidade era tal que em certas occasiões o levava fóra deste trilho pacato e sereno, e sua eloquencia era tão forte e calorosa que pouco distava do clamor e do alarma; raras vezes elle chegava a este ponto e era sómente nos casos mais fortes e desesperados, e quando a materia mais pertencia ao coração do que á mente. » — Dr. De Simoni.—*Elogio Historico.*

(44) *Elogio de Evaristo Ferreira da Veiga.*

(45) Leia-se a poesia que Porto-Alegre publicou no *Jornal dos Debates* de 12 de Junho de 1837.

(46) Todos os biographos salientão bem esta feição do caracter de Evaristo O autor da *Confederação dos Tamoyos*, que era então muito joven ainda, disse, em um artigo que publicou no *Jornal dos Debates* de 20 de Maio de 1837, referindo-se a Evaristo :

« Ha uma grande sciencia que se não aprende e com que a Providencia adorna aquelles sobre

cujos hombros ella repousa ; esta sciencia occulta nós voluntariamente chamaremos a do *bom senso*. Tal é a sciencia dos grandes homens, que faz com que legitimamente se liguem os effeitos ás causas, e nesta *a priori* se vejão os effeitos, o que o vulgo chama adivinhar.»

Macedo, no *Supplemento do Annuario Biographico*, diz :

«O talento não é dom de poucos, a illustração é fructo do estudo : Evaristo, talentoso e illustrado por certo, o era todavia menos do que não poucos dos já conhecidos liberaes ; *A Aurora Fluminense*, porém, tinha revelado nelle, as conferencias da loja tinhão nelle provado um dom, que nem o talento, nem a illustração, nem a sabedoria podem crear, ou supprir, um dom raro, o bom senso, que Evaristo possuio em superior e maxima proporção sobre todos os seus contemporaneos politicos. De 1828 em diante e até sua morte Evaristo foi o *bom senso rei* no Brazil.»

(47) *Historia do Brazil.*

(48) Leia-se o *Rio de Janeiro*, de 12 de Maio de 1887.

(49) *Elogia de Evaristo Ferreira da Veiga.*

(50) O jornal de Evaristo foi de facto uma grande escola. O fim principal que visava era a educação do povo e com especialidade da geração que surgia.

« A felicidade do povo, em um paiz regido pelo systema representativo, depende mais que tudo do maior ou menor conhecimento que este possue dos seus direitos e dos seus deveres. Sem este conhecimento, o povo é apenas uma massa inerte, que recebe no momento o impulso do braço que o dirige, mas que torna logo á sua apathia natural, funesta ao melhoramento e prosperidade do Imperio. Assim tudo quanto tende a illustrar os homens sobre estes dous importantes objectos, é da primeira utilidade e deve merecer séria attenção aos periodistas, cuja especie de magisterio tem por fito, a civilisação e bem ser do povo.»

Isto dizia A AURORA FLUMINENSE em 4 de Janeiro de 1828.

São frequentes nos diversos numeros do jornal de Evaristo traducções e citações de Le Mércier, Daunou, Benthano, Gibbon, Rolingbrocke, Droz, Ganilh, Dunnoyer, yay Blanc de Volx,

Alexandre De La Borde, Rouilly, Benjamin Constant e Franklin. Instruir os seus concidadãos, desenvolvendo theses de direito constitucional, doutrinando sempre — tal a grande obra de Evaristo.

« Foi com esse intuito — disse elle no n. 61 d'A AURORA — que muitas vezes nos não havemos pejado de recorrer aos escriptores francezes e inglezes, cujas opiniões são hoje classicas, vertendo-os litteralmente em vulgar, aproveitando delles os pedaços mais analogos ás nossas circumstancias e buscando assim fazer chegar a todas as classes de cidadãos as suas doutrinas. »

« Além de importunar seu talento, punha a tributo as obras dos escriptores classicos nas sciencias politicas e philosophicas, dos quaes sabia escolher, e publicava as melhores passagens adequadas ás circumstancias e á occasião; de maneira que lhe não era preciso accrescentar observações e a applicação ao caso era feita immediatamente pelo leitor.

Dest'arte, na mesma occasião em que propagava doutrinas pouco conhecidas, fazia sentir sua harmonia com a que professava a sua conveniencia e applicabilidade aos interesses do paiz, e avezava o espirito do povo a confiar no saber e a esperar delle e não de outra fonte o remedio a seus males. » — Dr. Luiz Vicente de Simoni — *Elogio de Evaristo Ferreira da Veiga*.

(51) Leia-se a poesia de Gonçalves de Magalhães, depois Visconde de Araguaya, publicada no *Jornal dos Debates*, de 20 de Maio de 1837.

(52) Felix Ferreira. — Artigo publicado no *Rio de Janeiro*, de 12 de Maio de 1887.

(53) *Elogio de Evaristo Ferreira da Veiga*.

(54) Mais de um biographo tem comparado a vida de Evaristo da Veiga com a de Benjamin Franklin. O *Correio Official*, em sua edição de 22 de Maio de 1837, fazendo o necrologio do illustre jornalista, assim terminou o seu artigo:

« Evaristo, emfim, merece que a posteridade, apreciando muito melhor o seu merito, grave na campa sua este epitaphio, que recommende sua memoria a todos os verdadeiros patriotas: — *Aqui jaz o Franklin Brazileiro* ! »

O saudoso Felix Ferreira disse, em bello artigo que publicou em 1887, no dia do jubileu de Evaristo:

«Se carecesse de um simile para realça-lo mais ainda, ahi estava Benjamin Franklin, a quem Laboulaye com tanto acerto denomina—o Socrates americano. Como o typographo illustre de Boston, o livreiro fluminense tambem ergueu-se das camadas inferiores, das leg ões do trabalho e pouco e pouco, sem esforços ambiciosos nem calculados artificios, lenta, gradual, naturalmente, elevou-se na esphera social como o sol emerge suavemente das caligens invernosas de uma manhã de Junho, até que, evolando-se os vapores levantados da terra, brilha esplendente de luz e de calor.»

(55) Leia-se, entre outros, muitos, o artigo publicado no n. 27 da AURORA, sobre a abolição dos morgados.

(56) Vem a proposito o seguinte trecho de Luiz da Veiga:

« Os elogios prodigalisados neste e nos outros hymnos pelo futuro redactor da *Aurora Fluminense* provam com quanto amor foi D. Pedro aceito pelos brazileiros, quanto nelle confiavam, e provam que só seus actos posteriores poderam divorcia-lo da Nação Brasileira. Evartisto era monarchista, mas presava a liberdade constitucional» (*Revista do Instituto Historico*, tomo 48, pag. 55, nota.)

(57) O irmão ao qual Evaristo se referia era João Pedro da Veiga.

Evaristo deixou tres filhas: Joanna, Leocadia e Edeltrudes.

D. Joanna casou-se com José Duarte da Ponte Ribeiro e ainda vive; a dignissima senhora e seu respeitavel esposo são hoje os representantes mais proximos de Evaristo, cujas glorias zelão com grande carinho e até com egoismo. Deste consorcio resultárão duas filhas, Elvira e Virginia.

Este ultima, que era o encanto do lar de seus dignos progenitores, morreu joven. D. Elvira casou-se com Carlos Adolpho Theodoro Schiller, de quem teve os seguintes filhos: Carlos, Haroldo (fallecido), Waldemar e Maria; enviuvando, contrahio segundas nupcias com o Dr. Carlos Fernandes Eiras, de quem tem um filho de nome Carlos.

D. Leocadia casou-se com Augusto Henrique Gonzaga e ambos são fallecidos; tivêrão os filhos seguintes : Dr. Evaristo da Veiga Gonzaga, actual Secretario da Côrte de Appellação, e Augusto da Veiga Gonzaga.

D. Edeltrudes casou-se com José Domingues Attaide Moncorvo; ambos fallecêrão sem deixar filhos. O pai de Evaristo, Luiz Saturnino, falleceu em 15 de Dezembro de 1840, e a viuva, D. Edeltrudes, em 5 de Março de 1890.

OBSERVAÇÃO

Publicada esta monographia no «Jornal do Commercio», o Sr. Benoni Veiga, filho do Exm. Sr. Dr. Francisco Luiz da Veiga, nos dirigiu uma carta, protestando contra a affirmativa que o leitor encontrará á pagina 49.

Tinha razão o Sr. Benoni.

A viuva de Evaristo recebeu de facto os autographos das poesias de Evaristo. Estes autographos existem e serão opportunamente, talvez, publicados em volume.

Julgamos necessaria a rectificação que ahi fica e que é uma homenagem á memoria do autor d'«O Primeiro Reinado».

INDICE

INDICE

PAGS.

CAPITULO I — A influencia que Evaristo exerceu sobre os homens de seu tempo, demonstrada por um episodio interessante e real — O Centenario — Psychologia da Imprensa — O « Correio Brasiliense » e « A Aurora Fluminense » — A nossa historia e os nossos historiographos — Reminiscencias collegiaes 3

CAPITULO II — Arvore genealogica — O Pai e os Irmãos de Evaristo — Curso de Humanidades — Os attestados dos mestres — Um documento inedito 21

CAPITULO III — Evaristo no periodo da Independencia — Sonetos e Hymnos — A autoria do «*Brava Gente Brasileira*» reinvindicada pelo proprio Evaristo — — Versos ineditos 33

CAPITULO IV — A vida de Evaristo de 1823 a 1827 — O livreiro — O apparecimento d'A AURORA FLUMINENSE — O jornalista 51

CAPITULO V — A attitude de Evaristo em face do poder e dos partidos 63

CAPITULO VI — A marcha dos acontecimentos em 1828 e a posição de Evaristo — As revoltas das tropas estrangeiras e a affronta do Almirante francez Roussin — As eleições 75

CAPITULO VII — O anno de 1829 — Evaristo, os absolutistas, os ultra liberaes e os republicanos — A intervenção do Brasil nos negocios de Portugal — A sessão extraordinaria 87

CAPITULO VIII — O anno de 1830 — Uma prova eloquente da correcção politica de Evaristo — O Deputado e o Orador — Influencia da Revolução dos Tres

PAGS.

Dias sobre os acontecimentos do Brasil — A viagem do Principe á Provincia de Minas Geraes.. 93

Capitulo ix — Perfil politico do Primeiro Monarcha — Evaristo, a Federação e a Reforma — Evaristo e o elemento portuguez — Evaristo e a Revolução de 7 de Abril — A luta contra a Demagogia — As Sociedades Politicas — Evaristo e Feijó..... 101

Capitulo x — O Partido Restaurador — José Bonifacio — Um valioso documento inedito — Attitude de Evaristo na crise de 30 de Julho — Os Andradas, Feijó e Evaristo — Natureza politica da tentativa de assassinato contra Evaristo... 117

Capitulo xi — A morte de D Pedro I e o desapparecimento do Partido Restaurador — D. Pedro julgado por Evaristo. 131

Capitulo xii — As ultimas batalhas — Evaristo e Feijó — O ultimo numero d'A Aurora Fluminense — O orgulho do livreiro — Viagem de Evaristo á Provincia de Minas — Cartas inéditas — Supremo esfo ço civico e morte de Evaristo — Um Publ cista e um Poeta.... 135

Notas... I

Observação.

Typ. do *Jornal do Commercio*

C. MS/352

Weimar 03/01 C.38